UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

ANA LUÍZA MELLO SANTIAGO DE ANDRADE

COMEMORAÇÕES ENTRE ATOS:

O CENTENÁRIO DO COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS

(FLORIANÓPOLIS, 1988 – 1998)

FLORIANÓPOLIS

2013

ANA LUÍZA MELLO SANTIAGO DE ANDRADE

COMEMORAÇÕES ENTRE ATOS:

O CENTENÁRIO DO COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS

(FLORIANÓPOLIS, 1988 – 1998)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História do Tempo Presente (Linguagens e Identificações).

Orientadora: Professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha

FLORIANÓPOLIS, SC

2013

ANA LUÍZA MELLO SANTIAGO DE ANDRADE

COMEMORAÇÕES ENTRE ATOS:O CENTENÁRIO DO COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS (FLORIANÓPOLIS, 1988 – 1998)

Dissertação para a obtenção do grau de mestre no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca Examinadora

Orientadora: Prof. Dra. Maria Teresa Santos Cunha (PPGH-UDESC)

_____

Membro: Prof. Dra. Maria Izilda Santos de Matos (PUC-SP)

_____

Membro**:** Prof. Dra. Cristiani Bereta da Silva (PPGH-UDESC)

_____

Suplente: Prof. Dra. Luciana Rossato (PPGH-UDESC)

_____

Florianópolis, 11 de março de 2013.

Ao Pedro
pelo amor e pelas histórias partilhadas

Aos meus pais, Silvana e Nivaldo,
Pelo mundo de leitura que sempre me proporcionaram

AGREDECIMENTOS

Agradecer é ativar a memória, lembrando os que incentivaram ou de alguma forma auxiliaram para a finalização deste trabalho. Assim, agradeço:

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas bolsas concedidas. O investimento na produção acadêmica foi vital para o desenvolvimento deste trabalho.

À Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) pela infraestrutura e pela boa formação proporcionada. Da mesma forma agradeço ao Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) que durante seis anos me acolheu como aluna de graduação e pós-graduação.

À professora Maria Teresa Santos Cunha, pela orientação agora concluída e por todos esses anos de aprendizado na convivência. Obrigada pelo trabalho desenvolvido em conjunto, pelos ensinamentos, pela atenção e respeito que sempre pautaram nossa relação. Obrigada pelos investimentos, desde a Iniciação Científica, em 2008, até as orientações do mestrado e pela oportunidade do Estágio Docente, tão bem aproveitado.

À professora Maria Izilda Santos de Matos pela disponibilidade em participar da banca, à professora Cristiani Bereta da Silva pela leitura atenta do trabalho na banca de qualificação e por ter aceito compor esta banca. Ao professor Norberto Dallabrida pela leitura do trabalho e pela participação na banca de qualificação bem como à professora Luciana Rossato pela leitura e pelas sugestões feitas ao texto final.

Ao Programa de Pós-Graduação em História e aos professores, aqui nomeados pelo contato que tive nas disciplinas oferecidas, que tanto auxiliaram na escrita desta dissertação: Maria Teresa Santos Cunha, Janice Gonçalves, Luiz Felipe Falcão, Reinaldo Lohn e Sílvia Fávero Arend.

Ao Grupo de Estudos de História, Cultura Escrita e Leitura, pela aprendizagem e pela experiência das discussões em conjunto. Em especial agradeço à Mariane, à Carol e à Gabi.

Aos meus familiares, que das mais variadas formas estão presentes neste trabalho: ao meu pai, Nivaldo, à minha irmã, Bea. À minha mãe, Silvana, que sempre se dedicou à minha formação e investiu em mim das mais variadas formas. Obrigada pelo apoio, pela torcida, pelo carinho e compreensão sempre. Ao meu padrinho, Ademir, pelo interesse constante. À Dona Vina, Suzana, Cris, Gero. Ao Gui e a Belinha que fazem a vida mais leve. E ao Pedro com quem partilhar a vida é sempre alegria, soma e amor. Obrigada pela compreensão e pelo carinho, sempre.

Às minhas amigas, que acompanharam de perto a produção: Ane, Kika, Lari, Luisa e Tâmy. A vida sem vocês não teria a menor graça. Aqui cabe um agradecimento especial à Tâmyta: quem disse que a vida acadêmica é uma vida solitária, errou. Muito pode ser partilhado, e é muito bom ter uma parceira como és para mim.

Às minhas amiguinhas de infância, agradeço o interesse e a presença: Bruna, Cacá, Júlias, Rê e Rafa. Vocês são especiais.

Aos colegas do mestrado pelas experiências e discussões partilhadas, em especial agradeço à Scheyla, Elis e Lara.

Aos amigos Claudia e Marcelo, pela sempre agradável companhia.

Por fim agradeço ao Colégio Coração de Jesus por tantas experiências e expectativas partilhadas.

“Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte.”
(Machado de Assis 2008 p.626)

“À contemporaneidade do envelhecer junto, eles acrescentam uma nota especial referente aos dois acontecimentos que limitam uma vida humana, o nascimento e a morte. O primeiro escapa à minha memória, o segundo barra meus projetos.”
(Paul Ricoeur , 2007 p. 141)

RESUMO

Esta dissertação é um estudo sobre as comemorações em torno do centenário do Colégio Coração de Jesus, escola católica e privada da cidade de Florianópolis. Em seus festejos, ocorridos entre os anos de 1988 e 1998, foi possível verificar o investimento em história e memória que foram dadas a ler de variadas formas. Através de crônicas, escritas por ex-alunas da instituição, nota-se o tom pessoal que as memórias afetivas trouxeram para o seio das festas. Já a partir do livro de Maria Regina Boppré, intitulado *O Colégio Coração de Jesus na Educação Catarinense* foi possível verificar a intenção de produzir uma narrativa oficial da história da escola, e assim memória e história dão o tom das comemorações de noventa anos da instituição. As festas centenárias, datadas de 1998, ganharam as ruas de Florianópolis e os jornais locais. Ao analisá-las, a partir dos jornais de circulação interna do Coração de Jesus – *Palavra do Coração* – e dos jornais de circulação regional, foi possível notar a necessidade de mostrar-se à cidade. As festas centenárias entrelaçam passado, presente e futuro, tendo em vista que começam a anunciar algumas mudanças no já consagrado sistema de ensino até então, atreladas ao passado relembrado com saudosismo pelos cronistas locais Paulo e Sérgio da Costa Ramos. O final deste trabalho dedica-se à análise dos horizontes de expectativas (KOSELLECK, 2006) enunciados pelo Coração de Jesus em meio às suas festas. Novos temas e preocupações para o ensino, novas sedes e novas propostas educacionais marcam a entrada do Colégio no novo milênio.

Palavras-chave: Comemoração – Memória – Educação

ABSTRACT

This thesis is about the commemorations leading up to the centennial for the Colégio Coração de Jesus, a catholic and private school located in the city of Florianopolis. These festivities occurred between the years of 1988 and 1998. During this time period, it was possible to verify an investment in history and memory, which could be ascertained in a variety of ways. Various chronicles written by former students of the institution show us the personal tone that the affective memories brought to the centre of the commemorations. Conversely, when analysing the book titled *O Colégio Coração de Jesus na Educação Catarinense*, by Maria Regina Boppré, it is possible to notice the intent of producing an official narrative of the school's history. Thus, memory and history set the tone for the institution's ninetieth anniversary celebrations. When analysing them from the Coração de Jesus' internally circulated newspaper – *Palavra do Coração* – and from others of regional circulation, it was possible to notice the need to show off to the city. The centennial celebrations intertwine past, present and future if considered that they begin to announce some changes in the already consecrated school's teaching system and yet related to the past nostalgically recalled by the local chronists Paulo and Sérgio da Costa Ramos. Towards the end, this thesis analysis the horizons of expectations (KOSELLECK, 2006) stated by Colégio Coração de Jesus amid its parties. New subjects and concerns to education and new educational proposals that stamp the entrance of the Colégio into the new millennium.

Keywords: Celebration – Memory – Education

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tabela construída pela autora contendo informações retiradas das crônicas de ex-alunas veiculadas em Informe Especial no jornal *O Estado.* 39
Tabela 2 Tabela listando as fontes pesquisadas pela autora de acordo com os anos das mesmas e o número de exemplares encontrados. 46
Tabela 4 Palavras Chaves dos Artigos dos Anais do I Congresso de Educação. 90
Tabela 5 Temas dos artigos do I Congresso de Educação. 91

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Fotografia da fachada do Colégio Coração de Jesus, em inícios do século XX..27
Figura 2 Da esq. 1. Frei Junípero 2. Pe. Bráulio Weber 3. Pe. Ney Brasil Pereira 4. D. Murilo Krüegger 5. Pe. Werno Weber 30
Figura 3 Capa do Informe Especial veiculado no jornal *O Estado* em 11 de junho de 1988. 31
Figura 4 Alunas do Colégio Coração de Jesus com uniforme de gala durante procissão de Corpus Christis, década de 1930. 32
Figura 5 Capa do Livro de Maria Regina Boppré. 47
Figura 6 Alunas do Curso de Letras do Colégio Coração de Jesus, década de 1920. Fotografia presente no livro de Maria Regina Boppré. 50
Figura 7 Formandas da década de 1940 em desfile pelo centro da cidade durante a Festa do Centenário. Fotografia veiculada no jornal Palavra do Coração. 60
Figura 8 Capa da Edição Especial de *Palavra do Coração*, de junho de 1998. 78
Figura 9 *Palavra do Coração,* junho de 1998. 79
Figura 7 Capa do Site do Colégio Coração de Jesus em 1998 83
Figura 8 Maquete da futura sede da escola presente na Agenda Escolar de 2001 85
Figura 9 Listagem das Atividades oferecidas nos Centros de Desenvolvimento – Agenda Escolar 2000 86
Figura 10 Mapa referente à distribuição das escolas nas proximidades das Universidades 87
Figura 11 Notícia do site do Colégio, de 2003 92
Figura 12 "Aprendizado ambiental é chave para desenvolvimento sustentável". Reportagem de Palavra do Coração 92
Figura 13 Reportagem sobre da Primeira Gincana Ecológica, de 2003 93
Figura 14 Notícia da abertura das atividades da sede de Jurerê Inetrnacional 97

LISTA DE ABREVIATURAS

CCJ – Colégio Coração de Jesus

ALESC – Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina

CDL – Câmara dos Dirigentes Lojistas

IDES – Irmandade do Divino Espírito Santo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12
No abrir das cortinas: Comemorações, Tempo Presente e EDUCAÇÃO. 12
2. PRIMEIRO ATO 24
2.1 POR QUE COMEMORAR? OS 90 ANOS DO COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS 24
2.2 JOGOS DE LUZES: AS CRÔNICAS DAS EX- ALUNAS 35
2.3 POR UMA BIOGRAFIA DO PROTAGONISTA: O LIVRO "O CORAÇÃO DE JESUS NA EDUCAÇÃO CATARINENSE" 44
3. ENTRE ATOS 55
3.1 A RUA COMO PALCO: AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DO COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS 55
3.2 COMEMORAÇÕES EM CRÔNICAS: GERAÇÃO E JUVENTUDE POR PAULO DA COSTA RAMOS 63
3.3 NOSTALGIAS DE UM CRONISTA: A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE SÉRGIO DA COSTA RAMOS 72
4. SEGUNDO ATO 80
4.1 NO INTERVALO DAS COMEMORAÇÕES: PROJETOS 80
4.2 O I CONGRESSO DE EDUCAÇÃO 88
4.3 COMEMORAR PARA MODERNIZAR 94
5. NO FECHAR DAS CORTINAS 101
DOCUMENTOS PESQUISADOS 104
REFERÊNCIAS 107

1. INTRODUÇÃO - No abrir das cortinas: Comemorações, Tempo Presente e Educação.

Produção, montagem, espetáculo, palco, cortinas. A linguagem teatral é bastante fértil para narrar comemorações e tais noções têm presença nesse trabalho que objetiva destacar a centralidade do ato de comemorar o centenário de uma escola tradicional, tecido para além do espaço meramente escolar. Este trabalho pretende debruçar-se sobre as comemorações produzidas durante o decênio de comemorações do Colégio Coração de Jesus, instituição de ensino privado e católico da cidade de Florianópolis entre os anos de 1988 e 1998. A proposta aqui é entender a preparação e montagem das festas, suas estratégias e táticas, ou mais, os usos desses momentos de aniversário/comemorações para uma instituição de ensino. Afinal, qual o sentido dessas demandas? Que concepções de passado/tempo norteiam isso?

Entendendo as comemorações como a montagem de um espetáculo, é possível pensar que as mesmas foram estrategicamente preparadas e taticamente vivenciadas[1] (CERTEAU, 2008 p. 47). Assim, a partir da análise que neste trabalho se segue é possível usar termos como espetáculo, iluminação, plateia, público, palco, bastidores. Tais festejos foram produzidos, narrados, espetacularizados, dados a ver e, aqui, propiciaram uma leitura. A execução de uma peça teatral envolve a escrita do roteiro, a produção do espetáculo, os ensaios, a preparação dos figurinos e do cenário, a direção dos atores no palco, a delimitação de papéis, os cuidados com som e iluminação para, depois de tudo pronto e ensaiado, apresentar-se ao público, abrindo as cortinas do palco, fazendo do roteiro e dos ensaios, da preparação anterior, um espetáculo. Nesta pesquisa, tais festividades foram pensadas desta forma e apresentadas metaforicamente transitando pela lógica da montagem teatral: preparo dos roteiros, cuidado com figurinos e cenários e, por fim, a espetacularização das comemorações, notadamente no espaço público da cidade.

As celebrações referentes ao centenário desta escola foram minuciosamente preparadas e experimentadas por algumas camadas da população da cidade, atores como jornalistas, ex-alunas e ex-alunos, políticos e comerciantes, deixando entrever o trânsito que tal instituição construiu com a cidade, bem como certa extensão dos laços identitários e afetivos que promoveu entre a população local e a escola. Isto aponta para a necessidade de

[1] Entendem-se os termos estratégias e táticas a partir dos estudos de Michel de Certeau. Para o autor, a estratégia é, pois, a ação calculada, que busca o homogêneo, planejando ações calculadamente. Os esquemas predeterminados e planejados, como as festas do Colégio Coração de Jesus, são, portanto, feitas de modo estratégico. Já as táticas são as formas de vivenciar tais estratégias, ou mesmo de burlar as regras por elas impostas. São as formas de lidar com os esquemas previamente calculados. As maneiras de vivenciar e driblar as ações estratégias.

comemorar e lembrar na atualidade. Estas operações são reivindicações de um Tempo Presente.

É, pois, de suma importância perceber a emergência dos estudos que envolvem os debates sobre comemorações para a História do Tempo Presente. Considerando esta corrente uma História de retornos – do fato, do político, do testemunho – há de se destacar o seu recorte temporal situado no pós-guerra, entendendo-se a especificidade do nosso tempo: são vontades e obsessões de memória e de história, são necessidades de buscar ou forjar identidades, de dar sentido, de ter o controle, de unificar, de promover identificações; temos menos memória e pela sua fragilidade há que fazer história. François Hartog, em seu texto intitulado Regimes de Historicidade, discute o *presentismo* e auxilia na compreensão da História do Tempo Presente, bem como da necessidade dos estudos que envolvem os problemas das comemorações:

> Outra fenda apareceu no presente por meados dos anos setenta, tão bombástica, mas já bem obcecada com predições: mostrou-se ansiosa acerca da questão da identidade, numa busca pelas raízes, uma ânsia de memória, preocupada com o "patrimônio", atormentada pela conservação de monumentos, de lugares antigos ou não tanto, a preservação da natureza. Ansiosa com a recuperação do que fora perdido, ou estava para ser perdido ou inquieta com o que fora "esquecido" (especialmente a memória da II Guerra Mundial). (HARTOG, 1996, s/p)

O presente que requer memórias, que as busca no intuito de “recuperar o que fora perdido” e forjar identificações é do que se está falando ao trabalhar com as comemorações referentes ao centenário do Colégio Coração de Jesus em Florianópolis, entre os anos de 1988 e 1998. Para Stuart Hall as identidades não são naturais, biológicas, mas sim “formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 1992; p. 48). Entende-se, portanto, que as comemorações promovidas pelo Colégio fomentaram um rol de representações, um conjunto de significados em torno de sua história, produzindo sentidos, construindo com ações e discursos a importância do Colégio Coração de Jesus para educação catarinense. Essa *comunidade simbólica* (HALL, 1992; p.49) é o que possibilita sentimentos de identificações e pertencimento, tais quais os promovidos em torno da instituição aqui analisada. Ainda referente aos laços identitários que as festas foram capazes de promover e forjar é possível entender tais elos a partir da perspectiva de Z. Bauman, quando afirma que o ser semelhante é mais significativo às distinções. Assim, nas festas do Colégio, é possível perceber o quão relevante é *fazer parte* daquilo que se comemora:

> O aspecto em que somos semelhantes é decididamente mais significativo que o que nos separa. Significativo bastante para separar o impacto das diferenças quando se trata de tomar posições. (BAUMAN, 2001, p. 202)

Vestir a camisa da escola foi o que se propôs durante esta década de festas. As vontades de se sentir parte integrante e essencial daqueles eventos é o que aparece nos documentos pesquisados. Os elos afetivos e identitários que a instituição organizou e forjou são os motes comemorativos propagandeados nas escritas aqui analisadas.

Partindo-se da noção de que o historiador está sempre em contato com seu tempo, um dos principais postulados da História do Tempo Presente, entende-se a especificidade de lidar com esses novos temas e novos problemas, como bem afirmam Agnès Chauveau e Phillippe Tétart (CHAUVEAU; TÉTART. 1999 p.10). Entendendo esta mudança na relação entre o historiador, seu tempo e seus temas e considerando que passado se faz no presente, encaminha-se este trabalho para uma análise ancorada nesta perspectiva historiográfica, afinal, o olhar posto sobre este objeto, o Colégio Coração de Jesus, é, pois, um olhar do presente, aderindo-se a ele os temas e os problemas que este presente nos impõe.

Aqui reside a importância das questões acerca das memórias para a História do Tempo Presente. Para a filósofa argentina Maria Inês Mudrovcic (2009; p.101), uma das principais características da História do Presente é o retorno de Clio à Mnemosine, ou o retorno da História à Memória. Os historiadores, até então, pouco se dedicaram a estes debates, deixando as discussões ao encargo de cientistas sociais, psicólogos, filósofos. Porém, no fim do século XX, as questões relativas ao uso da memória voltaram a ser preocupação de historiadores, pois essa passou a ser requisitada pelos meios sociais. Pierre Nora é um dos historiadores que entre as décadas de 1970 e 1980 debruçou-se acerca dos estudos sobre as memórias e a proliferação destes lugares para lembrar que evidenciavam que a memória não era mais portável, daí fixar o termo *lugares de memória* (Nora, 1993). Seus estudos foram bastante movimentados/mobilizados pela onda nacionalista vivenciada na França nos fins do século XX e seu intuito era deixar bastante definidos os lugares da história e das memórias. Paul Ricoeur (2007), filósofo francês, dedicou-se em seu livro *A Memória, A História, O Esquecimento,* aos processos fenomenológicos da memória, suas especificidades e problemas, bem como suas relações com a História, entendendo que a memória nunca foi apartada da história, elas estão enredadas em uma íntima relação e este é um processo a ser compreendido a partir da perspectiva que entende que esta "resulta da relação entre a ausência da coisa lembrada e sua presença na forma de representação*"* (RICOEUR, 2007, p.72). Assim sendo, a

memória mobiliza uma ausência, que é trazida ao presente em forma de representação, e desta forma entende-se que não é possível recuperar uma lembrança por completo. O que é possível perceber nas análises dos documentos são as formas de narrar, ou seja, as representações daquilo que é ausente. Para Ricoeur, a linguagem é a região onde os discursos podem se entrecruzar e, assim, o que se analisa, portanto, são as representações construídas de um passado. Para o autor:

> Em sua fase declarativa, a memória entra na região da linguagem. A lembrança dita, pronunciada, já é uma espécie de discurso que o sujeito trava consigo mesmo. (RICOEUR, 2007, p. 138)

Estudar as formas como as memórias são requisitadas na contemporaneidade, produzindo sentidos, reelaborando identidades e promovendo encontros é bastante importante para que se entenda a emergência da História do Tempo Presente para o campo historiográfico. O retorno da história às memórias nos traz novas possibilidades de abordagens das questões postas no século XX, especialmente no que tange às comemorações. Em todo o mundo, viu-se o acontecimento de eventos comemorativos; na França, o bicentenário da Revolução Francesa em 1989; no Brasil, as comemorações referentes à instauração da República; nos níveis locais, encontram-se, igualmente, exemplos de comemorações e, nesse contexto, analisa-se o centenário do Colégio Coração de Jesus. De acordo com E. Hobsbawn, os centenários são invenções datadas do final do século XIX, pois são referentes às comemorações das revoluções americana e francesa (HOBSBAWN, 1988 p.29) .Todos esses eventos mostram, além de vontades de comemorar, vontades de memória. A proliferação das memórias está posta na sociedade contemporânea, haja vista que ela é requisitada tanto pelos meios intelectuais como pela sociedade civil, e cabe ao historiador lidar com estas questões sensíveis, violando as memórias para gestar a história (ALBUQUERQUE JR, 2007 p. 119).

As comemorações, em Florianópolis, referentes aos noventa e cem anos do Colégio Coração de Jesus são, logo, questões possíveis para análise a partir da ótica da História do Tempo Presente. Por serem comemorações e colocarem os olhares do presente no passado, usando-o, selecionando-o, inventando-o, percebe-se que o passado esteve imerso nesses festejos, sendo trazido ao presente a serviço das comemorações. Portanto, a forma como foram roteirizadas e apresentadas, as maneiras de ler, escrever e vivenciar as festas é o que se pretende analisar nos capítulos que seguem.

Deve-se salientar, também, o aspecto/critério católico das comemorações em torno

dessa escola confessional. O catolicismo tem como principais datas algumas importantes comemorações, tais quais Natal e Páscoa. Comemorar estas datas é, para a religião católica, uma de suas principais atividades. Nosso calendário é marcado pelas celebrações do catolicismo e, dessa forma, pode-se pensar que os usos de tais comemorações servem também para reafirmar os valores cristãos para a sociedade civil. É possível entender, portanto, que estas comemorações católicas fazem parte de um *ethos* católico, entendendo-se tal termo a partir dos estudos do antropólogo Clifford Geertz, que afirma que *ethos* seriam os "aspectos morais de uma dada cultura, os elementos valorativos" (GEERTZ, 2008; p. 92). Ainda de acordo com Geertz:

> Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao Estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida. (GEERTZ, 2008, p. 67)

O uso dos atos e datas comemorativas parece ter tido um funcionamento bastante semelhante por parte do Colégio Coração de Jesus, pois as comemorações tiveram também centralidade nas atividades em torno dos aniversários da escola. Nessas festividades, a liturgia católica apresentou-se como uma das principais práticas. Nos casos aqui estudados, as celebrações católicas – como missas e procissões – e os valores católicos – como o amor a Deus, as palavras da Bíblia e o ensino religioso – são pontos enfatizados nas narrativas produzidas no seio desses acontecimentos. Mais ainda, os valores católicos parecem ser exaltados, evidenciando que o maior elo entre instituição e tradição se dá pelo catolicismo arraigado naquele meio escolar que abrigava filhas das chamadas elites locais. Entende-se por elite o que Flávio Heinz considera como "dirigentes, pessoas influentes, abastados ou privilegiados" (HEINZ, 2006; p. 7) e, assim, percebendo que o acesso a este meio escolar privado estava bastante restrito às filhas destes dirigentes locais, essas fazendo parte das chamadas elites. Para Maria Teresa Santos Cunha, em seu estudo acerca dos jornais infantis produzidos pelas alunas do Colégio Coração de Jesus entre as décadas de 1940 e 1950, a partir dos documentos guardados pode-se problematizar a tarefa do historiador no trabalho com as elites, a fim de compreender a construção de seu universo:

> A tarefa do historiador, aqui, consiste em problematizar estas fontes por

> meio de um ato significativo de interpretação, 'o de quem a preserva para o futuro, tanto quanto o de quem a recupera para o presente' para descobrir outros mundos possíveis e dele extrair um universo mental e material das elites. (CUNHA, 2011; p. 239).

É a isto que este trabalho se propõe: debruçar-se sobre documentos escritos variados, tais como livro comemorativo editado sob os auspícios do próprio colégio, crônicas e reportagens de jornais, para uma melhor compreensão dos valores partilhados por parte desta elite em torno do Colégio Coração de Jesus.

A ideia inicial desta pesquisa surgiu justamente do questionamento quanto às relações entre Estado e Igreja Católica. Se já em fins do século XIX e com o início do sistema republicano no país a constituição previu um Estado Laico, é válido buscar compreender o trânsito de instituições como o Colégio Coração de Jesus nas vias e na vida pública da cidade, bem como a valorização das propostas educacionais oferecidas no interior da escola por parte deste meio público, tais como jornais locais e colunas sociais. Entender, portanto, no catolicismo - e principalmente na positivação dada aos seus valores - um dos principais avais para o trânsito na cidade é um ponto relevante nas análises que se seguem. Estas relações entre o Colégio católico e a vida pública podem ser pensadas a partir da perspectiva de Rogério Luiz de Souza:

> Afinal, a partir de 1890, com a separação decretada entre Estado e Igreja, o processo de criação de dioceses foi acelerado, passando de doze para oitenta unidades diocesanas em apenas quarenta anos. Houve, claramente, uma estratégia de restauração e expansão da Igreja Católica, marcada por uma nova organização espacial e funcional de modo a estabelecer-se em lugares centrais da vida política e econômica dos Estados brasileiros e a favorecer sua aproximação e articulação com as elites locais. (SOUZA, 2008, p.)

O Colégio Coração de Jesus iniciou suas atividades em 1898 com a vinda das Irmãs da Congregação da Divina Providência para o Estado de Santa Catarina. Esta congregação iniciou suas atividades, em meados do século XIX, atendendo às demandas de uma época, com vistas às obras de caridade e às benfeitorias, com o intuito de "ajudar e atender aos pobres e aos marginalizados na Alemanha." (BIANCHEZZI, 2008). Inicialmente com poucas alunas, a escola abriu as portas para o ensino confessional e privado na cidade. Em fins do século XIX e início do século XX, na capital do Estado, com um novo sistema de governo, novos serviços para as elites locais eram requisitados. A educação foi um desses serviços que auxiliaram na modernização do Estado e o Colégio Coração de Jesus inicia suas atividades neste tom. Nos anos iniciais, abrigou as filhas de uma nova elite local, composta de

funcionários públicos e políticos, por exemplo, como demonstra o estudo de Maria Teresa Santos Cunha e Elisabeth Juchem Machado Leal:

> Os registros de matrícula mais recuados encontrados na Secretaria do Colégio datam de 1912 e constam do "Livro de matrícula do Curso Complementar". 33 alunas estavam matriculadas nesse curso. Eram as seguintes as profissões ou cargos dos pais: negociante (11); estancieiro/fazendeiro (4); desembargador (4); empregado público (3); funcionário público estadual (2); comerciante (2); engenheiro (2); diretor da Empresa de Terras e Colonização (1); Diretor da Estrada de Ferro (1); ferreiro (1); colchoeiro (1) e padeiro (1). (CUNHA; LEAL, 1991 p.38)

Esta nova elite local, que vivia o sonho de uma república (CHEREM, 2001 p.298), tinha garantidos os estudos para suas filhas e seus filhos, pois o Colégio teve seu correspondente para a educação dos varões das famílias *tradicionais* do Estado: o Colégio Catarinense, também em caráter confessional e privado, pertencendo à ordem Jesuíta. Para Norberto Dallabrida, a instalação destas escolas confessionais está bastante relacionada à "perda da condição de religião oficial e da supressão do ensino religioso nas escolas públicas", e, por esta perda de público, a "Igreja Católica passou a reinventar sua ação pastoral, procurando disseminar a ortodoxia romana" (DALLABRIDA, 2001, p.19). Figurando nos inícios do século XX como um dos principais meios de educação para essas meninas, o Colégio segue uma trajetória de aprimoramento da educação oferecida. Se, em seu início, a formação escolar da mulher e sua profissionalização como professora eram o foco do ensino oferecido em seus bancos escolares, em meados da década de 1950 esta situação sofre algumas alterações, com a implantação do Curso Científico, alargando as possibilidades quanto à profissionalização e aos acessos aos cursos superiores. (MARTINI, 2010). Outra notável modificação ocorreu a partir de 1971. Até o momento, a escola dedicara-se apenas à educação feminina em suas salas de aula e, a partir de tal data, passou a abrigar também meninos, fato que sinaliza uma atenção aos novos tempos de coeducação.

Para entender as razões de se comemorar aniversários por parte da instituição, uma variada gama de documentos foi reunida. Dentre elas, crônicas, colunas sociais, jornais de circulação interna, livros, agendas escolares e anais do I Congresso de Educação promovido pela escola, em 1998. Nesses escritos¸ é possível perceber de que forma os festejos foram ensaiados, produzidos e exibidos. Podem-se notar os usos da memória e da História, as maneiras de forjar identificações geracionais e de classe, de definir o lugar no espaço (CERTEAU, 2008; p.176), ou seja, os documentos aqui estudados deixam entrever os

recursos estratégicos do Colégio durante as comemorações. Mas ainda é necessário salientar os usos das comemorações num momento de propostas de modernização educacionais pensadas e esperadas pela instituição.

As crônicas aparecem neste trabalho como importantes documentos a serem estudadas. Nelas, foi possível encontrar e analisar as mil maneiras de experienciar a escola e os festejos que os indivíduos demonstraram em seus escritos. Como forma de iluminar a questão proposta, foi possível estudar um conjunto de crônicas de ex-alunas da escola, chamadas a dar seus depoimentos em um Informe Especial no Jornal *O Estado*, quando da comemoração dos 90 anos da instituição, em 1988. As formas de produção de si, de representações que faziam da escola, e os usos que o Colégio fez dessas memórias narradas é o que se espera discutir ao analisar este conjunto de crônicas. Além das ex-alunas dois cronistas de diferentes jornais locais dedicaram-se a contar suas memórias pessoais em suas crônicas. Paulo da Costa Ramos, no Jornal *O Estado*, relata suas experiências de juventude em torno do Colégio, congraçando-o por seu centenário. Já seu irmão, Sérgio da Costa Ramos, no Jornal *Diário Catarinense*, traz em sua crônica muitas lembranças da Festa do Divino Espírito de sua juventude, festa a qual esteve sob a responsabilidade do Colégio Coração de Jesus em 1998, ano de seu texto. As crônicas são, portanto, trabalhadas como documentos bastante importantes para perceber os usos desta modalidade de narrativa em momentos comemorativos e, a partir delas, podem-se notar as representações e identificações criadas pelos escritos em torno da instituição, foco deste trabalho.

Outro documento aqui analisado é o jornal de circulação interna, intitulado *Palavra do Coração*, periódico que trazia suas páginas, uma forma de programa da peça apresentada nas comemorações centenárias. Iniciando suas atividades em 1997, um ano antes da festa do centenário, este impresso distribuído à comunidade escolar mensalmente, está presente no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, em uma pasta específica onde se encontram guardados escritos sobre a instituição. Enviado pelo Colégio à Biblioteca, pode-se perceber intenções de guardar para perenizar os relatos ali contidos, as narrativas ali construídas. Deve-se destacar, ainda, que apenas os exemplares relativos à Festa do Centenário e Festa do Divino foram doados à Biblioteca Pública. Dessa maneira, o Colégio buscou deixar rastros de seus festejos através de suas próprias narrativas. *Palavra do Coração* é uma das modalidades de escrita analisadas neste trabalho, que evidencia as vontades da escola quanto à divulgação de seus feitos em meio às festividades. Através deles, é possível remontar um pouco as festas, percebendo, ainda na construção dos textos, as maneiras

laudatórias de contar e narrar sua história.

Através da divulgação feita pelo Colégio, as festas foram congraçadas e receberam destaque das colunas sociais dos jornais locais, como o *Diário Catarinense* e o Jornal *O Estado*. Por elas, é possível ler os investimentos da escola ao chamar seus ex-alunos e ex-alunas, a opinião pública e em maior extensão propagandear o centenário para atingir o próprio público leitor dos jornais. Cabe aqui ressaltar a atuação do jornalista Aldo Granjeiro, assessor de imprensa da instituição no que se refere à divulgação dos atos comemorativos. Nas poucos documentos que puderam ser consultadas no acervo do Colégio Coração de Jesus, um número bastante significativo de correspondências deste contrarregra do espetáculo foi encontrado. Nelas, as direções e pormenores das formas de expor as festividades ficam em evidência. O contrarregra, nas peças teatrais, é o profissional responsável pelos objetos postos em cena e pela entrada dos atores no momento certo. Esta parece ser a função do assessor de imprensa em meio às comemorações. Escolhendo os objetos a colocar em evidência, sua atuação veio no sentido de divulgar e promover a instituição, como foi possível verificar no comunicado enviado à equipe do programa de televisão *Espaço Aberto*, em 31 de março de 1998. Nesta data, a diretora da instituição daria uma entrevista ao programa e, antecipadamente, o assessor envia as perguntas que deveriam ser feitas à diretora, visando divulgar a escola no seu momento de auge comemorativo[2].

Outro ponto bastante relevante é o destaque dado ao Colégio pelas colunas sociais em meio às festas. Estar nas colunas sociais dos jornais locais viabilizou a execução das festas e chamou a comunidade escolar a participar, tendo em vista que o público alvo das colunas sociais, ou seja, quem comumente lê tais notas, parece porvir das classes médias e altas urbanas e escolarizadas, público alvo também do Colégio. Possivelmente, boa parte de seus ex-alunos é também leitora destas colunas do jornal.

No ano de comemoração dos 90 anos da escola, a historiadora Maria Regina Boppré foi chamada para produzir um livro contando a história da instituição, bem como para organizar seu acervo. A partir do livro *O Colégio Coração de Jesus na Educação Catarinense (1898 – 1988)* nota-se os investimentos em História e as vontades de guardar. Neste sentido, através da leitura e analise do seu conteúdo, procurando os destaques dados pela autora para alguns momentos da escola, esta ação tornou possível analisar a construção da narrativa do

[2] Dentre as perguntas enviadas por Aldo Granjeiro para direcionar a entrevista que seria dada por Ir. Norma Feuser, diretora da instituição, estão as seguintes: o que motivou a instalação do Colégio em Florianópolis? Qual o significado desses cem anos? Qual a missão do ensino privado? O que faz a diferença no Colégio Coração de Jesus?

livro, quais pontos foram destacados, logo, que história é relevante contar – e afirmar – num momento de comemorações e, mais ainda, quais os usos dessas histórias narradas. Este livro apresenta-se como uma fonte bastante fértil para pensar os usos da História em meio às comemorações e, por esse motivo, será alvo de análise no primeiro capítulo deste trabalho.

Nos anais do I Congresso de Educação, encontrado na Biblioteca da Universidade do Estado de Santa Catarina, e nas agendas escolares vindas de acervos pessoais, os projetos futuros da escola são dados a ler, mostrando parte de seus *horizontes de expectativa* (KOSELLECK, 2006). Como uma abertura para *um novo tempo*, este evento parece trazer novas ideias quanto ao ensino proposto pela escola e, assim, mudanças e diferenciações aos modelos passados, ou seja, "o que se espera para o futuro está claramente limitado de uma forma diferente do que foi experimentado no passado." (KOSELLECK, 2006; p. 311). São *horizontes de expectativa* que se delineiam no seio das comemorações. As noções de Reinhart Koselleck para tal termo parecem caber para as análises referentes aos eventos promovidos pelo Colégio Coração de Jesus, pois este abre seus horizontes em direção ao futuro e, assim sendo, concorda-se com Koselleck quando esse afirma que o "Horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado." (KOSELLECK, 2006; p. 311).

Esse congresso ocorreu também no ano de 1998 e figura nos documentos deixados pelo Colégio, notadamente em seu acervo, como a principal comemoração do centenário[3]. Assim, a partir dos anais, contendo escritos da direção e coordenação da escola, é válido ler as relações entre as modernizações propostas para educação com as tradições reafirmadas pelas outras festividades promovidas. O intuito aqui é perceber a fixação de bases tradicionais na educação florianopolitana para promover modernizações e modificações no ensino.

Os capítulos que integram esta dissertação centram-se em análises de momentos comemorativos, entendendo os usos das festas para promoção da escola. No primeiro capítulo, ou *Primeiro Ato* desta peça, encontra-se um estudo sobre a importância de preparar as comemorações dez anos antes do centenário. Debruça-se ainda na feitura das festas, buscando compreender as formas de comemorar, entendendo este momento como a preparação do Colégio para a montagem do espetáculo a ser feito dez anos depois. De tal

[3] No acervo do Colégio Coração de Jesus, foram encontradas três pastas produzidas para guardar materiais referentes ao ano de 1998, intituladas MEMÓRIA – CCJ – 1998. Nelas, a maior parte das fontes diz respeito ao I Congresso de Educação, especialmente às cartas e mensagens enviadas à instituição sobre este evento. Políticos locais e profissionais envolvidos com a educação enviam mensagens parabenizando o CCJ pela iniciativa do Congresso, bem como se explicam pela ausência no mesmo. Ainda no jornal Palavra do Coração, a narrativa produzida pela escola dá bastante destaque ao evento, colocando-o em posição de destaque frente aos outros atos.

forma, buscou-se perceber as estratégias pensadas no sentido de fixar bases sólidas da escola. Analisar-se-á, a partir de elementos como, por exemplo, as comissões montadas pela escola, e citadas por Maria Regina Boppré (1989), considerada historiadora oficial do Colégio, como essa festa foi organizada e como foi contada, relatada posteriormente, sinalizando algumas representações que a instituição construiu de si em forma de textos.

O segundo capítulo deste trabalho, ou *Entreatos*, permite um estudo acerca da comemoração de centenários, evidenciando o centenário do Colégio Coração de Jesus. Deve-se salientar que a escola é uma das instituições catarinenses iniciadas com a República, atendendo as necessidades de certo público. Assim como o CCJ, muitas outras instituições pelo Brasil comemoram seu centenário em fins do século XX e inícios do século XXI. As comemorações são, pois, problemáticas possíveis para a História do Tempo Presente. Para tais estudos foca-se aqui em dois festejos. O primeiro deles é a Festa do Divino Espírito Santo, promovida no centro da cidade – na praça ao lado da instituição – e que teve como festeiro[4] (o responsável pela festa) o Colégio Coração de Jesus. Os usos desta festa são percebidos através do enlace de tradição, catolicismo, elites locais e camadas populares, demonstrando as movimentações e passos dados pela escola durante o festejo. Foi possível, ainda, recriar as festividades do Divino, buscando perceber a cidade praticada em torno deste festejo, como é possível ler através da crônica de Sérgio da Costa Ramos. Um leque de documentos foi reunido e, a partir dele, é possível notar esta festa e seus usos e representações.

Outra comemoração analisada neste segundo capítulo é referente ao *Dia do Ex-Aluno* ou à *Festa do Centenário.* Na festa, atividades que propunham caminhar pela cidade foram uma das principais atividades. As ex-alunas são organizadas pelo Colégio e mostram-se para cidade. Através dos jornais de circulação interna *Palavra do Coração* pretende-se analisar de que forma a escola se expôs ao publico e como organizou o dia do ex-aluno. A partir da crônica de Paulo da Costa Ramos no Jornal *O Estado*, da repercussão e divulgação do festejo nos jornais locais e da representação da festa no jornal *Palavra do Coração* é possível pensar nas formas como a festa foi montada e executada, a que momentos da história da escola ela recorre – seja através das ex-alunas ou das outras atividades propostas, como a alvorada festiva ou a musealização de antigas salas de aulas.

O terceiro e último capítulo, nesta organização caracterizado como *Segundo Ato* tem como foco debruçar-se sobre os projetos futuros da escola. Estes projetos são dados a ler a

[4] Comumente, os festeiros da Festa do Divino são casais que dispõem-se a organizar e promover a festividade. No ano de comemoração de seu centenário, numa inovação, a instituição Colégio Coração de Jesus assume este cargo e fica à frente da organização da festa.

partir dos Anais do I Congresso de Educação da escola. Os projetos para o futuro começam a tomar corpo no período entre 1988 e 1998.

A pesquisa, centrada nos documentos aqui arrolados, procurou perceber aspectos de produções de si, do forjar de identificações, dos horizontes de expectativas que permitem questionar a significação desse evento no presente e abrir significados para suas possíveis ressonâncias no futuro. Todos esses objetos cênicos, atores e cenários juntam-se para formar um enredo composto de dois atos que, além do que o roteiro prevê, dão a ler aspectos úteis para a problematização das comemorações do Colégio Coração de Jesus e suas *mil formas de fazer* as comemorações no Tempo Presente.

2. PRIMEIRO ATO

2.1 POR QUE COMEMORAR? OS 90 ANOS DO COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS

Em 1988, o Colégio Coração de Jesus iniciou efetivamente suas comemorações referentes ao centenário da instituição, que ocorreria dez anos depois. Sendo assim, cabe o questionamento sobre os porquês em torno de iniciar-se uma comemoração com dez anos de antecedência e, mais ainda, as ferramentas utilizadas para produzir tantas comemorações.

Procurar na temática das comemorações um território fértil para os estudos sob a ótica da História do Tempo Presente é um dos enfoques deste trabalho, tendo em vista as discussões propostas pelo filósofo Paul Ricoeur. A questão central acerca das comemorações está na relação entre História e Memória. Este capítulo, que se propõe a analisar memórias narradas em forma de crônicas e a construção de uma história oficial da instituição está, pois, imerso nesta questão tão cara à História do Tempo Presente.

Os estudos de Paul Ricoeur são notadamente importantes para um trabalho cuja temática central envolva as comemorações – e, consequentemente as memórias que durante elas são ativadas – pois o autor entende que é na linguagem, ou seja, nas formas de contar, que as memórias são representadas e trazidas ao presente. As análises que aqui se seguem vão ao encontro desta proposta, entendendo que as memórias contadas como crônicas são formas de representação do passado. Estes fenômenos, como os de representação, são, para Ricoeur, associados às práticas sociais. (RICOEUR, 2007, p. 140). É a partir dessas representações do passado que se pode entender o que abordam Maria Izilda de Matos e Yvone Dias Arelino quando afirmam que “o presente destrói e constrói o passado” (MATOS; ARELINO, 2000, p. 193). Tanto para as autoras quanto para Ricoeur, o entendimento das memórias e das comemorações é possível a partir do entendimento das linguagens, das formas como estes fenômenos se expressam.

Se, por um lado, os estudos sociológicos em torno das memórias - especialmente os estudos de Maurice Halbwachs - opuseram veementemente história e memória, colocando a primeira a serviço do estudo crítico e das problematizações científicas, e a segunda no campo da imagem e do afeto (SILVA, 2002, p.427), mais ainda, um sendo fruto da racionalização e o outro fruto dos sentimentos, os estudos de Ricoeur vão de encontro a esta bruta divisão propondo uma nova via para as análises que envolvem História e Memória. Para o autor, as tramas da memória devem ser usadas unidas a um esclarecimento por parte da historiografia. Acreditar nesta mediação é, para Helenice Rodrigues da Silva (SILVA, 2002 p.426), um dos

grandes desafios para a História do Tempo Presente, afinal, essa ótica desloca o que até então se conhecia da relação entre história e memória.

É possível perceber nesta perspectiva o *boom* comemorativo vivenciado no Tempo Presente. Sendo a História do Tempo Presente, aos moldes do que aconselham Agnès Chauveau e Phillip Tétart, uma história do século XX, "amputado de seu primeiro terço" (CHAUVEAU; TÉTART, 1999 p.20), cabem perfeitamente as análises de Ricoeur, pois põem em destaque os deveres e vontades de memória – sejam em torno dos horrores da Segunda Guerra Mundial ou, mesmo em escala regional, como a situação aqui em estudo, de instituições como o Colégio Coração de Jesus. De acordo com Ricoeur

> A História do Tempo Presente está numa fronteira onde se esbarram uma na outra a palavra das testemunhas ainda vivas e a escrita em que já se recolhem os rastros documentários dos acontecimentos considerados. (RICOEUR, 2007, p. 456)

Esse é, portanto, um dos desafios dessa corrente historiográfica que se pretende enfrentar. Assim, entende-se que os estudos das memórias tragam este tom de mediação entre as testemunhas ainda vivas e as formas de narrar a história.

O problema da memória passa a ser estudado não só pelos meios acadêmicos como também passa a ser requisitado pelos meios sociais (a moda retro, a vendagem de livros biográficos e a produção crescente de documentários são alguns exemplos). Por isso as análises das relações entre memória e história apresentam-se como grandes destaques numa proposta historiográfica fincada no presente.

As vontades de verdade, ou seja, a veracidade é, para Ricoeur, problematizada por Silva, o principal elemento comum entre Memória e História: "a história reencontra, então, a memória, nessa sua ambição de verdade." (SILVA, 2002, p.430). Tal relação pode também ser pensada em diálogo com as propostas de Roger Chartier quanto à questão da Representação. O alargado uso deste conceito – notadamente pelos historiadores culturais – é a temática de seu artigo intitulado *Defesa e Ilustração da Noção de Representação* (2011). Nele, Chartier combate às críticas referentes aos maus usos de seu conceito. As críticas mais veementes dizem respeito à suposta "falta de realidade" (CHARTIER, 2011, p.15) quando as análises privilegiam demasiadamente as representações. Tais críticas são referentes, notadamente, às ideias de realidade confrontadas com as de representações e, assim sendo, estas últimas estariam fadadas ao invencionismo. Chartier defende seu campo, afirmando que a possibilidade de se fazer história está justamente na mediação, na relação entre práticas e

representações, afinal, “as representações das práticas e as práticas da representação” (CHARTIER, 2011; p.16) devem ser o foco dos estudos históricos. Parece, portanto, que há um profícuo diálogo entre as propostas de Ricoeur e de Chartier, afinal, o primeiro entende que as memórias nos são dadas a ler a partir de representações e o segundo traz em seus estudos os elos entre as práticas e as representações. As questões acerca das memórias e das representações conectadas a partir dos escritos dos dois autores acima citados são primordiais para este trabalho que, a partir do centenário do Colégio Coração de Jesus, busca compreender estas relações entre memória e história, entre práticas e representações, pensadas a partir de documentos aqui reunidos para dar legitimidade a esta pesquisa. É este jogo representativo que se pretende capturar nos documentos e análises aqui dispostos.

O comemorar pode ser entendido a partir do exposto de Silva, que afirma que comemorar é “reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade.” (SILVA, 2002; p. 432). Comemorar foi para o Colégio Coração de Jesus, a possibilidade de expor sua história, além de memórias em torno da instituição. Tais atitudes foram usadas não somente para festejar um aniversário, mas também para forjar um local de destaque entre o leque de propostas de educação em momento de crise para as instituições, notadamente as confessionais, tão tradicionais, como o Colégio, “tempos de crises e incertezas do presente e o futuro” (SILVA, 2002; p. 430) que marcam as ações em torno das comemorações centenárias.

No momento em que o Colégio comemora seus 90 anos, percebe-se um alargamento das opções para o ensino formal e particular na cidade de Florianópolis. As mais variadas ofertas podem ser encontradas, ocasionando certa preocupação referente ao mercado educacional no qual a instituição estava inserida por quase noventa anos e figurava como uma das principais opções durante boa parte do século XX.

Com o aumento da oferta de instituições particulares de ensino - provenientes do crescimento econômico e populacional da cidade de Florianópolis - o Colégio pensa suas comemorações também como meios de (auto)divulgação e (auto)promoção. O ensino formal de caráter privado ficou boa parte do século XX sob responsabilidade principalmente dos colégios confessionais, como o Colégio Coração de Jesus e o Colégio Catarinense.

Figura 1 Fotografia da fachada do Colégio Coração de Jesus, em inícios do século XX.[5].

Com o crescimento urbano experienciado pela cidade pós 1960 e as modernizações vivenciadas também no mesmo período, novas propostas de ensino passaram a ser oferecidas na cidade, causando desconforto e preocupação aos dirigentes do Colégio, fazendo do ato comemorativo um ato, também, de divulgação, acionando tradição e competência.

O centro da cidade de Florianópolis figurava como a área com mais serviços no perímetro urbano em razão de variadas situações. O poder político-administrativo encontrava-se neste perímetro urbano, as elites locais procuravam morar nesses arredores e assim, serviços como a educação fixaram-se nesta localidade nos inícios do século XX (REIS, 2004).

O Colégio Coração de Jesus encontra-se no centro desta demarcação. Pode-se considerar aqui a delimitação deste centro urbano como a área formada pela triangulação Av. Beira-Mar Norte, Av. Mauro Ramos e Rua Felipe Schmidt. Florianópolis, capital do Estado, no início do século XX sofreu também as ações modernizantes em prol das reformas urbanas que pipocavam pelo país. Alargamentos de ruas e construções de praças foram acontecendo ao mesmo tempo em que as classes populares foram expulsas do perímetro central para dar contorno às modernidades, dar espaço ao público alvo dessas transformações urbanas: classes médias e altas. Assim, populações que viviam, por exemplo, no entorno da Praça XV de Novembro, ou mesmo da atual Av. Hercílio Luz foram realocadas no espaço urbano possibilitando essa nova caracterização do centro da cidade.

Com tantas reformas e serviços no espaço urbano, fica evidente que a localização da escola é também um ponto estratégico na cidade. Porém, em fins do século XX essa localização passou ser um problema, tendo em vista o crescimento urbano pelo qual a cidade

[5] Disponível no blog *Florianópolis Ontem e Hoje:* http://floripendio.blogspot.com.br/2010/05/florianopolis-antigo.html acesso em 10 de agosto de 2012

vinha passando desde a década de 1960[6] (LOHN, 2002). Com ele, serviços como a educação de cunho privado passaram a ser oferecidos nos mais variados bairros, atendendo às demandas das novas classes médias e altas que não mais se concentram apenas no centro da cidade. Este centro, repleto de valores positivos construído na primeira metade do século XX, ganha outra conotação entre as décadas de 1980 e 1990: seu caráter passa a ser de centro histórico.

Além da ocupação territorial e das transformações urbanas sofridas em Florianópolis e brevemente aqui abordadas, deve-se levar em consideração as mais variadas formas de ensino particular encontradas a partir dos fins do século XX. Além das tradicionais escolas confessionais, novas opções passam a ser oferecidas para o ensino fundamental e médio: escolas laicas ou de outras tantas religiosidades, diferentes métodos e propostas de ensino, enfim, o Colégio sentiu a necessidade de adequar-se ao tempo, ao tempo de crises e incertezas, característico deste período em que acontecem as comemorações.

Portanto, as comemorações aqui estudadas parecem estar a serviço da adequação do Colégio a um novo tempo: ao tempo das mudanças. Para isso, uma gama de memórias e de histórias foi trazida à tona. Muitos usos foram dados ao passado e são esses usos que se pretende abordar nesse capítulo, notadamente, a partir da análise dos documentos produzidos em torno das memórias e da história da escola.

Para tanto, é necessário o enfoque na comemoração a fim de entender a feitura da mesma, como foi produzida: enfim, buscar os bastidores do espetáculo. As preocupações da instituição parecem estar centradas nesses usos do passado, tais como na reunião de memórias de ex-alunas, na produção de sua história oficial bem como nas vontades de guardar. Com o início das atividades referentes às comemorações e com o trabalho da historiadora Maria Regina Boppré, em meados da década de 1990, o acervo do colégio foi organizado e selecionado no período em questão. Essa vontade de guardar, de deixar rastros, pistas para futuras pesquisas e consultas permite pensar na relevância dada ao passado em momento comemorativo: é sobre este passado (selecionado pela historiadora, e possivelmente pela direção do colégio) que as comemorações acontecem. Espetacularizar o passado foi o passo estratégico mais utilizado pela instituição.

---

[6] Os inícios da Universidade Federal de Santa Catarina,, com campus situado no bairro da Trindade, e os inícios da Eletrosul, no bairro Pantanal, fizeram com que aqueles arredores (bairros como Córrego Grande, Itacorubi e Carvoeira, entre outros) fossem bastante afetados pela especulação imobiliária, possibilitando assim um alargamento do espaço urbano, não mais restrito à área central da cidade.

A compreensão destas festividades envolve um olhar atento aos pormenores. Ao fim do livro *O Colégio Coração de Jesus na Educação Catarinense*, é possível encontrar alguns detalhes acerca da preparação do ato comemorativo. Para mobilizar ex-alunos, opinião pública, comunidade escolar, comunidade religiosa e políticos foi preciso a esquematização de comissões responsáveis pelas diferentes tarefas envolvidas no trabalho de comemorar. Organizadas a partir de uma *Comissão Central* as comemorações foram dispostas nas seguintes subcomissões: *Medidas de Choque, Patrocinadores e Troféus, Canção dos Noventa Anos, Sessão de Abertura, Alvorada Festiva, Catequese Poética, Jantar das Ex-Alunas, Divulgação, Logotipo e Slogan, Missa Campal e História do Colégio* (BOPPRÉ, 1989).

Pelas funções eleitas a cada subcomissão, é possível inferir que as festividades foram preparadas com cuidado, notadamente com preocupação na área da divulgação. As atividades percebidas através dessas subcomissões atentam a necessidade de mostrar-se por parte da instituição. Promover canções, alvoradas festivas e entrega de troféus apresenta a vontade de externalizar histórias, religiosidade e tradição. Cabe ainda acrescentar que tais subcomissões foram formadas, em sua maioria, por funcionários, corpo diretivo e professores da instituição. Chama a atenção o nome de Rute Gebler, regente de coral e diretora artística radicada em Florianópolis, em mais de uma das subcomissões. Contar com o apoio e o trabalho da artista pode ter sido bastante proveitoso, já que essa transitava com desenvoltura nos meios artísticos e nas colunas sociais, e com a sua presença auxiliou o Colégio nas divulgações e procura de patrocínios. A dúvida que resta é relativa às atividades da subcomissão chamada *Medidas de Choque.*

A promoção de reuniões com ex-alunas, bem como com a História do Colégio, aparece também com devido destaque, tendo em vista as representações acerca da instituição que os usos do passado poderiam promover. Assim, reafirmar a suposta *tradição em educar* configurou-se como uma das principais preocupações da escola em festa. O que é possível notar são os sistemáticos investimentos na preparação dos festejos, contando com organização calculada quanto à feitura dos mesmos.

Na Praça dos Bombeiros, tradicional espaço no Centro de Florianópolis, às 6 horas da manhã, ouviu-se o estourar de fogos, corais e bandas com músicas. Era seis de junho de 1988. Naquele momento iniciavam-se as comemorações do aniversário do Colégio Coração de Jesus. Às 20 horas do mesmo dia ouviu-se o discurso do então presidente da Federação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino em meio “a presença de autoridades eclesiásticas, civis e militares.” (BOPPRÉ, 1989; p. 293). Após a abertura oficial, foi aberta a exposição

histórico-fotográfica que, em suas tantas imagens, pretendeu contar a história da instituição. Neste mesmo dia, com a presença de autoridades e homenageados foram entregues os Troféus 90 anos. Dentre os presenteados com tal homenagem figuram alguns conhecidos nomes na cidade, dentre eles Dom Afonso Niehues e Antônio Carlos Konder Reis.[7] Além destas acima citadas, outras atividades foram realizadas, tais como recepção às ex-alunas, visita às dependências do prédio escolar e missa campal presidida por Dom Murilo Krüegger, bispo auxiliar à época, e contando com a presença de autoridades eclesiásticas, como mostra a fotografia que se segue:

Figura 2 Da esq. 1. Frei Junípero 2. Pe. Bráulio Weber 3. Pe. Ney Brasil Pereira 4. D. Murilo Krüegger[8] 5. Pe. Werno Weber

Assim transcorreu a semana em comemoração ao centenário do colégio. A organização da festa baseou-se na liturgia católica, promovendo, por exemplo, uma missa aberta, nos usos do passado, como a exposição histórico-fotográfica, e nos discursos de *vozes autorizadas*, como o então governador Pedro Ivo Campos e o já citado presidente da Federação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino.

Desde a montagem das comissões até o acontecimento da festa, várias foram as ações calculadas. O que se pretende, aqui, mais do que descrever o acontecimento do festejo é entender a construção das memórias e os usos do passado como estratégia de divulgação e

[7] O primeiro homenageado foi bispo da arquidiocese de Florianópolis, e o segundo ex-governador do Estado. Além deles, irmãs da congregação, diretores de outras escolas (como do Colégio Catarinense e do Instituto Estadual de Educação), pais com maior número de filhos no Colégio, ex-diretoras da escola e professores foram homenageados com o troféu.

[8] A imagem é retirada do livro de Maria Regina Boppré, e por isso sua má resolução. Não é possível melhorar a nitidez destas imagens do livro tendo em vista que já se encontram desta forma no documento original de onde foram recolhidas.

promoção da escola e de construir um passado para expor às gerações presentes, mobilizando a presença de pessoas ilustres que operavam na clave da tradição.

Narrar memórias. Esta foi uma das principais preocupações do Colégio nos seus 90 anos. Em Informe Especial do jornal *O Estado*, datado de seis de junho de 1988 – data do início da Semana – várias foram as reportagens com enfoque no presente: salas de vídeo, informática, novos métodos e novas propostas. Todavia, com o maior número de páginas e maior destaque neste caderno especial, encontra-se um conjunto de crônicas, escritas por ex-alunas da instituição. A capa deste suplemento pode ser verificada abaixo:

O ESTADO

Colégio Coração de Jesus: 90 anos de amor à educação

Fotos mostram quase um século de dedicação à cultura em SC

Congregação das Irmãs da Divina Providência nasceu em 1842

Informática e vídeo auxiliam ensino

Figura 3 Capa do Informe Especial veiculado no jornal *O Estado* em 11 de junho de 1988.

Ao organizá-las de acordo com categorias determinadas, (tais como: data, nome da autora, título e assunto do texto) a primeira informação que salta aos olhos são as datas em que frequentaram àquela comunidade escolar: todas elas estiveram matriculadas entre as décadas de 1920 e 1970. Pensando este recorte temporal, é possível entender que representações a escola estava buscando construir. Ora, em momento comemorativo pretendeu-se evidenciar destaques na história da escola e um deles é o sucesso da educação feminina e elitista. Neste período o Colégio foi responsável por formar as filhas das classes médias e principalmente altas do Estado de Santa Catarina, tendo em vista que contava com a opção de internato[9]. O modelo mais rígido de ensino e considerado mais tradicional foi delineado, no interior desta escola, no mesmo período. Entre 1920 e 1970 estudar no Colégio

[9] Por oferecer a opção de internato, já se tem uma evidência do público alvo que esta escola abrigou. Estudar e morar no Colégio era bastante caro e apenas aquelas meninas que possuíam capital econômico puderam frequentar o internato. Poucas foram as exceções que puderam estudar em regime de internato com bolsa de estudos promovida pela instituição.

Coração de Jesus significou adquirir certa distinção social. Na figura 4, que segue abaixo, é possível perceber este tom, a partir da fotografia presente no livro de Maria Regina Boppré:

Figura 4 Alunas do Colégio Coração de Jesus com uniforme de gala durante procissão de Corpus Christis, década de 1930.

Não só a educação formal como também os valores, as maneiras de portar-se ou mesmo a representação que o próprio uniforme carregava ao transitar com ele pelas ruas fizeram do Colégio uma instituição tida como tradicional. Estes aspectos agregaram valor positivo à instituição e são trazidos à tona no presente na forma de memórias narradas, contadas em forma de escrita.

Articular memórias pessoais e memórias afetivas referentes ao colégio auxiliou na promoção de identificações em torno da instituição, além de estas memórias terem auxiliado na construção da representação da história do Colégio, deixando de lado tantas outras memórias possíveis. O estudo de Estela Maria Sartori Martini (MARTINI, 2011) destaca trajetórias de ex-alunas e a partir da análise destas trajetórias é possível perceber que as vivências dos tempos escolares não foram recheadas de alegrias e boas lembranças para todas as meninas que aquele espaço frequentaram na juventude. As memórias das alunas bolsistas – que em muitos casos sofreram discriminação e maus tratos – por exemplo, não vieram à tona

durante as comemorações. Martini traz um contraponto às memórias divulgadas durante o centenário, tendo em vista que a partir de seus estudos pode-se inferir que outras tantas memórias e histórias são possíveis para a trajetória do Coração de Jesus.

Marcar no tempo o fim das memórias do Colégio, tendo como última data contada nas linhas do jornal (em espaço organizado pelo Colégio) do ano de 1970 significa, também, deixar de lado histórias acerca das modernizações promovidas na escola após 1971. É de 1971, por exemplo, o início da coeducação na escola. É também do mesmo período a ação da corrente teológica chamada Teologia da Libertação (BIANCHEZZI, 2009) no corpo diretivo da escola, fato este que reverberou na cidade, gerando questionamentos inclusive quanto à qualidade do ensino ofertado – deixando a instituição em crise em fins dos anos 1970. Acontecimentos como estes são deixados de lado nas narrativas produzidas em torno das comemorações, não só nas crônicas das ex-alunas, como também no livro de Maria Regina Boppré, que em sua obra, escrita de forma cronológica, o referido período aparece de forma bastante rarefeita, desconsiderando, por exemplo, alguns aspectos da década de 1970 no caminho trilhado pelo CCJ até 1988, contemplando apenas as mudanças legais quanto à profissionalização do ensino – legislações nacionais que atingem também o chamado *Colégio das Freiras*.

Em momento comemorativo, optou-se pela história cabível, ou melhor, a história desejada. Promover a ideia de tradição na educação da cidade, ou a distinção social que o colégio foi capaz de gerar e, mais ainda, promover os valores católicos tradicionais, foi o grande mote da narrativa construída por Boppré e editada em conjunto pela Editora Lunardeli e pelo Colégio Coração de Jesus. Estas histórias desejadas são cruzadas às memórias também presentes nas comemorações dos noventa anos do Colégio, que vêm para corroborar com as representações desses cem anos em educação em Santa Catarina formadas pelo livro de Boppré. Aqui se busca estudar duas modalidades de escrita, uma que privilegia as memórias por meio das crônicas das ex-alunas, e outra que privilegia a História, por meio do livro de Maria Regina Boppré. A intenção é notar o que se valoriza nas narrativas em prol das reafirmações propostas pelo Colégio.

Nas crônicas das ex-alunas, veiculadas pelo jornal *O Estado* em Informe Especial são notáveis os traços de produção de si presentes nas narrativas bem como a construção de versões da história da escola, além de imagens sobre a mesma, que notadamente evidenciam a tradição em educar. Mais ainda auxiliam a escola a fixar seu lugar no espaço (CERTEAU, 2008); pelas narrativas pode-se pensar na construção de um lugar consagrado da escola na

educação catarinense. Esta tradição em educar está bastante relacionada aos valores católicos pregados pela escola e partilhados por algumas de suas ex-alunas. Assim, deve-se pensar nos usos das narrativas que buscam na memória os motivos para a escrita, e na importância dada à memória para a construção da representação da escola que se pretendia construir. O conceito de representação é bastante caro a este trabalho pois ele viabiliza um estudo que compreende que

> (...) não existe historia possível se não se articulam as representações das práticas e as práticas da representação. Ou seja, qualquer fonte documental que for mobilizada para qualquer tipo de historia nunca terá uma relação imediata e transparente com as práticas que designa. Sempre a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou praticas que são o objeto da representação. (CHARTIER, 2011, p.16)

Entender a partir do conceito de representação, como produto de determinadas práticas aos moldes de Roger Chartier, as relações das fontes com os indivíduos que as produzem, que dotam seu mundo de significados a partir delas, é um dos focos deste trabalho.

Outro destaque é para a escrita da História oficial do Colégio, produzida em meio às comemorações. O livro *O Colégio Coração de Jesus na educação catarinense (1898 – 1988)* de Maria Regina Boppré, historiadora catarinense, é neste caso um documento importante para entender o processo comemorativo pelo qual passou o Colégio Coração de Jesus entre 1988 e 1998. Nele nos é dado a ler uma versão da história a ser estudada, podendo-se assim perceber o que é evidenciado, o que foi deixado de lado. Qual versão de história foi importante construir para auxiliar nas comemorações? Assim, na escrita da historiadora alguns pontos são bastante salientados, como o considerado auge da escola feminina (1920 – 1971) e a atuação da congregação da Divina Providência, bem como os valores católicos que a escola foi responsável por transmitir, evidenciando, assim, a distinção social que esta escola foi capaz de proporcionar às suas alunas. Foi possível analisar também as formas de escrever história, através da narrativa de Maria Regina Boppré. As *fontes* coletadas pela autora, bem como seus usos, sua forma de organização dos capítulos, seus diálogos teóricos e metodológicos bem como as formas escolhidas pela autora para narrar a história do Colégio. Em meio às comemorações, com ofertas atrativas de outros modelos educacionais, com o crescimento urbano e com maior mobilidade social, quebra dos lugares fixos na sociedade, da rigidez e das certezas, o Colégio precisou reafirmar e marcar seu lugar no espaço. Precisou promover laços identitários. Precisou usar e abusar das memórias, afetivas e pessoais, e da

história, sempre recortada a seu favor. Precisou divulgar com maior força as inovações em processo de implantação na escola, ao mesmo tempo em que afirmava sua posição de destaque pela tradição. Precisou compreender esse tempo fugaz, móvel e flexível. O destaque aqui é dado, portanto, às narrativas, sejam elas memórias ou histórias contadas. Perceber nas formas de escrever traços de representações em prol das comemorações é a que se dedicam estes textos. Por meio dessas narrativas é ainda possível entender algumas das conexões entre História e Memória, suas vontades de perenizar por meio dos escritos, versões de histórias e de memórias. Desconstruir memórias demonstra a violência que a História é capaz de praticar com suas fontes, como aborda Durval Muniz de Albuquerque Jr:

> (...) a História é também uma violência que se pratica com as armas dos conceitos, do pensamento, da razão. Por mais bem intencionado que o historiador esteja em relação ao buquê de memórias que tenha coletado, ele terá que deflorá-las para poder gestar a História. (ALBUQUERQUE JR, 2007; p. 206)

É, portanto, no limiar entre memória e história que o Colégio produz sua festa dos noventa anos, afinal, são os usos do passado que vão justificar e sustentar as comemorações do presente.

2.2 JOGOS DE LUZES: AS CRÔNICAS DAS EX- ALUNAS

De acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010), a crônica, como modalidade de escrita, tem diversos significados. Pode ser referente às colunas de periódicos sobre assuntos específicos, uma genealogia de família nobre ou mesmo um registro de fatos em ordem cronológica. Para Sidney Chalhoub, Margarida de Souza Neves e Leonardo Affonso de Miranda Pereira, organizadores do livro *História em Cousas Miúdas* a crônica tem "como uma de suas características primeiras a leveza." (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA; 2005, p.9). Essa modalidade de escrita é bastante específica das publicações de jornais, para ser lida ao sabor do dia-a-dia, daí sua leveza, seu linguajar fácil. Talvez por isso as crônicas foram afastadas da literatura como arte, pois seu consumo é diário, é efêmero. Para a História, tal forma de escrever e proporcionar uma leitura de acontecimentos configura-se como uma fonte que deixa em seus escritos traços da vida do autor, suas formas de ler, pensar, agir. Para Ana Chrystina Venancio Mignot "a urdidura narrativa da crônica permite compreender que os acontecimentos passados inscrevem suas marcas no espaço físico, nas consciências

individuais e na memória coletiva." (MIGNOT; 2010, p.88). O estudo destas escritas permite pensar em traços de produções de si nas formas como cronistas colocam-se no texto.

Pretende-se, aqui, estudar um conjunto de crônicas publicadas no Jornal *O Estado* em 11 de junho de 1988. Tais escritas foram produzidas e divulgadas tendo em vista as comemorações dos noventa anos do Colégio Coração de Jesus. A proposta é estudar as narrativas escritas por ex-alunas e publicadas no periódico acima citado, buscando entender a construção e, em maior escala, os usos dados às memórias pela escola neste momento comemorativo. Neste caso, as crônicas das ex-alunas servem para narrar histórias do cotidiano escolar, agregando valor positivo ao mesmo a partir dos usos das memórias narradas.

Este conjunto de crônicas encontra-se em um informe especial do jornal *O Estado*, de circulação estadual[10]. Estar presente neste jornal - de grande circulação à época - eternizando sua versão da história através da escrita significou, para esta escola, um grande trânsito, não só entre os cidadãos leitores do jornal, como também, das diversas esferas da sociedade. Por ser um espaço raramente encontrado no periódico diário, um *Informe Especial*, pode-se inferir que este espaço destinado ao colégio foi comprado ou conquistado pela instituição com o intuito de publicizar seus feitos e suas versões sobre o passado em momento comemorativo. Deve-se analisar tal informe em seu conteúdo completo, afinal, mesmo que o lugar destinado às crônicas tenha recebido destaque – com o maior número de páginas, por exemplo – outras informações são encontradas e em seu conjunto pode-se encontrar algumas propostas da escola. Pelo que é possível notar, o intuito é atrelar passado, presente e futuro através dos textos.

Com uma capa exaltando e contando a história oficial da escola, por meio de textos e "fotos de quase um século de dedicação à cultura em SC" e da Congregação das Irmãs da Divina Providência – mantenedora da instituição – a escola apresenta uma nova proposta de ensino, em destaque: "Informática e vídeo auxiliam ensino". Os textos contidos no informe especial destacam tais inovações, como "a tecnologia a serviço da educação" e um depoimento da Secretária de Cultura que "destaca avanços nos métodos didáticos". Esses textos são dados a ler como o presente e o futuro da escola, em meio às modernizações que nela estão sendo implantadas. Mas o maior destaque é dado ao passado, o que parece reafirmar o peso das tradições, afinal, além das crônicas é possível encontrar cartas de ex-alunas, um texto sobre a origem da congregação, fotografias da escola, bem como o hino do colégio. O enfoque no passado pode ser entendido aqui como uma vontade de reafirmar

[10] O referido jornal encontra-se disponível para consulta na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

valores e de se autopromover durante as comemorações, apresentando propostas de inovar o ensino oferecido atrelado às memórias das ex-alunas, dando a ler assim sua suposta tradição em educar, mesmo renovando alguns aspectos do modelo de ensino, configurando assim uma modernização consentida, adequada aos moldes já consagrados pela escola.

Por isso, as crônicas foram escolhidas como valiosa fonte para perceber traços das comemorações nos textos das ex-alunas. As comemorações em torno do aniversário de 90 anos da instituição configuraram-se como uma preparação, um pontapé inicial para as comemorações que viriam dez anos depois, com o centenário do colégio.

As narrativas das crônicas estudadas são, portanto, memórias. Estas podem ser entendidas pela sua capacidade de reunir e de construir identidades, ou como aborda Albuquerque Jr., fala-se aqui em memória afetiva, pois "está ligada à forma de sensibilidade social a que está preso o indivíduo" (ALBUQUERQUE, 2007 p.203), emergindo das emoções que se depositam em cada recordação. Forjando identificações através de memórias, a escola conseguiu êxito na confecção das festas, justamente porque trouxe à tona o nível afetivo das memórias.

As questões postas sobre as memórias aqui estudadas podem ser entendidas pela forma como aborda Paul Ricoeur. Para o autor

> não é apenas na hipótese da polaridade entre memória individual e memória coletiva que deve entrar no campo da história, mas com a de uma <u>tríplice atribuição da memória</u>: a si, aos próximos, aos outros. (RICOEUR, 2007, p. 142).

Desta forma, é possível entender que as memórias pronunciadas na forma de crônicas, para além de comporem um conjunto, fazendo mediações entre memórias pessoais e coletivas, ativam estes três aspectos propostos por Ricoeur: as autoras constroem suas memórias para si, pois falam de suas vidas pessoais em torno da instituição; para seus pares, os que juntos formam esta comunidade escolar, uma comunidade de sentidos, fazendo-se pertencer a este mundo; e aos outros, os que mesmo não fazendo parte daquilo que é contado nas linhas das crônicas, devem entender e perceber o que é contado. A história deve, portanto, perceber estes três níveis de atribuição da memória, entendendo as formas de contar e para quem aquelas memórias são contadas.

As identificações promovidas em meio aos textos produzidos pelas rememorações auxiliam, pois, na promoção de identificações em torno do Colégio, como se pode notar nos escritos da ex-aluna Maria de Lourdes Campos Elias: *E creio que como eu, outras tantas*

meninas, moças, mulheres educadas e formadas por este querido Colégio têm também, muita coisa a recordar. O que este texto faz ser percebidas são as formas de sentir-se parte de uma comunidade, de uma experiência compartilhada, como fala Ricoeur:

> Acreditamos na existência de outrem porque agimos com ele e sobre ele e somos afetados por sua ação. É assim que a fenomenologia do mundo social penetra sem dificuldades no regime de viver juntos, no qual sujeitos ativos e passivos são de imediato membros de uma comunidade ou de uma coletividade. (RICOEUR, 2007, p. 139)

A fim de entender a construção destas memórias em forma de textos, cabe nesta análise esquematizar o conjunto de crônicas em forma de tabela, para que a publicação seja melhor visualizada. Na imagem abaixo, segue uma tabela construída a partir das informações encontradas nas crônicas, tais como nome da autora, título do texto, assunto e período em que frequentou a escola.

Autora	**Título**	**Assunto**	**Quando Frequentou**
Maria Olympia da Silveira Ferreira	Memórias de uma aluna interna	Retrospectiva do estudo na escola e lembranças do dia-a-dia, das atividades no Colégio.	Início em 1938
Silvana Ramos Mello Santiago de Andrade	Tempo Feliz	Conta as etapas da vida escolar e o cotidiano na escola	Formanda de 1970
Almira	Retalhos de Lembranças	Descreve espaços e atividades do Colégio	Não consta
Maria Beatriz Wildi Vinhaes de Oliveira	90 anos	Fala sobre a forma como o Colégio viu as alunas passarem e amadurecerem, proporcionando boas lembranças	Não consta
Julia Cascaes Pereira	Reminiscências	Lembranças do cotidiano da vida escolar	Início em 1931
Alice Gonzaga Petrelli	Crônica da ex-aluna	Exaltação ao Colégio	Iniciou os estudos

		por manter-se num mundo moderno, homenageando principalmente a Congregação	em 1912
Maria de Loures Campos Elias	Recordações...	Exaltação aos valores patrióticos e católicos	Ingresso em 1943 no curso primário

Tabela 1: Tabela construída pela autora contendo informações retiradas das crônicas de ex-alunas veiculadas em Informe Especial no jornal *O Estado.*

As análises que aqui se seguem vêm no tom de perceber as construções narrativas em torno da instituição que comemora seu aniversário a partir dos traços autobiográficos presentes nas crônicas escritas pelas ex-alunas. Nelas, pode-se encontrar exaltação ao Colégio em torno de memórias de juventude, que evidenciam os valores católicos, a educação tradicional, as boas maneiras e polidez que, segundo elas, o Colégio foi capaz de proporcioná-las.

As memórias narradas e promovidas apresentam-se também como formas de produção de si. As lembranças de juventude aparecem nos textos de forma doce e nostálgica: *Também eram enormes o portão e a escadaria que atravessava o jardim, entre zínias, targetes e margaridas, em seus últimos coloridos de fim de verão*, ou *A chácara era linda, com curvas suaves, cheia de plantas sempre floridas*. O que se percebe nestas crônicas é a presença da vida das ex-alunas, construídas nas poucas linhas do jornal, evidenciando a escola da infância/juventude por seus 90 anos e, consequentemente, o que esta instituição significou para a formação – educacional e de caráter – das alunas ali, dispostas a cruzar suas histórias pessoais com a história da escola que se buscou construir:

> Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas. (GOMES, 2004 p.11)

O que se pode perceber nestes escritos é a produção de sentidos dos momentos vividos na juventude, que são trazidos à tona na forma de boas lembranças. Deixam-se de lado os maus momentos, ou melhor, editam-se as lembranças, em geral, nostálgicas.

Estudar aspectos biográficos, como no caso das crônicas das ex-alunas, permite pensar no *boom* do eu de fins do século XX. Historiadores e jornalistas debruçam-se hoje sobre tal

temática, afinal, ela figura entre os livros mais vendidos, e percebe-se que a nossa sociedade busca cada vez mais a exposição do eu. Para Benito Bisso Schmidt

> é possível dizer que a massificação e a perda de referenciais ideológicos e morais que marcam a sociedade contemporânea têm como contrapartida a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente. (SHMIDT, 1997: 4)

Tenta-se, nesta modalidade de escrita de si, demonstrar uma linearidade da vida, uma estabilidade; mostra-se um modelo a ser seguido: ex-aluna da escola, bem estabelecida profissionalmente, mãe dedicada e boa amiga, que mantém ainda suas ex-colegas de infância no seu círculo social, como se pode perceber nos excertos que se seguem: "éramos alegres e despreocupadas, mas não lembro de uma só vez que tenhamos desrespeitado um professor ou desacatado uma freira.", "tempo em que a pátria sobrevivia; tempo do hino nacional; da bandeira e do hino à bandeira", "Quantas pessoas passaram por esse Colégio! Quanta fé atingindo corações humanos! Quanta vibração e quanta educação para que filhos dessa terra se projetassem dignamente em cargos relevantes.". Nestas linhas traçadas, é possível perceber a relevância dada aos considerados *bons exemplos*. Nos escritos, coloca-se enfoque na postura respeitosa quanto à instituição escolar, à educação, aos valores católicos nela recebidos e aos valores patrióticos lembrados com saudosismo dotando a vida passada de significados.

Consideramos hoje as fragmentações do indivíduo, acreditando não ser ele um ser fechado, unilateral e homogêneo. No prólogo de seu livro *Escrita de si, escrita da história*, Ângela de Castro Gomes aborda este aspecto das produções de si:

> É exatamente porque o "eu" do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de certa permanência e estabilidade através do tempo. (GOMES, 2004: 13)

Assim, as crônicas das ex-alunas do Colégio Coração de Jesus demonstram aos leitores vidas exemplares. Maria Olympia da Silveira Ferreira inicia seu texto já demonstrando seu percurso de vida:

> Este artigo se deve à gentileza e à honra que me fizeram minhas colegas do Colégio Coração de Jesus. Nele fiz meus estudos secundários e os de Curso Normal. Nele ensinei. Para ele trabalhei no Rio de Janeiro, logo após deixá-lo como professora, representando-o no Ministério da Educação para obter

registro de suas novas professoras e de seus novos cursos.[11]

Estas crônicas nos dão suporte para pensarmos as construções de imagens esperadas que estas ex-alunas procuraram publicizar. A partir da organização linear dos textos, dispõem-se momentos da vida escolar que são mostrados ao leitor através de suas doces lembranças, recortadas e arrumadas pelo escritor, por aquele que está dispondo estes pequenos momentos de sua vida privada ao público leitor do jornal, ou como aborda Philipe Artiéres: "Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros.". (ARTIÉRES, 1998, p.10)

Neste sentido, a historiadora Ângela de Castro Gomes entende que se deve considerar a pessoa que escreve as crônicas também como editora. As ex-alunas, neste caso específico estão praticando a atividade de editar sua vida, capturar pequenos momentos da vida escolar, escolhendo-os e expondo-os aos leitores do jornal: "É como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto". (GOMES, 2004 p.16). Assim como os diários pessoais analisados pela historiadora Maria Teresa Santos Cunha em seu texto no livro *O Historiador e suas fontes* (2009), as crônicas aqui estudadas dão a ler aspectos autobiográficos em seus escritos e assim "passam a ser vistos como documentos valiosos para a compreensão de vidas cotidianas, repletas de gestos de amor, amizade, ressentimento, mas também marcadas pelos freios morais de determinadas épocas." (CUNHA, 2009; p. 253). Por meio desta modalidade de escrita, portanto, podem-se perceber traços das autoras, produções de si que, no caso das comemorações, auxiliam na formação/construção da imagem que se pretendeu construir do Colégio Coração de Jesus em meios aos seus festejos.

Os textos das ex-alunas dizem respeito às suas vidas na escola tendo o Colégio Coração de Jesus como centro das narrativas. Estudar nele, para as meninas florianopolitanas[12], foi durante bastante tempo sinônimo de prestígio, haja vista que esta instituição sempre foi de caráter privado, abarcando as classes médias e altas urbanas. Tendo isto em vista, fica evidente nas narrativas das ex-alunas a necessidade de se fazer pertencer ao mundo deste colégio e todo o conjunto de significados que a instituição carregou consigo. Mais ainda, os textos das ex-alunas enaltecem a distinção social que o Colégio, para elas, foi capaz de promover. Desde o início de suas atividades, o Colégio Coração de Jesus se propôs a

[11] Jornal *O Estado* de 11 de junho de 1988 p. 21-22, caderno Informe Especial.
[12] Até 1971 a escola abrigava em seu grupo de alunas apenas mulheres.

educar as filhas das elites locais, em ascensão no Estado de Santa Catarina, em virtude do seu crescimento financeiro, social e político nos anos iniciais da República. Rosângela Cherem mostra que através das diversas fontes documentais do período pode-se "perceber uma espécie de sonho acordado, presente entre aqueles que se identificavam com o imaginário da sociedade burguesa". (CHEREM, 2001 p.298). Entende-se que este cenário possibilitou a formação de uma elite específica, constituída notadamente por negociantes e funcionários públicos, mais precisamente políticos que, na busca de uma educação tida como adequada às suas filhas, encontraram o Colégio Coração de Jesus. Assim, pode-se inferir que na pesquisa da autora estão também inseridos os personagens de uma parcela desta nova elite social, em fase de estabelecimento e expansão em Florianópolis, que neste momento estavam vivendo o sonho de uma república e, com ela, uma nova constituição social e política, com ares de burguesia europeia, requerendo novos serviços e novas práticas nos mais variados setores da sociedade. O aburguesamento vivenciado em fins do século XIX e inícios do século XX em Florianópolis demonstra a importância da distinção de classe para tal processo e assim as modificações no capital econômico, no capital cultural, nas práticas e nas subjetividades que envolvem esta nova classe social perpassam a inauguração do colégio das freiras. Cabe ainda ressaltar que as ex-alunas que escrevem neste informe especial sobre o Colégio Coração de Jesus vivenciaram a escola até 1970, quando houve uma modernização do ensino lá oferecido, deixando o sistema de educação feminina para iniciar um processo de coeducação. (ANDRADE, 2010)

No livro *A Sociedade dos Indivíduos*, Norbert Elias discorre sobre o conceito de *habitus*, que, para o autor, é a composição social do indivíduo, ou seja, como os lugares comuns se constituem diferenciadamente, nascendo, assim, certas características específicas, de sociedades e dos indivíduos que nelas vivem entre si; este *habitus* vai condicionar uma *hexis corporal*. Desta forma, indivíduos que compartilham de uma mesma linguagem compartilham também um mesmo *habitus* social:

> Dessa forma, alguma coisa brota da linguagem comum que o indivíduo compartilha com outros e que é, certamente, um componente do habitus social (...). O conceito de habitus social permite-nos introduzir os fenômenos sociais do campo da investigação científica, que antes lhe era inacessível. (ELIAS, 1994, p.64)

Pode-se perceber que, entre as alunas do Colégio Coração de Jesus, houve a formação de um *habitus* social referente às elites catarinenses em que, dentro da escola, este *habitus* foi

compartilhado, pois no meio escolar há a troca e a construção de uma linguagem comum, onde os indivíduos que dela se apropriam, constroem identificações coletivas, particulares ao seu grupo.

Educar as elites e suas filhas mostrou-se como uma nova preocupação em Florianópolis a partir dos ares republicanos e, assim sendo, a história da instituição está intimamente relacionada ao processo de aburguesamento percebido em Florianópolis nos inícios da república, auxiliando ainda na formação da distinção social notadamente pela formação de um *habitus* social relativo às elites locais. Cabe ainda ressaltar que é deste mesmo período a fundação do Colégio Catarinense, e deste modo a formação escolar passa a estar assegurada[13] para homens e mulheres das elites catarinenses no Estado de Santa Catarina. Estas ex-alunas que escreveram em congraçamento ao Colégio, como é possível perceber na tabela elaborada aqui, frequentaram a escola principalmente na primeira metade do século XX, pertencendo, então a esta vivência de aburguesamento, de construção de um *habitus social*, de uma distinção proporcionada pela instituição. Deve-se entender, portanto, esta camada social à qual pertencem boa parte das ex-alunas do Colégio (atrizes centrais desta trama de comemorações). Para Flávio Heinz, a noção de elite diz respeito "à percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos." (HEINZ, 2006, p. 7). O autor aponta ainda que os documentos úteis às produções de biografias coletivas (como no caso das narrativas em torno do Colégio) são muito mais facilmente encontrados nos estudos de grupos, como as instituições educacionais, dando visibilidade "aos nexos existentes entre posição social, origem e formação escolar." (HEINZ, 2006, p.11).

Isso posto, o que se pode inferir a partir das crônicas é que em suas narrativas podem ser percebidos refúgios do eu, transformados em refúgios dos outros, do(s) grupo(s). Os refúgios do eu, as memórias pessoais, neste caso, publicadas e narradas em forma de crônicas, servem para construir uma representação de grupo, de classe social, fomentando o forjar de identificações em torno de uma instituição de ensino. Promover representações e identificações dá sentido ao presente comemorado.

Os estudos aqui empreendidos para análise das comemorações referentes ao Colégio Coração de Jesus, notadamente a partir dos escritos das ex-alunas, em forma de produção de si, de edições da vida, possibilitam pensar nos refúgios do eu presentes nos traços desses

[13] Antes da inauguração das duas escolas, o mais comum era enviar os filhos desta classe social às instituições de ensino localizadas em São Leopoldo e Rio de Janeiro e as filhas adquiriam conhecimento escolar notadamente através de aulas particulares e raramente saíam d*O Estado* em busca de estudo.

escritos. As crônicas aqui estudadas podem ser entendidas pela perspectiva das autoras do livro *Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica*, que afirmam que "desde o século XIX, mulheres brasileiras que tiveram acesso à alfabetização tentaram refletir sobre a própria vida rompendo o silêncio sobre o mundo." (MIGNOT; BASTOS; CUNHA. 2000, p. 20). Esses pedaços de refúgios do eu, publicados em páginas de jornal, são também refúgios dos outros, afinal, em suas escritas é possível perceber a necessidade de construir identificações em torno da escola, das experiências partilhadas. Promover estas identificações auxiliou a escola a comemorar seu aniversário, afinal, ao reunir ex-alunas pelas memórias e lembranças dispostas, o Colégio fez com que parte da comunidade escolar viesse a público agregar valor positivo à escola.

O que se pode inferir é que a instituição buscou no passado, no uso da memória, a definição do seu lugar na sociedade florianopolitana, reafirmando sua suposta tradição em educar seus cidadãos e os valores que acreditam terem transmitido. Esses valores parecem vir de acordo com as modernizações e as novas propostas para educação oferecida na escola. Foi preciso, portanto, reafirmar este lugar de destaque, agregando valor positivo à educação promovida pela instituição, para que ela tivesse o aval para modernizar, para mudar.

No informe especial, além das crônicas das ex-alunas, textos referentes às novas propostas que o Colégio traz em seu aniversário de 90 anos. Inovações tecnológicas, salas de vídeo e informática representam um novo tempo para educação. É preciso evidenciar a tradição para mostrar-se capaz e responsável por inovar. São anúncios dos *horizontes de expectativa* (KOSELLECK, 2006) da escola para a virada de século que está por vir em meio às comemorações de seu centenário.

2.3 POR UMA BIOGRAFIA DO PROTAGONISTA: O LIVRO "O CORAÇÃO DE JESUS NA EDUCAÇÃO CATARINENSE"

Muitos foram os autores que se debruçaram acerca dos usos de livros como documentos para a História. Cabe aqui ressaltar a perspectiva de Roger Chartier, enfatizando o caráter representativo das narrativas. Os livros, mais que transmitir informações, trazem em seus escritos marcas do tempo em que foram produzidos. Livros de História, como os que serão aqui analisados, trazem recortes temporais e temáticos, usos de fontes e perspectivas teóricas e metodológicas. Contam pedaços de histórias e, assim recortar, configura-se como uma das principais operações desenvolvidas na escrita da História.

A narrativa historiográfica é uma colcha de retalhos, fruto dos pedaços de tecidos

escolhidos pelo historiador para compor sua trama. Mesmo no não dito é possível a análise do historiador. O esquecido, as outras histórias possíveis perante os temas e objetos da história, mostram-se nas fontes que estudamos como é o caso do livro a ser estudado aqui.

A ordenação de acontecimentos e processos no tempo, junto aos diálogos teóricos e metodológicos é, portanto, uma das principais características da narrativa historiográfica que pressupõe uma articulação em forma de enredo de ações representadas e trabalhadas. Mas é na forma como ordenamos, nos diálogos que escolhemos e nas fontes que utilizamos que se encontram as especificidades de cada autor. Sob os olhares da História do Tempo Presente, acredita-se que o olhar que o historiador coloca sobre seu objeto é sempre fruto do presente, devendo-se levar em conta a "presença do historiador em seu tempo" (CHAUVEAU; TÉTART; 1999, p. 8), daí considerar-se que o todo passado se faz no presente: o passado é uma ausência. Escolher a direção dos holofotes é atividade arbitrária do historiador e suas produções são sempre marcadas no e pelo tempo.

A produção elencada para este estudo é o livro *O Colégio Coração de Jesus na Educação Catarinense (1898 – 1989)* editado em 1989 pela editora Lunardeli em conjunto com o Colégio em questão, cuja autoria é da historiadora Maria Regina Boppré. A partir deste, é possível estudar a construção de suas narrativas, os caminhos percorridos nas fontes citadas e as correntes teórico-metodológicas perceptíveis em seu texto.

Produzir uma história é também vesti-la de acordo com seus propósitos, maquiá-la para suas intenções. Entende-se que esta produção é também uma proposta de história oficial do Colégio Coração de Jesus, e pode-se pensar, pois, nos usos da narrativa historiográfica em prol das comemorações. De acordo com Helenice Rodrigues da Silva, a construção de uma história oficial "é uma memória coletiva oficializada, ou seja, uma memória ideológica, em vez de ser uma memória criticada." (SILVA, 2002, p. 437), deixando em suas linhas uma escrita histórica que opta por perenizar boas memórias, memórias edificantes da instituição. Em diálogo com Beatriz Sarlo (2007), pode-se pensar também numa proposta de escrita da história não centrada no meio acadêmico, mas sim numa maior circulação, não em números de vendagem, mas contando com público alvo variado (como ex-alunas, moradores da cidade, comunidade escolar) e assim entende-se que "a história de grande circulação é sensível às estratégias com que o presente torna funcional a investida do passado e considera totalmente legítimo pô-lo em evidência" (SARLO, 2007, p. 13). Mesmo o livro em questão não sendo de grande vendagem e circulação, entende-se que a proposta de sua editoração vai ao encontro do que aborda Sarlo ao verificar a investida no passado, colocando-o em evidencia, na forma

de narrativa histórica não restrita ao meio acadêmico. Os escritos de Boppré são, portanto, uma forma de *biografar* o protagonista da história a ser contada – o Colégio Coração de Jesus – sua vida e trajetória até o presente. Para narrar esta história, foi preciso entender as necessidades do momento comemorativo, escrevendo para este propósito e elencando, para contar esta trajetória de vida, alguns aspectos que seriam valorizados e que agregariam valor positivo ao Colégio em momento comemorativo.

Sendo este um livro de escrita histórica (com algumas características não acadêmicas)[14], os métodos escolhidos para sua análise centraram-se na esquematização dos recursos usados para produção da narrativa – como *fontes*, arquivos consultados e mesmo a organização dos escritos em capítulos. Dessa forma, foi possível visualizar a história que se pretendeu contar entre as páginas e capítulos do livro, bem como os caminhos percorridos pela autora para conclusão do projeto.

Década	**Tipo de Fonte**	**Nº de exemplares**	**Anos Pesquisados**
1880	Relatório	1	1883
1890	Relatório	1	1895
1900	Jornais; Caderno de aluna	4	1902, 1903, 1908
1910	Nenhum	0	Nenhum
1920	***Jornais***	***10***	***1920, 1921, 1922, 1923, 1925, 1927***
1930	***Revista Pétalas; Relatórios***	***7***	***1933, 1934, 1936, 1938, 1939***
1940	***Jornais; Revista Pétalas; Atas; Relatório***	***17***	***1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949***
1950	***Revista Pétalas, Jornais, Mensagem, Artigo***	***12***	***1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1956, 1957***
1960	Nenhum	0	Nenhum
1970	Jornais; Artigo	2	1971
1980	***Entrevista; Artigo; Diário Institucional; Mensagem; Jornais***	***9***	***1983, 1984, 1985, 1986, 1988, 1989***

Tabela 2 Tabela listando as fontes pesquisadas pela autora de acordo com os anos das mesmas e o número de exemplares encontrados.

Ao fim do livro a autora expõe as *fontes* por ela consultadas, mostrando ainda os arquivos onde as mesmas foram encontradas. Assim, para demonstrar as fontes elencadas pela autora, a tabela acima foi construída e, a partir dela, pode-se pensar nos investimentos da

[14] Nota-se que os escritos privilegiaram uma circulação entre um público leigo ao invés de uma escrita fechada aos muros universitários.

pesquisa.

Esta esquematização foi importante para melhor visualização das etapas de pesquisa e da produção do livro. Sendo assim, após leitura, fichamento e análise do livro, e com base também no sumário apresentado nas primeiras páginas da produção, foi possível estabelecer uma categorização temporal e temática do livro. A partir da capa do livro já é possível notar alguns aspectos que poderiam ser lidos ao abrir o mesmo e iniciar a leitura:

Figura 5: Capa do Livro de Maria Regina Boppré.

Ao mostrar a construção datada do ano de lançamento do livro – 1989 – a imagem central apresenta o Colégio a partir de seu prédio, seu espaço físico, que notadamente destacava-se à época na paisagem aérea da cidade. Seu título já nos indica que sua autora considera que a instituição alcançou certo papel de destaque na educação catarinense durante seus 90 anos de prestação de serviços. O uso das cores símbolo da escola - branco e bordô - evidencia mais ainda a *marca* Coração de Jesus que se pretendeu consolidar em seus momentos comemorativos.

Contendo nove capítulos, o livro pode ser pensado a partir de uma segunda categorização: dividido em três partes, com recortes temáticos e temporais, a divisão foi feita da seguinte forma: entre os nove capítulos, encontram-se três distintos conjuntos, sendo eles: o primeiro do século XIX até 1920, período abordado nos três primeiros capítulos do livro, que envolve as discussões em torno dos inícios da Congregação da Divina Providência na Alemanha. Discorre, ainda, sobre a situação da educação brasileira no período de sua chegada

em Florianópolis e os inícios da vida escolar do Colégio, em seus primeiros anos. O segundo grupo, com recorte temporal mais estendido, diz respeito ao período entre as décadas de 1920 e 1960, contando com quatro capítulos. São neles que começam a aparecer o cotidiano escolar e as ex-alunas, evidenciando assim a escola somente feminina e reafirmando assim a distinção social que o Colégio pôde proporcionar às suas alunas no período, colocando o colégio em posição de destaque na educação catarinense no período, ora a partir de fontes da própria instituição, ora a partir de jornais de circulação regional. Assim, o investimento de pesquisa e a busca de fontes são maiores nesta etapa do livro. Já o terceiro grupo dedica-se a discutir a "história contemporânea" da instituição, centrando-se nas décadas de 1970 e 1980. Sobre os acontecimentos vivenciados durante a década de 1970, a autora sinaliza apenas a preocupação da escola em se adequar às novas legislações nacionais propostas para a educação de primeiro e segundo grau, referentes à profissionalização do ensino. Contudo, a narrativa não contempla alguns importantes processos também deste período, tais como os inícios do sistema coeducativo na instituição e a presença da teologia da libertação no seio do corpo diretivo da escola (ANDRADE, 2010). Já os escritos referentes à década de 1980 centram-se na descrição do processo de comemoração dos noventa anos da instituição e às propostas de ensino oferecidas no Colégio nesse tempo presente, o que demonstra mais uma vez vontades de perenizar uma versão da história da instituição contada de forma laudatória e edificante.

Por estas três diferentes partes do livro, é possível perceber investimentos, esquecimentos, passados e presentes. Vontades de lembrar e de (re)construir, de perenizar o passado, na forma de representações. De acordo com Beatriz Sarlo

> As visões de passado são construções. Justamente porque o tempo do passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizado por procedimentos da narrativa, e, através deles, por uma ideologia que evidencie um continuum significativo e interpretável do tempo. (SARLO, 2007, p. 12)

Dessa maneira, entende-se que a narrativa produzida pela historiadora caminha no sentido proposto por Sarlo, afinal, tenta dar significado a um passado no presente para fácil compreensão do passado através de seu texto.

Ser produto das comemorações é uma das principais características deste livro. Fixar e deixar por escrito uma versão oficial da História de noventa anos de dedicação à educação fez com que o livro fosse marcado pelas ações institucionais, pelas vontades oficiais. A História que se quer lembrada é a história dos sucessos, que é escrita para positivar a imagem do

colégio, baseando esta estratégia na ideia de um passado repleto de realizações, ou seja, uma história desejada, que se queira ler. Construir esta história parece ter sido o intuito de Boppré ao escrever a História do Colégio. Ainda de acordo com Sarlo "a modalidade não acadêmica (ainda que praticada por um historiador de formação acadêmica) escuta os sentidos comuns do presente, atende às crenças de seu público e orienta-se em função delas." (SARLO, 2007, p. 13).

No primeiro conjunto de textos, que engloba os três primeiros capítulos com recorte temporal entre meados do século XIX até 1920, a cronologia proposta pela autora, tirando o objeto de estudo – no caso, o Colégio – muitas vezes de cena nos mostra uma proposta de história bastante tradicional da escrita da história: começa com a tentativa de contar as *origens* e a *evolução* da Congregação das Irmãs da Divina Providência, desde seus inícios em 1842 na Alemanha até a vinda para o Brasil. Estas Irmãs são a fixação do marco inicial da história do Colégio Coração de Jesus por Maria Regina Boppré.

Já no segundo capítulo a preocupação que se dá é com o contexto educacional no Brasil e em Santa Catarina no período da vinda das irmãs de Münster e consequentemente da abertura da insituição em 1898. Na tentativa de demonstrar a suposta realidade educacional no período a autora buscou construir o momento de inauguração da escola como necessidade e como ação modernizante, haja vista que as possibilidades de estudos para as moças do Estado eram pequenas e o Colégio viria, portanto, contribuir para a formação escolar catarinense.

O terceiro capítulo e último desta parte dedicou-se a contar a história dos inícios das atividades do Colégio. O alavancar das atividades e matrículas ligado à construção da capela auxiliou na fixação dos valores católicos e assim, estes marcos são dados para fixar o início dos trabalhos da escola. A ação das Irmãs junto a outras obras, especialmente de caridade são também salientadas nesse capítulo construindo assim um ideal de bondade e benevolência em torno da instituição, agregando valor positivo e auxiliando na representação de seu caráter. Ainda neste capítulo as normas internas da escola à época de sua inauguração merecem destaque como fonte utilizada pela autora porém não considerada como tal pela mesma. Esta lista de normas, por exemplo, não aparece na listagem final das *fontes* utilizadas, e assim, elas são usadas com caráter meramente informativo. A escrita da autora, fruto da produção historiográfica da década de 1980, ainda não considera os documentos produzidos no calor do dia-a-dia, no âmbito do ordinário, como documentos históricos. Talvez por isso a lista de normas da escola – documento comum em qualquer estabelecimento – não figure entre as listas de fontes e não seja alvo de problematizações por parte da autora, servindo apenas como

fonte meramente ilustrativa.

A presença das alunas e do cotidiano escolar pouco aparecem neste primeiro grupo. As luzes são colocadas sobre as instituições: Igreja, Estado, Colégio. Suas normas, trajetórias e organização até a fundação do *Colégio das Freiras*.

É no segundo grupo, e principalmente nele, que a vida escolar começa a aparecer: suas alunas e seu cotidiano passam a ser explorados nas linhas. No quarto capítulo do livro o foco volta-se à Escola Normal e à formação de professoras. A profissionalização feminina é preocupação neste capítulo e o estudo acerca do curso normal e suas conclusões começam a apresentar atrizes dessa história de noventa anos em educação. O início do Curso de Letras em meados da década de 1920 também é evidenciado mostrando as aberturas possíveis de estudo no Colégio Coração de Jesus.

Figura 6 Alunas do Curso de Letras do Colégio Coração de Jesus, década de 1920. Fotografia presente no livro de Maria Regina Boppré.

As preocupações da Igreja Católica em meio às propostas escolanovistas são temas do quinto capítulo, que se dedica a contar a atuação/reação da Igreja Católica de acordo com as novas propostas de ensino laico e nacionalista. Afirmar os valores católicos em meio a um contexto que começa a ganhar novos rumos aparece no texto de Boppré como valorização do catolicismo que soube sobreviver em momento de abertura nos padrões educacionais. Para

isso, uma demonstração de uma demografia escolar no Estado é utilizada para reafirmar a posição supostamente já alcançada pelo Colégio em meio a estas modificações.

Com o mundo em plena Segunda Guerra Mundial e um colégio de descendência alemã, este período mereceu destaque no sexto capítulo do livro. A afirmativa de rejeição ao nazismo por parte do germanismo cristão aparece no texto de Boppré, que vem ao presente reafirmar o posicionamento da escola em meio aos horrores da guerra. Neste momento, a graduação das normalistas em 1942 e a demografia das escolas são novamente trazidas à tona. Pôr em evidência as formaturas do curso Normal destaca o papel da educação feminina e, mais ainda, põe luzes sobre a história da educação feminina no Colégio. Cabe aqui ressaltar que durante a guerra o Brasil ficou ao lado dos aliados, e assim houve uma preocupação do colégio, de ascendência germânica, em marcar seu nacionalismo, tendo em vista que recebia subvenções do governo estadual e não seria conveniente apoiar outras causas.

Destacar este período é também destacar o considerado auge da história da instituição. O que parece ser preocupação é a construção de uma história de distinção social. É deste período o maior investimento em pesquisa das fontes, como é possível verificar na tabela 2.

O último capítulo deste segundo grupo foca-se na produção da Revista Pétalas e no destaque alcançado pelo colégio na educação brasileira. Aqui, além dos currículos dos cursos Normal e Científico, alguns aspectos do cotidiano da escola são trazidos ao texto, como no excerto que se segue:

> As boas notas, a frequência e o bom comportamento eram publicados de modo a que todos tivessem conhecimento. Não há nos documentos compilados até o momento, o registro de castigos ou reprimendas para quem não figurasse em nenhuma das categorias descritas acima. (BOPPRÉ, 1988; p.193)

Tal destaque ao cotidiano escolar , notadamente relacionados às boas notas e aos bons exemplos de conduta, auxiliam o Colégio na construção de uma imagem exemplar frente à educação catarinense.

Este segundo grupo pareceu ter sofrido maior investimento e ter ganhado maior destaque. Ele conta histórias de um período em que o Colégio estava fechado às elites locais, recebendo prêmios e destaques pela educação proporcionada em suas salas de aula. Mais ainda, era o Colégio o responsável por transmitir e permitir a vivência de valores tidos como tradicionais. Em suma, acreditava-se que esta instituição tinha capacidade de educar as filhas das elites locais, proporcionando, assim, não só o ensino formal como também as redes de

relações traçadas em seu seio. Como valor mais aclamado, a distinção social entre seus ex-alunos parece ter sido o maior enfoque da escola em momento comemorativo.

Ser responsável pela educação tradicional do Estado, formar as filhas das elites locais e ainda agregar valor à instituição no presente justificam a relevância deste segundo grupo de textos para as comemorações. O passado foi usado, portanto, a serviço do presente.

O último capítulo do livro dedica-se às comemorações do aniversário da escola, mobilizando fotografias e currículos. Alguns aspectos deste *Novo Tempo*, como chama a autora, são brevemente explorados, como a nova legislação para o ensino de 1971. É da década de 1970 uma série de modificações e processos que não foram contemplados pela autora em seus escritos. Em sua narrativa, Boppré deixa de lado, por exemplo, a presença da Teologia da Libertação no corpo diretivo da escola e o início do sistema coeducativo, nos inícios da década de 1970. Este momento da instituição é bastante peculiar, pois dá um tom de incertezas à história da escola, optando-se por não narrar tais processos, pois foram alvo de muitas críticas à época e tais procedimentos não contribuíram para o pretenso engrandecimento da instituição. Assim, tudo indica que se confirma que a narrativa historiográfica é sempre escolha, seleção, feita com a finalidade de produzir a credibilidade do historiador, como aborda Chartier:

> a história como escritura desdobrada tem, então, a tripla tarefa de convocar o passado, que já não está num discurso no presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor. (CHARTIER, 2009, p.15).

Desta forma, entende-se que a escrita da história e a forma como as narrativas são construídas são bastante arbitrárias ao historiador que escolhe que fontes utilizar e quais as palavras escrever para contar as tramas de seus objetos. Sua tarefa é, pois, a de através das escolhas de fontes e maneiras de escrever a história, convencer o leitor da sua versão, da sua narrativa, assegurando a credibilidade de quem escreve.

No afã de construir histórias fixas, de forjar estabilidades e fixar identificações, narrar os possíveis desvios não parece ser estrategicamente proveitoso. Por isso entende-se que a autora buscou centrar-se nos estudos acerca da escola feminina e na primeira metade do século XX, notadamente destacando os valores católicos. Esta escolha possibilitou a construção de uma história estável e repleta de êxitos. Narrar o desvio, o erro, ou mesmo o *diferente* não pareceu ser o intuito de Boppré que, no anseio de escrever uma história a serviço das comemorações centenárias, fez suas seleções. Escolher é também esquecer.

Pela forma de organização do livro e pelas palavras escolhidas pela autora, é possível pensar em quais correntes teóricas e metodológicas a autora apoiou-se. Sua organização cronológica (do século XIX até 1989) somada à forma de inserir o objeto no texto apontam certas questões: trazer primeiro o contexto alemão, vivenciado pelas irmãs que iniciaram a congregação em Münster, depois a Educação no Brasil e no Estado de Santa Catarina para aí sim mostrar o Colégio e sua presença nestes contextos. Tal disposição acaba produzindo uma história laudatória e informativa, mas pouco problematizadora. Para Sarlo, "as histórias não acadêmicas, dirigidas a um público formado por não-especialistas, pressupõe sempre uma síntese." (SARLO, 2007, p. 13). Assim, a narrativa de Boppré parece seguir este tom: uma síntese de noventa anos de história do Colégio, com seus recortes temáticos, escolhas e seleções.

Além disso, o uso de termos como *origem* e *evolução* sinalizam para uma preocupação com a definição de raízes, próprias da História ainda pautada em ideias estruturalistas, baseada em recortes econômicos e sociais, em voga na década de 1980, quando a autora escreve seu livro.

Com poucos diálogos com a *nova* geração de historiadores e um forte investimento no uso dos *velhos* (GONÇALVES, 2006,p.95), também conhecidos por produzir uma história considerada tradicional no Estado, o texto da autora e seus diálogos já apresentam alguns aspectos da sua narrativa. Com base nos autores utilizados por Boppré, sua escrita ganha contornos de tradição, somando-se, ainda, os traços da instituição presentes na obra.

As *fontes* pesquisadas e listadas ao fim do livro são também importantes para a (re)construção da pesquisa de Maria Regina Boppré. Seu maior investimento deu-se entre os anos de 1920 e 1964, evidenciando assim as passagens da história que se desejava expor. Mais além, a historiadora dispõe uma série de fotografias e tabelas construídas por ela mesma, as quais não parece considerar como documentos históricos – afinal, estas não constam na listagem final. As fotografias aparecem de forma meramente ilustrativa e os quadros e tabelas apenas como fontes de informação.

Contar a história de quase um século sob a perspectiva da tradição e pelo uso da narrativa laudatória e oficial, usando e abusando do passado, recortando datas e temas, cumpriu sua função na escrita do livro. Este atende às propostas de usar o passado em prol das comemorações. Esta preocupação aparece também na iniciativa de criação de um museu, afinal, a autora do livro é quem assume a coordenação do espaço, traduzindo as vontades de guardar e perenizar a tradição. O livro assume a proposta de impor unidade "sobre as

descontinuidades, oferecendo uma ‘linha do tempo’ consolidada entre seus nós e desenlaces” (SARLO, 2007, p. 14). Em ambos os casos o processo de escolha parece ser a mais cabível forma de compreender a organização da autora ou mesmo das fontes dispostas no acervo.

3. ENTRE ATOS

3.1 A RUA COMO PALCO: AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DO COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS

Ao comemorar seus noventa anos, o Colégio Coração de Jesus iniciou, com dez anos de antecedência, as comemorações de seu centenário, fato que evidencia o investimento em sua autopromoção no momento em que precisava mostrar-se à sociedade. Esta tentativa parece ter servido como uma forma de escrever o roteiro das festas, dos atos que se seguiriam. Ao investir nas memórias das ex-alunas, atrizes do enredo em composição à época, a instituição buscou afetar a população leitora do jornal para suas comemorações, haja vista que "ser público é, também, uma das dimensões da identidade." (SARLO, 2005; 35). Promover este rol de identificações entre cidade e instituição foi atividade constante nas comemorações de noventa anos do CCJ que, em notas sociais, crônicas e fotografias publicadas nos jornais de relevante vendagem local, como o Jornal *O Estado*, *Diário Catarinense* e *A Notícia*, promovia o afeto pelas formas de narrar o passado.

Assim, narrar pode ser entendida como a palavra-chave das comemorações que precederam em dez anos o centenário do Colégio. Deixar marcadas e registradas suas versões de história foi de suma importância para a organização e a efetivação das festas que se seguiram. As crônicas de ex-alunas trazem pedaços de histórias pessoais vividas no interior da escola, notadamente ressaltando períodos diversos (entre 1920 e 1970) e exemplos de bom comportamento e boa educação proporcionados pela instituição. Mais do que expor memórias pessoais ligadas à instituição, tais textos serviram como publicidade para a escola em momento festivo, evidenciando ainda seus méritos por um passado repleto de boas lembranças.

A versão oficial da História do Colégio Coração de Jesus, também produzida em 1988, ganhou contornos publicitários, pois destacou valores considerados relevantes a uma instituição de ensino, narrando de forma laudatória os fatos que envolveram a trajetória de vida do Colégio. Os fatos e contatos foram selecionados pela historiadora a fim de que o livro possibilitasse a leitura de uma história de êxito no campo educacional catarinense, com poucos conflitos e desentendimentos, sem problemas ou maus momentos: o que fica registrado são apenas as vitórias[15].

[15] Deve-se levar em consideração, por exemplo, que o referido Colégio foi gerido durante toda a sua existência pela Congregação das Irmãs da Divina Providência, de origem germânica. No estudo de Maria Regina Boppré não há relatos de desentendimento, desgosto ou desaprovação da instituição para com O Estado Novo Varguista,

Entende-se, portanto, que esta negociação entre passado e presente é uma das principais formas de comemorar. Esta negociação se dá através de narrativas, que vão trazer à tona o passado, seja pelas recordações ou pela escrita da história, para dar sentido ao presente comemorado:

> Trata-se, também, da recuperação[16] das memórias culturais, da construção de identidades perdidas ou imaginadas, da narração de visões e leituras do passado. O presente, ameaçado pelo desgaste da aceleração converte-se, enquanto transcorre, em matéria da memória (SARLO, 2005; 96)

Se nas comemorações dos noventa anos da instituição a negociação feita entre passado e presente deu-se através dos afetos entre público leitor – dos jornais, do livro – e Colégio é preciso que se entenda tal negociação como um investimento para as atividades que envolveram o centenário da escola. Construir aos poucos este elo de afetividade, dar este *start* emocional fez com que fosse possível que as festas do centenário ganhassem as ruas do centro da cidade.

Este segundo capítulo está centrado em duas festas pensadas e organizadas pela equipe diretiva do Colégio e que envolvem o ano comemorativo de 1998: o Dia do Ex-Aluno e a Divina Festa do Divino. Ambas as festas tiveram como palco o perímetro central da cidade e tomaram as ruas de maneiras distintas. O aniversário da escola, que aparece de forma mais rarefeita em 1988, (em pequenas publicações nos jornais locais e na editoração de um livro de pouca circulação) agora ganha as ruas, levando a comemoração ao ápice de sua exposição. Mostrar-se ao público das mais diversas formas e mostrar-se como instituição digna de homenagens foi a forma encontrada pela escola para promover-se em seu centenário.

Comemorar cem anos carrega certas marcas. Segundo Beatriz Sarlo "os números redondos tem uma força de gravidade que exercem um poder de atração" (SARLO, 2005; 22). Estar em funcionamento, e demonstrando – pelo menos para o público que vê nas ruas ou nos jornais – vitalidade depois de tantos anos, ganhando títulos[17] de destaque pelos serviços

---

em Santa Catarina liderado por Nereu Ramos, então Interventor de Estado. Estudos mais recentes apontam alguns problemas desta ordem, tendo em vista que algumas das Irmãs da Congregação, por exemplo, pouco falavam a língua portuguesa. Sobre este assunto, conferir: FAVERI, Marlene. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina.** Florianópolis: Editora UFSC, 2005. Entre outros fatos, omite-se nos relatos em torno das comemorações a presença de uma corrente libertária (teologia da libertação) frente à Congregação e à direção da escola durante a década de 1970. São apenas alguns exemplos do que as narrativas aqui estudadas deixam de lado no que diz respeito à História da instituição.

[16] O termo recuperação utilizado pela autora deve ser lido com devidas restrições pois acredita-se não ser possível uma recuperação do passado ou das memórias culturais. Entende-se que neste tempo presente existe uma preocupação na busca de elementos do passado, mas sua recuperação total é questionável.

[17] Neste ano o Colégio Coração de Jesus recebeu algumas homenagens significativas: da Assembléia Legislativa

prestados até então. Mais do que o destaque na educação do Estado, o centenário trouxe para o colégio um tom a mais na tão anunciada tradição em educar catarinenses.

Este capítulo pretende abordar, tanto nas análises sobre a Festa do Divino Espírito Santo, como nas da Festa dos Cem anos, como foram feitas as construções de acontecimentos. Os acontecimentos são particularmente importantes para uma história do presente. Para P. Nora, o fenômeno dos acontecimentos impera neste tempo presente, pois as mídias possibilitaram sua existência, e, "para que haja acontecimento é preciso que ele seja conhecido" (NORA, 1979, p.181). Ainda deve-se salientar que é o acontecimento, ou a sua produção pelos meios midiáticos, que torna a História do Tempo Presente possível. O século XX viveu a era das mídias, construindo e desconstruindo fatos nas páginas dos jornais.

Os documentos aqui analisados são produtos deste tempo das mídias: páginas de jornal que contam e constroem acontecimentos: seu lugar é "nas rubricas do jornal" (NORA, 1979, p.184). Logo, entende-se que os jornais aqui analisados vão auxiliar na compreensão das representações do fato.

As duas festas que aqui serão analisadas serão pensadas a partir de três etapas perceptíveis nos escritos. A primeira etapa consiste no investimento escrito, nas páginas de jornal (seja na forma de crônicas, publicidades e notas em colunas sociais) para que a festa seja entendida, após sua realização, como acontecimento. Dessa forma, investiu-se na divulgação das mesmas na mídia impressa, fazendo-as presentes nas páginas de jornal dos dias que antecedem o evento.

O segundo momento é bastante parecido com a primeira etapa. São analisadas também as escritas que potencializam o evento, nos dias em que ocorrem, dando visibilidade ao mesmo. Assim, as colunas sociais são escritas bastante significativas para este tipo de percepção, pois nota-se aí o investimento em divulgar o evento, bem como de perenizar aquilo na forma de acontecimento. Assim sendo, esta etapa é uma mediação entre o primeiro e o segundo momento.

Já uma terceira etapa diz respeito às narrativas que contam o acontecimento ocorrido. Entendendo que o mesmo só existe ao ser conhecido, o jornal *Palavra do Coração* traz não só um apanhado das rubricas de jornal sobre as festas como a versão oficial da escola para as mesmas. Ao enviar este exemplar – até então distribuído apenas na comunidade escolar – para a Biblioteca Pública, a instituição pereniza sua versão e investe, mais uma vez, na construção

---

de Santa Catarina e da CDL, por exemplo. Além disso, sua diretora, Ir. Norma Feuser, recebeu neste ano título de cidadã honorária da cidade de Florianópolis na Câmara de Vereadores e figurava ainda nos nomes do Conselho Estadual de Educação.

das festas como acontecimentos marcantes no cotidiano da cidade. Assim, as comemorações aqui analisadas serão vistas por três óticas: a que antecede a festa e seus investimentos para que aquele evento seja relevante para a comunidade; a que acontece durante a festa, que mescla o investimento e perenização do evento na forma escrita; a que sucede a festa e narra o ocorrido de forma a divulgá-lo como acontecimento.

Nesse tom, muitos são os autores que se debruçaram aos estudos acerca dos acontecimentos. O já citado Pierre Nora (1979) entende que os mesmos são próprios deste tempo presente, tendo em vista o *boom* midiático que vivemos. Pelas várias formas de propagandear e narrar os eventos é que o acontecimento é possível: "os *media* transformam em atos aquilo que não teria sido senão palavra no ar, dão as discurso, à declaração, à conferência da imprensa a solene eficácia do gesto irreversível." (NORA, 1979, p.182). As festas aqui estudadas são analisadas pela ótica da narração de acontecimentos que fizeram das ruas do centro de Florianópolis o palco das comemorações.

Neste sentido, as festas promovidas durante o ano de 1998 procuraram ocupar as ruas do centro da cidade, fazendo do entorno do Colégio um palco a céu aberto para suas encenações. Naquelas ruas, o Colégio veste seus melhores figurinos de tradição e idoneidade, expondo seus predicados e promovendo a instituição privada.

A Festa do Divino Espírito Santo é uma conhecida festa popular que acontece por todo o país. Em Santa Catarina os meses de maio e junho são repletos de atos religiosos ligados às chamadas "festas do divino". Na Capital, além das festas nos bairros como Ribeirão da Ilha, Campeche, Santo Antônio de Lisboa há uma festa no centro da cidade e que ocorre na Praça Getúlio Vargas, situada ao lado do Colégio Coração de Jesus. A festa é organizada na forma de quermesse, com barraquinhas de brincadeiras e comidas. Há música, dança, encenações folclóricas e, claro, uma rígida liturgia católica a ser seguida. Usualmente a Irmandade do Divino Espírito Santo (IDES)[18] chama algum casal conhecido nos meios sociais da cidade para promover a festa. Em 1998, como o Colégio estava em ano de festa, foi chamado para ser o festeiro da Divina Festa e usou deste espaço para promover seu centenário.

A Festa do Divino é um local bastante propício para se promoverem os valores que o Colégio imaginava carregar consigo. As barraquinhas de comidas são as consideradas *típicas* ou *locais*. O Restaurante do Arantes[19], A Casa das Tortas[20], o Kibe do Amin[21], o Cachorro-

[18] A Irmandade, fundada no século XVIII, hoje se caracteriza como uma Organização Não Governamental de caráter assistencial cujo foco é atender crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. As informações foram retiradas do site da instituição: http://divinafesta.com/index.php/irmandade-do-divino-espirito-santo com acesso em 01 de agosto de 2012.

[19] O Restaurante do Arantes localiza-se na praia do Pântano do Sul e em seu cardápio são encontradas variados

Quente do Emaús[22], dão o tom de pertencimento, de transito nos meios sociais. O perímetro central de Florianópolis, notadamente o que está compreendido na triangulação Av. Beira-Mar – Av. Mauro Ramos – Rua Felipe Schmidt, e que se sente afetado pelo centenário do Colégio, cria também laços de pertencimento com essas comidas *locais*. Entender estes signos alimentícios é também uma forma de identificação social, de pertencimento, e, em dias de festa, de distinção.

As apresentações folclóricas trazem o elo com a cultura popular da cidade. Com apresentações de *pau de fita* e *boi-de-mamão*[23] o Colégio forjou este elo com a cidade, com as identificações em torno da cidade. Promover apresentações relativas à cultura popular local procura demonstrar que o Colégio esteve imerso neste mundo popular da cidade, ou seja, que ele faz parte de Florianópolis.

Promover a Festa do Divino no ano em que comemorou seu centenário possibilitou ao Colégio uma exposição exacerbada pelas ruas do centro da cidade. Notadamente este caminho trilhado no espaço público foi o mote das festas no ano de 1998. O Dia do ex-aluno, nome da festa dos cem anos, ocorrida na data de aniversário da escola, dia 26 de junho, contou com uma extensa programação que envolveu atividades durante todo o dia, desde as 6h da manhã, até seu encerramento à noite. Entre as ações programadas, um desfile das turmas que passaram pela escola nos seus cem anos, organizadas com faixas, balões e camisetas, parou ruas da cidade, como os arredores da Praça XV de Novembro e da Praça Getúlio Vargas:

---

pratos de frutos do mar. O restaurante é bastante conhecido do roteiro turístico gastronômico da ilha e sua presença na Festa do Divino.

[20] A Casa das Tortas é uma conhecida confeitaria encontrada nas proximidades da Praça Getúlio Vargas e bastante frequentada pelo público alvo da festa organizada pelo Colégio.

[21] A barraca de Kibe do político Esperidião Amin é bastante conhecida não só na Festa do Divino como em outras tantas festas no estilo quermesse que ocorrem pelo Estado de Santa Catarina. Por sua descendência árabe, Amin faz pratos típicos como Esfihas e Kibes.

[22] O Emaús é um grupo jovem promovido pela Igreja Católica e anualmente organiza a barraca do cachorro-quente da Festa do Divino Espírito Santo.

[23] O pau de fita e o boi de mamão são danças/encenações folclóricas

Figura 7 : Formandas da década de 1940 em desfile pelo centro da cidade durante a Festa do Centenário. Fotografia veiculada no jornal Palavra do Coração.

O dia do ex-aluno traz o passado vivo, os atores da história do Colégio para o centro da festa, fazendo das ruas o palco da comemoração. Este reencontro promove recordações e emoções, deixando transbordar elos afetivos de tempos de escola e de juventude. Para promover esta festa o Colégio fez divulgação através de folder, contendo a programação do dia. Além disso, montou postos de venda de camisetas do centenário. Nesta festa, as ex-alunas puderam voltar às dependências da instituição, com suas antigas colegas de turma. Para isso, o Colégio remontou algumas salas de aulas, com carteiras, quadros-negros, uniformes e materiais escolares de tempos passados. Todo este aparato museal é bastante eficaz para sensibilizar as atrizes das festas em meios às comemorações.

Comemorar através dos elos afetivos parece ser a principal estratégia organizada pelo Colégio em seu centenário. Vale ressaltar que a superexposição ocasionada pelas festas no espaço público gera publicidade positiva para a escola e, isto, no momento em que a cidade de Florianópolis passava por um considerável crescimento urbano, com novas e diferenciadas ofertas de ensino em diferentes bairros, era bastante relevante em termos de gestão empresarial.

Comemorar aniversários é também não cair no esquecimento, criando assim um *lugar de memória*, como abordados por Pierre Nora, que “nascem e vivem do sentimento que não

há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações (...)" (NORA, 1993; p.13). É lembrar, não deixando esquecido o que passou, preocupação bastante percebida neste tempo presente, que por sentir o tempo cada vez mais acelerado, vive o medo do esquecimento e da atrofia da memória e, por isso, tanto guarda e registra. De acordo com Beatriz Sarlo:

> O novo milênio começa nesta contradição entre um tempo acelerado, que impede o transcorrer do presente, e uma memória que procura tornar sólido esse presente fulminante que desaparece decorando-se a si próprio. (SARLO, 2005; p. 96)

Esta preocupação com o registro e com o guardar é bastante significativa em meio às comemorações centenárias do Colégio Coração de Jesus. Os documentos utilizados para a escrita desta dissertação são de variados suportes, tendo em vista uma dificuldade pontual em relação ao contato com as fontes. Em 2007 o Colégio Coração de Jesus foi vendido para Rede Bom Jesus de ensino. Seus arquivos podem ser visitados, porém, o acesso é bastante dificultoso, pois é necessária a supervisão de funcionários da escola que, por todas as outras atividades que desempenham, não possuem tempo disponível para o acompanhamento de pesquisas no acervo. Além disso, a instituição tem dificuldades em liberar a digitalização dos documentos, e toda a consulta deve apenas ser anotada. Entretanto, em duas breves idas ao acervo do Colégio, foi possível perceber a imensa vontade de guardar. São duas salas recheadas de documentos, guardados em caixas-arquivo, organizados e datados. Documentos de mais de um século de atividades escolares. Mas o ano de 1998 parece ter sido mesmo a menina dos olhos do Colégio. Um rol de cartas, depoimentos, homenagens, organização de assessoria de imprensa entre tantos outros papéis foi minuciosamente selecionado e guardado pela instituição em três grandes fichários intitulados MEMÓRIA – CCJ – 1998.

Além do aparato documental, em outro espaço o Colégio deixou objetos materiais, antes parte do museu do Colégio, inaugurado em 1988 em meio às comemorações dos noventa anos da instituição. Os objetos escolares, como quadros de formatura, carteiras, mesas, globos, fazem parte da cultura material escolar e foram também alvo da salvaguarda da instituição. Estes espaços vêm aos poucos se abrindo para as pesquisas, destacando-se aqui a dissertação de Nelson Maurilio Coelho Júnior, desenvolvida entre 2011 e 2013 no Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC. A dissertação em questão é intitulada *Janelas para um tempo: os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus 1922 -1929* (Contribuições para o estudo da história da educação em Santa Catarina), e por ela é possível verificar que os guardados do antigo CCJ vão se abrindo à consulta.

Guardar foi, portanto, preocupação constante da instituição. Mas houve também a preocupação de enviar materiais para outras instituições de salvaguarda de documentos. Ao pesquisar os jornais locais na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, em busca do Informe Especial divulgado em 1988 no Jornal *O Estado*, fui apresentada a uma pasta referente a materiais relativos ao Colégio Coração de Jesus. Esta pasta está nos fichários de metal do terceiro andar da biblioteca pública e, com a ajuda da funcionária, pude encontrar coisas que não esperava: o Colégio enviou ao acervo alguns exemplares do seu jornal de circulação interna. *Palavra do Coração* é um jornal que começou a ser editado em 1997, um ano antes das festas previstas, já anunciando preocupações de divulgação e registro. Era distribuído para a comunidade escolar – pais, professores e alunos – com periodicidade mensal, a fim de divulgar atividades do cotidiano escolar. São quatro os exemplares enviados pela escola à Biblioteca Pública: um referente à Festa do Divino Espírito Santo, de junho de 1998, outro de fevereiro do mesmo ano que dedica a edição a contar a História dos cem anos do Colégio, uma forma de abrir este ano festivo e os dois últimos, de junho e julho de 1998, referentes ao Congresso de Educação promovido no mesmo ano. Assim, nota-se que o registro destas atividades, em texto e fotos, foi um exercício constante e a preocupação em guardá-los pode ser vista por onde os rastros das comemorações aparecem.

Outro material utilizado foi uma pasta organizada por uma ex-aluna, membro da comissão de divulgação do Dia do Ex-Aluno. Em sua pasta, ficaram guardadas as notas de divulgação em colunas sociais, reportagens de jornal, crônicas, folder de divulgação, propagandas e dois exemplares do jornal *Palavra do Coração*, referentes à Festa do Centenário.

Na Biblioteca Pública do Estado, ainda foram pesquisados os jornais *O Estado*, *A Notícia* e *Diário Catarinense*, nos quais foram encontradas notas em colunas sociais, crônicas e reportagens. Os jornais diários foram bastante utilizados para a divulgação das festas e promoção da instituição. Jornalistas lembram com saudosismo e nostalgia tempos passados do Colégio e de Florianópolis. A imprensa local, possivelmente a pedido da organização da festa, parece abraçar o Colégio em seu centenário.

Este aparato documental possibilita perceber como a escola preparou e organizou suas festas, as formas de divulgá-las e contá-las, e a necessidade de registrá-las e guardá-las.

3.2 COMEMORAÇÕES EM CRÔNICAS: GERAÇÃO E JUVENTUDE POR PAULO DA COSTA RAMOS

"No recreio ela brinca de amarelinha
Como sua mãe
Como sua avó."[24]

A frase exposta acima foi retirada da propaganda em forma de vídeo[25] veiculada nas redes de televisões locais de Florianópolis no ano de 1998, promovida pelo Colégio Coração de Jesus. Na propaganda, uma menina vestida com o uniforme da escola brinca de amarelinha e tal situação serve de pano de fundo para a afirmação que, além dela, sua mãe e sua avó também ali se divertiam com a mesma brincadeira. A *amerelinha* vinculada aos antepassados da menina na escola pode ser pensada como uma estratégia (CERTEAU, 2008 p.47) para se pensar as formas como a instituição de ensino promoveu as comemorações de seu centenário buscando com a reedição da brincadeira reforçar a noção de tradição, como maneiras de afirmar seu espaço na sociedade catarinense. Por exemplo, brincar de amarelinha como seus antepassados demonstra a ideia de uma tradição passada de geração em geração, pelos que puderam vivenciar a escola e que, em 1998 estava a comemorar seus cem anos em prestação de serviços.

Este traçado de *gerações* demonstrado pela publicidade da escola possibilita pensar na própria história da instituição, que a partir de sua fundação no ano de 1898 passou a oferecer uma nova opção de estudos às moças catarinenses filhas das elites locais e, por este motivo, nas narrativas produzidas em torno das comemorações do centenário, as figuras de avós, mães e tias são trazidas à tona em forma de tradição em educar, ou mais, de transmitir os ensinamentos de gerações em gerações. Desde o início de suas atividades, o Colégio Coração de Jesus propôs-se a educar as filhas das elites locais, em ascensão no Estado de Santa Catarina, em virtude do seu crescimento financeiro, social e político nos anos iniciais da República.

A história do Colégio Coração de Jesus, como já nos referimos anteriormente, pautou-se, portanto na (re)afirmação em educar esta parcela de catarinenses, tendo em vista que sua inauguração se deu para suprir a defasagem do ensino formal do Estado. Suas primeiras

[24] Propaganda veiculada nas redes locais de televisão e disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Dnug_KQZ5eM, com acesso em 14 de fevereiro de 2012.

alunas foram, portanto, as filhas das novas elites locais que começavam a se desenhar com o iniciar do sistema republicano no Brasil. Essa suposta tradição em educar catarinenses é trazida ao presente na forma de crônicas, publicidades, reportagens de jornais e tantas outras fontes que a escola produziu durante seus festejos.

A proposta que aqui se segue, de análise da festa pelo entendimento da construção do acontecimento, é percebida através dos documentos coletados para a pesquisa, que apontam três etapas para esta construção.

As convocatórias que antecedem o dia da festa aparecem nas principais colunas sociais, como nas notas assinadas pelos jornalistas Urbano Salles, Raul Sartori, Juliana Wosgraus e Ricardinho Machado. O chamamento para a festa vem no sentido de agregar o maior número de pessoas durante as celebrações, para que o evento possa ser considerado relevante na comunidade na qual se insere. As propagandas da festa, com o cronograma de atividades, preveem a reunião de ex-alunos e ex-alunas de todas as faixas etárias que já tinham passado pelos bancos escolares do Coração de Jesus. Contabilizando, segundo sua própria publicidade à época, mais de cento e oitenta mil alunos e ex-alunos, o Colégio esperava promover "o maior reencontro da cidade"[26].

Nota-se a vontade de agregar e reunir pessoas em torno das festividades centenárias que vinham a congraçar o Colégio por seu histórico e por sua presença na comunidade. O entendimento e a ideia propagandeada de promover o maior reencontro da cidade demonstra essa vontade de engrandecer o evento, mostrando o resultado esperado pela escola quando da organização de festas. Este dia, de acordo com a programação, foi repleto de atividades, iniciando com uma alvorada festiva na praça situada em frente a escola, com café da manhã oferecido aos participantes no interior da escola. Após isso, esta comunidade escolar sairia em passeata pelas ruas do centro da cidade, em comemoração à escola. Mostrar-se à comunidade local foi, portanto, uma das principais vontades do Colégio. Nas linhas dos jornais ou tomando as ruas, a instituição entendeu que a comunidade à qual pertence deveria ser o alvo de suas demonstrações de afetos e assim foi construindo/forjando estes laços identitários entre escola e coletividade. Aqui fica bastante evidente o papel da ideia de tradição em meio aos festejos. Com o Dia do Ex-aluno a escola publicizou-se, evidenciando a *cidade* abraçando e congraçando os seus cem anos. O passado ou a (re)construção de um dos passados possíveis por parte do Colégio pode ser um ato entendido como uma vontade de patrimonializar, consagrando posições de destaque a certos objetos, fatos e acontecimentos dessa trajetória da

[26] Publicidade do Dia do Ex-Aluno, publicada em jornais locais.

instituição em cem anos. Esse processo que tende a patrimonializar, sacralizando seus objetos, pode ser considerado como um fenômeno do presente e sua obsessão pelo guardar, pelo acumular, ou mais, pelo tudo lembrar. Nas palavras do historiador Francisco Régis Lopes Ramos

> O passado, portanto, não é simplesmente aquilo que passou, e sim um saber que se faz nas disputas de posições conflitantes e interessadas em criar certas legitimidades no presente e a partir do presente, compondo seleções que pretendem seduzir o futuro e, como se sabe, a sedução sempre usa artifícios inconfessáveis, insondáveis até mesmo para o próprio sedutor. (RAMOS, 2010; p. 76)

Esta vontade de patrimonializar no presente, usando e construindo passados parece ser uma das principais atividades do Colégio Coração de Jesus em meio aos seus festejos. O remontar de salas de aula de outrora, o desfile de antigos uniformes, bem como a reunião das amizades de infância possibilitaram esta (re)construção de tempos antigos, usando o passado para, como fala Ramos, criar legitimidades no presente.

O Coração de Jesus levou seus ex-alunos para o interior da escola, remontando antigas salas de aula, trazendo uniformes de outras épocas e buscando remontar as diferentes fases e gerações pelas quais o Colégio tinha passado até então. Trouxe este nível afetivo das memórias, o que auxiliou na sensibilização desta comunidade escolar para com o centenário da escola. Essa vai ganhando destaque nas páginas de jornal e propagandeando, além dos eventos relativos ao seu aniversário, suas formas de ensinar e seus projetos futuros. Aparecendo nas mídias e investindo na construção da festa como acontecimento marcante e relevante para a cidade, o CCJ mostrou-se e construiu-se para a cidade de Florianópolis neste Tempo Presente.

Um segundo momento, relativo aos acontecimentos, diz respeito aos escritos produzidos e/ou divulgados durante o dia de festa. As notas em colunas sociais trouxeram ex-alunas de destaque na sociedade florianopolitana e relatos do dia comemorativo, afirmando a lotação dos restaurantes que abrigaram a reunião e o reencontro das turmas. Neste momento, vê-se o investimento em divulgar as proporções e impactos do evento na cidade, a fim de entendê-lo como acontecimento.

Mas o destaque entre os escritos dá-se para a crônica de Paulo da Costa Ramos, veiculada no jornal *O Estado*. O cronista do jornal *O Estado*[27], à época, dedicou-se a escrever

[27] O jornal *O Estado* é de circulação regional e contou com a coluna de Paulo da Costa Ramos durante boa parte de sua existência, fazendo do cronista um dos carros-chefes da publicação. Assim, a coluna no autor aqui

uma crônica, veiculada em 26 de junho de 1998, relatando suas experiências com o Colégio, ou melhor, com suas alunas. As vivências em torno das ex-alunas são trazidas à tona para ajudar a narrar uma história a ser contada durante as comemorações do CCJ, e assim as fontes produzidas durante o festejo, tal como a crônica escrita por Paulo da Costa Ramos evidenciam o *know-how*[28] da escola em educar as mulheres catarinenses, como é possível perceber no excerto seguinte:

> Não há quem não tenha parente próximo ou distante que não tenha passado pelos bancos do 'colégio das freiras' – assim como não há quem de lá tenha saído sem uma formação moral sólida e um preparo intelectual suscetível de aparelhar o aluno – no caso a aluna – para a vida aqui fora. (RAMOS, 1998, p.2)

Em sua narrativa, o cronista demonstra o saber escolar transmitido pela instituição às suas alunas evidenciando a formação moral e o preparo intelectual proporcionado pela educação oferecida na instituição. Dessa forma, a representação que a crônica dá a ler é que as mulheres lá formadas receberam a mais especializada forma de educar, fazendo do CCJ um exemplar educador, a ser congraçado por seus cem anos em prestação de serviços à comunidade catarinense. Recorrer aos antepassados familiares na escola demonstra uma reafirmação dos valores tradicionais e pode-se pensar que tal reafirmação é necessária num momento em que há "crise dos valores tradicionais, sobretudo à desintegração da família" (PASSERINI, 1996 p.357). Logo, o texto assegura o lugar da família e da tradição na sociedade, afirmando o papel da instituição escolar nesta história. Essas narrativas demonstram que a opinião publica auxiliou a escola a construir uma imagem de exemplo na educação, atentando sempre suas virtudes, fazendo assim uma representação da instituição, dada a ler em sua crônica. Mais do que uma representação da instituição a crônica aqui estudada possibilita pensar nas representações de juventude e geração, abordadas pelo cronista.

Além da construção dos predicados da escola pelo autor, o texto ainda apresenta uma sucessão de gerações que frequentaram o Colégio:

> Falo de cadeira porque minha mãe Gessen foi aluna do Coração de Jesus. Minha mulher, Arlete, embora tenha nascido e vivesse a 600 quilômetros da capital, foi aluna do Coração de Jesus. Minhas duas filhas Daniela e Fernanda estudaram no Coração de Jesus. Minha neta Sofia Ramos da Veiga

---

estudado ocupou posição de destaque em suas páginas, no caderno Opinião.

[28] Entende-se por *know-how* o conhecimento de como executar uma tarefa. A expressão é correspondente ao savoir-faire da língua francesa.

> freqüenta há dois anos o Jardim de Infância do Coração de Jesus. (RAMOS, 1998, p.2)

Com esta sucessão de gerações (parte do núcleo familiar do autor) exposta através do texto, é possível pensar em questões sensíveis à História do Tempo Presente e, dessa forma, o exposto nos proporciona pensar a questão da geração. A geração pode ser considerada para além de suas características biológicas, como aborda Jean-François Sirinelli:

> Certamente a geração, no sentido 'biológico', é aparentemente um fato natural, mas também um fato cultural, por um lado modelado pelo acontecimento e por outro derivado, às vezes, da auto-representação e da autoproclamação: o sentimento de pertencer – ou ter pertencido – a uma faixa etária com forte identidade diferencial. (SIRINELLI, 2006 p. 133)

A perspectiva de Sirinelli é útil para pensarmos na crônica como uma forma de autorrepresentação e autoproclamação e, assim, as gerações pelo autor abordadas vêm neste tom, mais do que uma simples sucessão biológica. Tal questão torna-se bastante interessante se trabalhada na perspectiva da História do Tempo Presente, haja vista que o determinar de geração depende também da fixação de acontecimentos como marcos.

As comemorações do centenário do Colégio Coração de Jesus constituem-se da busca de elementos do passado que possibilitem afirmar – e forjar – as bases sólidas da escola quanto à educação da população catarinense. Por isso os antepassados que lá estudaram são sempre trazidos à tona nas fontes produzidas nesses cem anos, a fim de afirmar o espaço da escola na cidade, na sociedade e o demonstrar da sucessão de gerações ajuda a configurar a tradição, afirmando assim o espaço ocupado pela instituição na sociedade catarinense e, mais notadamente, na sociedade florianopolitana. Comumente pensa-se em gerações a partir de uma simples sucessão biológica, o que nos é demonstrado pelo cronista quando o mesmo aborda suas *gerações* familiares que frequentaram o *colégio das freiras.* Deve-se, pois, adotar a perspectiva de pensar as gerações como móveis, flexíveis, afinal de contas, aspectos culturais auxiliam na definição das mesmas. Ainda de acordo com Jean-François Sirinelli:

> Consequentemente, como dificuldade suplementar, a noção de 'periodização' remete à de regularidade. Ora, os fatos inauguradores se sucedem de maneira forçosamente irregular e por isso existem gerações curtas e gerações longas. E assim como o econômico, o social, o político e o cultural não avançam no mesmo passo, e as gerações, em relação a esses diferentes registros, são de geometria variável, tal plasticidade também existe verticalmente em relação ao tempo. (SIRINELLI, 2006 p.133)

O forjar de unidades, identidades geracionais, como mostra o texto, pode ser pensado a

partir da perspectiva de Sirinelli, afinal, essa periodização dá indícios de regularidade. Em momento comemorativo, como o centenário da escola, o que se buscou evidenciar foram justamente as continuidades fixando padrões. Essa tentativa de forjar continuidades contando experiências e vivências em torno da escola auxiliou a mesma no intuito de fixar seu lugar no imaginário da sociedade florianopolitana. Pelas palavras de Paul Ricoeur, é possível compreender estas vontades de forjar unidades e sentir-se pertencer a uma comunidade, pois

> Acreditamos na existência de outrem porque agimos com ele e sobre ele e somos afetados por sua ação. É assim que a fenomenologia do mundo social penetra sem dificuldade no regime de viver juntos, no qual os sujeitos ativos e passivos são de imediato membros de uma comunidade ou de uma coletividade. (RICOEUR, 2007, p. 13)

Este recurso narrativo usado por Paulo da Costa Ramos ativa esta noção de coletividade trabalhada por Ricoeur, afinal, mesmo que o cronista use suas memórias pessoais no texto, estas estão diretamente relacionadas à comunidade a qual pertence. Ainda neste sentido, o autor busca em suas memórias pessoais o recurso para manifestar seus sentimentos pelo Colégio, descrevendo, assim, itinerários percorridos no perímetro central da cidade, tendo como centro destes caminhos o Colégio Coração de Jesus, como nos demonstra o excerto abaixo:

> O Colégio Coração de Jesus faz 100 anos hoje. Só posso me regozijar à distância prudente, uma vez que, por motivos óbvios – e muito a contragosto – jamais pude freqüentá-lo como aluno. Mas passei sete anos como se fosse seu porteiro não remunerado, assinando religiosamente o ponto ao meio dia e às cinco da tarde, ora na Praça Getúlio Vargas, ora na Praça Pereira Oliveira. Esta posição dependia de várias coisas; do dia da semana, do vento, mas principalmente do itinerário do objeto da vigília. Se a aluna morasse pelos lados da Trompowsky, da Praia de Fora, da Mauro Ramos, sentava-se praça ao pé do monumento ao dr. Bulcão Viana. Se, pelo contrário, se dirigia às imediações da Praça XV, da Tenente Silveira ou do terminal de ônibus da Alfândega, o ponto de emboscada era o monumento a Jerônimo Coelho, ao lado do Teatro Álvaro de Carvalho. (RAMOS, 1998 p.2)

Tal descrição dos itinerários que o autor percorria em sua juventude apresenta um forjar de identidade geracional, excluindo outras tantas cidades e vivências possíveis. Suas memórias são descritas como se fossem partilhadas por todos os cidadãos florianopolitanos. Mais ainda, pelo período[29] descrito pelo autor e pelas ruas e locais citados em sua escrita,

[29] Este pode ser percebido através da frase contida na crônica: "exercíamos nossa paquera, pois, sob a proteção da imprensa e das forças armadas." Entendendo-se assim que os momentos de juventude expostos pelo cronista foram vivenciados em meio à Ditadura Civil-Militar ocorrida no Brasil a partir de 1964.

pode-se perceber tal partilha geracional unida por valores de classe, notadamente aqui as classes médias[30] e altas florianopolitanas.

O conceito de juventude é também bastante caro aos estudos históricos e pode ser pensado aqui a partir da análise da crônica. Luisa Passerini aborda duas formações e ideias de juventude: a Itália fascista e os *teenagers* da década de 1950 nos Estados Unidos. Pode-se perceber aqui uma aproximação com os ideais de juventude americanos, tomados os devidos distanciamentos. Para os estudos propostos aqui, considerando-se os recortes geracionais e temporais, é válido pensar acerca das modificações dos conceitos de juventude. Segundo Luisa Passerini, a década de 1960 é a fase final de um conceito de juventude pautado na "ideia de juventude como turbulência e renascimento, germe da nova riqueza para o futuro" (PASSERINI, 1996 p. 317). A juventude aqui representada por Paulo da Costa Ramos encontra-se, pois, num momento de modificação do próprio conceito de juventude. A juventude descrita pelo cronista está vivendo um momento quando o ser jovem entra em questão, afinal, jovens pelo mundo passam a ser problemas sociais e políticos devido às movimentações que ocorrem em todo mundo. Paulo da Costa Ramos, mesmo narrando experiências em torno de um colégio católico, deixa entrever essa identidade geracional, percebida no excerto seguinte: "Exercíamos nossa paquera, pois, sob a proteção da imprensa e das Forças Armadas.". A partir desse, pode-se inferir que se tratava do período ditatorial vivido pelo país e questionado e criticado pela população jovem.

A juventude que Paulo da Costa Ramos representa em seus escritos é bastante específica. Frequentou e morou em torno do perímetro central da cidade – o que já demonstra um poder aquisitivo mais elevado, pertencendo, assim, às classes médias e altas urbanas – estudou no Colégio Coração de Jesus ou no Colégio Catarinense, como aborda o autor. Tais elementos são capazes de gerar uma identificação etária e de classe nos leitores de sua coluna, afinal, ex-alunos e ex-alunas das instituições citadas, que moraram ou fizeram os trajetos relatados pelo autor e sociabilizaram entre seus pares no mesmo período possivelmente sentiram-se parte daquilo que estava sendo contado naquelas linhas. Esse autorreconhecimento como classe, como unidade pode ser aproximado aos estudos de Luisa Passerini relativos aos *teenagers* americanos de 1950:

[30] Com o crescente número de escolas particulares na cidade o colégio precisou adequar sua proposta, ficando responsável assim não apenas pelas elites do Estado, mas também pela educação de parte das classes médias, que com a abertura da escola a estas novas possibilidades, puderam estudar no CCJ.

> Tratava-se da primeira geração de adolescentes americanos privilegiados, mas sobretudo da primeira geração que apresentava uma coesão acentuada, um auto-reconhecimento enquanto comunidade especial com interesses comuns. A figura do adolescente que de tal modo emergia era associada sobretudo à vida urbana e encontrava seu habitat na high-school – que parecia transformada num cosmo em si mesmo. (PASSERINI, 1996 p.354)

A geração de Paulo da Costa Ramos, descrita em seu texto, pode ser delimitada pelo próprio historiador, pois "a geração é também uma reconstrução do historiador que classifica e rotula." (SIRINELLI, 2006 p.133). Assim, entende-se que a geração descrita é uma parcela de jovens da cidade de Florianópolis, que durante as décadas de 1950 e 1960, vivenciou o perímetro urbano central e, por estudarem em escolas correspondentes (em classe social, por exemplo) identificam-se entre si, forjando assim uma identidade geracional biológica, ou mesmo determinada simplesmente pelo lugar.

O que a crônica aqui estudada nos traz é, pois, uma mistura de elementos biográficos que pretendem contar histórias de uma geração, histórias de juventude de uma determinada classe social, com elementos que ajudam a contar institucionalmente a história da escola em prol das comemorações de seu centenário. O autor traz em sua narrativa personagens do seu núcleo familiar, agregando a estes tias, avós e sobrinhas para comporem uma história da tradição em educar, construindo assim uma imagem de si mesmo e da instituição.

No fim do texto o autor ainda evidencia a presença massiva de sua família na instituição:

> Eis aí quatro gerações completas convivendo com o mesmo passado, a mesma raiz: todas ex-alunas e aluna do Colégio Coração de Jesus. E esse número se multiplica extraordinariamente se levadas em consideração tias, primas, sobrinhas. Talvez chegue à casa da centena. (RAMOS, 1998 p.2)

Em suas linhas, a crônica escrita pelo autor vai delineando o espaço que a escola ocupa na sociedade catarinense e, além disso, auxilia o autor na construção de sua própria história diante de seus leitores, apontando também seu próprio espaço na sociedade. Ter uma família com mãe, tias, primas tendo estudado no CCJ denota – pelos escritos do cronista – prestígio na sociedade que o lê.

As histórias produzidas durante o centenário do Colégio Coração de Jesus nos possibilitam pensar em temáticas bastante relevantes para a História do Tempo Presente. Ora, se esta se preocupa tanto com as descontinuidades, é no forjar das permanências e continuidades – como a narrativa da crônica – que é possível pensar, por exemplo, o partilhar de experiências de juventude por uma mesma geração, principalmente, pensando-se aí num recorte de classe, de lugares na sociedade e de espaços de sociabilidade. A juventude que

partilhou as sociabilidades nas saídas da escola, seja pela Rua Trompowsky ou pela Praça XV, pode ser delimitada pensando nela como uma entre tantas outras juventudes – e gerações – experienciadas neste mesmo período na cidade de Florianópolis, entendendo as intenções do autor em tornar as vivências descritas por ele uma unidade da cidade.

Estas vontades de unificar, de perceber a reunião de ex-alunos como ato particular à cidade de Florianópolis e a todos os seus cidadãos aparece também nas narrativas construídas após a festa. O destaque aqui se dá para a publicação *Palavra do Coração*, jornal de circulação interna que se dedicou em um de seus números a produzir a história daquela data festiva e, consequentemente, o acontecimento.

O dia que começou com fogos de artifício e terminou com uma missa, celebrada pelo arcebispo Dom Eusébio Sheid, é narrado no jornal do Colégio não só através da escrita como pelas fotografias que são destaques da publicação. A comemoração das ex-alunas – e sua aparente alegria em estar junto naquele momento – tomam o espaço de *Palavra do Coração* num esforço em demonstrar ali o quão significativo foi o Colégio para a cidade. Este elo entre cidade e colégio parece ser tão importante para a instituição – afinal, é preciso este elo para sustentar a escola num tempo presente que prevê diversas demandas com ofertas mil para a educação – que a frase que finaliza a publicação enfatiza esta relação ao afirmar que "O colégio esteve sempre presente no coração da cidade. É uma escola aberta ao mundo, modelo de disciplina e qualidade"[31].

O destaque foi, não só o pertencimento que a escola aparenta ter com a cidade, mas também o acolhimento da instituição por toda a cidade no seu centenário. Esta ideia aparece tanto nas colunas sociais, nas crônicas, como também nos escritos do jornal de circulação interna. Ao propagandear este pertencimento, bem como as ex-alunas em festa, mostra-se o suposto impacto que o evento causou na cidade e as emoções que promoveu num dia de recordações provocadas, seja pelo ambiente escolar produzido, seja pelo prédio centenário, ou mesmo pelo encontro com os colegas de juventude.

O *feliz reencontro*, o *maior da cidade* foi um investimento para que se perenizasse uma imagem da instituição em comunhão com a comunidade da qual entende fazer parte; ativando estes elos afetivos o Colégio promoveu não só sua festa como marco e acontecimento na cidade, como também publicizou suas formas de educar num tempo presente que exigiu mudanças.

[31] Palavra do Coração, edição especial, agosto de 1998, nº 6.

3.3 NOSTALGIAS DE UM CRONISTA: A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE SÉRGIO DA COSTA RAMOS

"A cidade comemora 100 anos do mais tradicional Colégio na maior festa popular"[32]. Este é um dos enunciados veiculado no jornal de circulação interna do Colégio Coração de Jesus – Palavra do Coração – no qual a instituição se mostra pertencente à cidade. Estudando as comemorações referentes aos cem anos do Colégio Coração de Jesus, ocorridas em Florianópolis no ano de 1998, percebe-se que a instituição de ensino usou o espaço da cidade para promover tais festejos. A Festa do Divino Espírito Santo do referido ano, promovida na Praça Getúlio Vargas – ao lado da escola – contou com o Colégio à frente da festa.

As comemorações referentes aos cem anos da instituição trazem consigo especificidades quanto à feitura das festas. Em todas elas, vê-se o centro da cidade como palco das comemorações, logicamente, pela localização da instituição, situada à Rua Emir Rosa, ao lado da Praça Getúlio Vargas. Mas, mais que isso, o espaço central da cidade de Florianópolis agregou com o passar dos anos grande parte das classes médias e altas do município, notadamente compreendidas na triangulação Avenida Beira-mar – Avenida Mauro Ramos e Rua Felipe Schimidt. O Colégio Coração de Jesus situa-se no coração deste triângulo, e com o passar das décadas, ficou responsável pela formação escolar de boa parte desta parcela da juventude. Promover uma festa conhecida pela população local como *tradicional* da cidade é bastante relevante para uma instituição que quer se mostrar. Tal festa alude às tradições florianopolitanas e a escola, ao promovê-la, mostra-se pertencente à cidade, bem como importante para a mesma e, dessa forma cria laços identitários entre cidade e instituição.

"Divino, uma festa no centro". É com esta chamada que o jornal *Diário Catarinense* de 7 de maio de 1998 publiciza a Festa do Divino Espírito Santo de 1998, ocorrida na Praça Getúlio Vargas e promovida pelo Colégio Coração de Jesus. Esta escola comemorava então seus cem anos em prestação de serviços na cidade de Florianópolis e foi conhecida por educar parte significativa[33] das classes médias e altas florianopolitanas.

As notas e publicidades que divulgam a festa aparecem da mesma forma como as esquematizações acerca da Festa do Centenário. Investiu-se num primeiro momento na divulgação da festa que viria a ocorrer, destacando o nome da instituição que em seu

[32] Jornal de Circulação Interna Palavra do Coração, edição especial de Junho de 1998 encontrado na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

[33] De acordo com o folder de divulgação das comemorações do centenário do Colégio Coração de Jesus, até 1998 esta escola abrigou em seus bancos escolares cento e oitenta mil alunos.

centenário promove a festa do divino, para que, assim, esta festa seja considerada posteriormente como um acontecimento marcante, ou seja, a participação do Coração de Jesus deveria ser entendida e perenizada como marco na história das tantas festas do divino que por aquela praça passaram. Além disso, a instituição distribuiu – entre a comunidade local, a comunidade escolar – folders contendo o calendário de atividades da festa, aos mesmos moldes das informações presentes nos jornais de circulação local. Dessa forma, este investimento configura-se como importante ponto para as análises que aqui se seguem, tendo em vista que os investimentos antes do evento são cruciais para o entendimento de um processo ávido por construir e forjar acontecimentos. Como já postulado por Nora (1979), o lugar do acontecimento é nas páginas dos jornais e, portanto, a documentação reunida para a compreensão da Divina Festa do Divino é do tipo escrita, notadamente, escrita de jornal.

A partir das reportagens e matérias veiculadas nos jornais *Diário Catarinense* e *O Estado* sobre a Festa do Divino de 1998, pode-se perceber que há uma intenção em reforçar um elo identitário entre o Colégio Coração de Jesus e a cidade de Florianópolis, notadamente reforçando a ideia de que a escola foi capaz de *reerguer* o festejo, proporcionando o *reviver* das festas antigas, especialmente das décadas de 1950 e 1960. Esta modalidade de produção dos laços identitários e de tradição aparecem na crônica de Sérgio da Costa Ramos, intitulada *Divina Tradição,* que faz parte de um segundo momento na produção do acontecimento, que ocorre durante as festas, aos moldes no que foi analisado anteriormente, ao se trabalhar com a Festa do Centenário. Esta fase intermediária diz respeito não só à promoção da feitura da festa e suas atrações, como também da construção de elos afetivos que conectam o escritor e o leitor, a escola e a cidade. A sensibilização do público leitor é um dos motores das comemorações, tendo em vista que é este elo que vai possibilitar a lembrança das festas como acontecimentos relevantes.

A Festa do Divino Espírito Santo foi uma das comemorações promovidas pela escola no ano de seu centenário. Muitas foram as reportagens veiculadas sobre ela e cabe aqui destacar a crônica de Sérgio da Costa Ramos, de 8 de maio de 1998.

Sérgio da Costa Ramos é irmão de Paulo da Costa Ramos, autor da crônica analisada no subcapítulo anterior. Os irmãos são representantes dessa classe média/alta que produziu sentidos para as festas do Coração de Jesus. Sérgio é cronista do jornal *Diário Catarinense* e, em suas crônicas, procura falar do cotidiano da cidade, trazendo sempre à tona suas memórias, suas vivências e suas experiências pessoais na forma de texto. *Divina Tradição*[34]

[34] Título da crônica de Sérgio da Costa Ramos, no jornal *Diário Catarinense* em 8 de maio de 1998.

busca rememorar antigas Festas do Divino no centro de Florianópolis, agregando valor positivo ao Colégio Coração de Jesus por este ser o responsável por "reviver a festa de fé e tradição" .(RAMOS, 1998, p. 63)

O que a crônica deixa entrever em suas linhas são representações de cidade e representações de juventude. Desta forma as crônicas de Sérgio da Costa Ramos se apresentam como representações de um período, construídas a posteriori, tendo em vista que o autor nos escreve em 1998, a partir de suas memórias e experiências sobre tais festejos no período das décadas de 1950 e 1960:

> Cabelo englostorado à James Dean, cigarro pendente no canto da boca à Humphrey Bogart, a adolescência dos anos 50 e 60 frequentava as barraquinhas do pinhão e do explosivo quentão, carregado de cana e de canela, sem deixar de comparecer ao auto-falante das oferendas sentimentais. "Às brincas", ou "às veras", os jovens dedicavam às suas musas canções tão meladas quanto *O beijinho doce*, solfejado pelo acordeon brega de Adelaide Chiozzo.(RAMOS, 1998, p. 63)

Vê-se pelas memórias dispostas em forma de texto que o escritor vivenciou o centro da cidade, participou de seu cotidiano e construiu identificações com este perímetro urbano ao ponto de tomar suas experiências como as únicas possíveis para sua geração: seus pares geracionais, para o autor, certamente arrumaram o cabelo como James Dean e, mesmo acreditando fazer parte da *juventude transviada*[35], frequentavam uma festa de orientação católica, oferecendo o *beijinho doce* às meninas. Para Michel de Certeau "os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares." (CERTEAU, 2008 p.176). Entendendo a crônica do escritor como uma representação dos passos percorridos por ele em juventude, pode-se concordar com Certeau, afinal, são os caminhos daqueles que praticam a cidade que tecem os lugares. Ou seja, àqueles que praticam a cidade definem seu lugar no espaço. Para o autor o lugar "impera a lei do 'próprio': os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar próprio e distinto que define." (CERTEAU, 2008,p. 201). Já o espaço é variável, "é um cruzamento de móveis" (CERTEAU, 2008,p. 202). O espaço é, portanto, definido pelos diferentes vetores que nele habitam, pelos diferentes passos dados, pelas diferentes formas de praticá-lo, ou mais, pela pluralidade de lugares que nele se encontram.

Sérgio da Costa Ramos deixa entrever seu pertencimento aos arredores do centro da

[35] A expressão refere-se ao filme Rebel Without a Cause (Juventude Transviada), de Nicholas Ray produzido em 1955 e tem James Dean como protagonista.

cidade, pois em sua crônica apresenta sociabilidades específicas deste perímetro urbano. O que se percebe é que o autor tenta dar uma unidade, uma homogeneidade para as experiências de juventude, especialmente da juventude vivida por ele entre as décadas de 1950 e 1960, como salienta Jaqueline Ferraro:

> Em certo sentido, suas crônicas traduzem, pois, um sentimento que não é bem retrógrado, ou seja, contrário às transformações da cidade, e tampouco poderia ser caracterizado como passadista, ou seja, venerador incondicional do passado, mas sim de nostalgia pela perda de referências (e quiçá influências) proporcionada pelas mudanças da e na cidade, do seu território e das suas relações habituais. (FERRARO, 2007; p.29)

Assim, a cidade pode ser analisada a partir desta ótica, afinal ela "é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos." (PESAVENTO, 2007: 14). Ainda concordando com a autora, entende-se que as "cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo" (PESAVENTO, 2007: 14). A crônica aqui estudada é, portanto, uma atribuição de significados, uma sensibilidade do autor em relação à cidade. A partir das representações de cidade e de juventude que o cronista apresentou, pode-se inferir que ele buscou descrever sua geração através da partilha de experiências, como se pode perceber pelo excerto da crônica onde descreveu os flertes e namoros a partir das festividades do divino, notadamente pelo correio elegante, tradicional brincadeira nas quermesses como a Festa do Divino:

> A "dedicatória" gerava um sorriso, um flerte, um namoro – até um casamento. Mais do que os bailes de debutantes, ou do que o *footing* entre o chamado "Chiquinho" e o Palácio do Governo foram as barraquinhas o romântico ponto de encontro dos casais que deram origem às gerações do século XXI.(RAMOS, 1998, p. 63)

O *footing* a que o texto se refere foi prática bastante corriqueira na cidade de Florianópolis durante o período abordado pelo autor. Ricardo Medeiros em *No tempo da sessão das moças* nos descreve esta prática:

> *Footing* em inglês quer dizer andar ligeiro. Em Florianópolis, a expressão tornou-se sinônimo de desfilar calmamente pelos entornos da Rua Felipe Schmidt e Praça XV de Novembro e também como forma de diversão e de flerte dos moradores de Florianópolis nos anos 1960. (MEDEIROS, 2009 p.23)

Sérgio da Costa Ramos agrega valor positivo aos festejos do divino quando afirma que

os mesmos foram mais significativos para a prática de flertes e namoros que a prática do *footing*, bastante difundida entre a juventude vivenciada pelo autor, e que ocorria com mais frequência que a festa em questão. O autor passa, então, a selecionar memórias pessoais úteis à construção da festa como uma tradicional prática da cidade.

As vivências de cidade descritas por Sérgio da Costa Ramos nos mostram experiências partilhadas por uma parcela da população de Florianópolis no período. Tomar tais experiências como características essencialmente florianopolitanas, como fica aparente nos escritos do cronista, significa excluir outras tantas cidades praticadas, por outros atores sociais, de outras religiões, de outros lugares, ou mesmo com outras perspectivas de cidade. Assim, pode-se concordar com Sandra Jatahy Pesavento na assertiva:

> Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos. (PESAVENTO, 2007 p.11)

A cidade de Florianópolis descrita pelo cronista é apenas uma dessas obras reconstruídas pelo homem; uma das cidades possíveis.

A parcela da população de onde o escritor nos descreve, deve-se salientar, faz parte do perímetro central de Florianópolis, orientada pela religião católica, afinal frequentou os festejos do Divino Espírito Santo. Além do mais, a religião católica apresenta-se como um valor bastante presente para o autor das crônicas, e faz parte da representação de juventude que o mesmo busca construir:

> De hoje até domingo a pombinha asperge pela praça poções mágicas de paz e de saudade, sobrevoando a mais doce memória da cidade e abrindo as asas para o futuro, que, afinal, ao Divino pertence. (RAMOS, 1998, p. 63)

A crônica *Divina Tradição* deixa manifesta uma vontade de construir uma memória da cidade de Florianópolis, dando a esta memória uma unidade, uma homogeneidade. A geração delimitada por Sérgio da Costa Ramos é apresentada a partir de experiências pessoais tomadas como experiências partilhadas pela geração das décadas de 1950 e 1960.

O Tempo Presente mostra essa dificuldade em lidar com as fragmentações do indivíduo, com as faltas de homogeneidade e linearidade e busca nas memórias a resolução destes problemas: através delas, podem-se forjar identidades, demonstrar linearidades deixando de lado tais fragmentações e, por isso, a emergência dos estudos acerca das

comemorações é tão cara à História do Tempo Presente, pois tais eventos deixam entrever os usos dados às memórias no presente.

É bastante significativa a construção desta "doce memória da cidade" para a promoção da Festa do Divino preparada pelo Colégio Coração de Jesus. Sérgio da Costa Ramos agrega valor positivo a esta escola, por ela permitir que a festa seja "revivida pela impecável organização do Colégio Coração de Jesus" .(RAMOS, 1998, p. 63), e, em seguida, dispõe suas memórias pessoais no texto em torno da festividade promovida pela escola. Ter o aval da opinião pública, corroborando com a comemoração católica e auxiliando na construção de um pertencimento da festa à cidade e, mais precisamente da importância desta escola na feitura da Festa do Divino, sendo ela a responsável por *reerguer* e *reviver* as festas como nos tempos relatados pelo autor nos faz pensar na tentativa de forjar identidades, dando um sentido ao presente, fazendo deste um firme chão a ser pisado, afinal, o elo com o passado justifica a presença do Colégio na organização da festa, demonstrando a importância dada à instituição na cidade de Florianópolis.

Os valores católicos que o Colégio Coração de Jesus traz consigo foram também bastante importantes para ter o aval para este trânsito na cidade. O catolicismo se apresentou como um grande motor para as comemorações e para o trânsito da instituição privada na cidade; é ele que une a escola, a cidade e tantos outros indivíduos que pela festa circularam. Os valores católicos mostraram-se bastante presentes nestas comemorações e apresentaram-se como um dos pilares desta sociedade florianopolitana descrita por Sérgio da Costa Ramos.

Comemorar é trazer à memória[36], lembrar-se de algo, ou mais, memorar em conjunto. A cidade do passado aqui apresentada pelo cronista é pensada a partir do presente "que se renova continuamente no tempo do agora", neste caso "através da memória/evocação, individual ou coletiva". (PESAVENTO, 2007 p.16). A crônica aqui estudada publiciza memórias e auxilia o Colégio Coração de Jesus na comemoração de seu centenário, fazendo dela uma instituição privada a ser congraçada pela opinião pública pela "doce memória da cidade" (RAMOS, 1998 p.63) que ela foi capaz de reativar. Mais do que isso, o mesmo partilhar de experiências de juventude, disponibilizadas em formato de crônica, constrói uma representação de cidade para os leitores da coluna do jornal e apresenta o festejo do Divino Espírito Santo como uma importante comemoração da cidade, proporcionada pelo Colégio Coração de Jesus, em 1998, fazendo rememorar no cronista sua juventude, trazendo ares nostálgicos e saudosistas ao seu texto.

[36]Segundo o dicionário Aurélio

Uma terceira fase é a constatação da festa como acontecimento – por parte da instituição promotora, que em seu jornal *Palavra do Coração*, divulgou a festa e sua organização. A narrativa deste jornal agregou valor positivo à organização da escola e pode ser entendida como uma forma de deixar este relato para o futuro e dirigir uma leitura dos acontecimentos: quem por ventura viesse a ler aqueles textos num futuro veria a primorosa organização do Coração de Jesus e o bom aproveitamento da festa.[37]

A narrativa da primeira página do jornal dá um caráter de grandiosidade ao afirmar que a cidade inteira (num tom homogeneizador) estava comemorando o centenário "do mais tradicional colégio na maior festa popular", aparentando uma união de forças, como é possível verificar na capa do jornal, que segue abaixo:

PALAVRA DO CORAÇÃO

INFORMATIVO DO CCJ COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS

EDIÇÃO ESPECIAL - JUNHO 1998

Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

DIVINA FESTA

A cidade comemora os 100 anos do mais tradicional Colégio na maior festa popular

A Festa do Divino voltou a ser divina. Retornando às raízes, encontrou seu futuro. Foram quatro dias, de 28 a 31 de maio, recheados de pura alegria ao embalo de muita emoção, religiosidade, solidariedade e cultura, fazendo feliz não só quem lá esteve, mas também milhares de pessoas que acompanharam a magnitude das comemorações pela TV, rádio e jornais.

Este ano, tendo o Colégio Coração de Jesus como festeiro, atraiu mais gente que em qualquer outra época, transformando a Praça Getúlio Vargas em principal cenário da renascença da mais doce memória da cidade. Calcula-se que mais de 40 mil pessoas participaram dos folguedos, aplaudindo com entusiasmo os garbosos cortejos imperiais desfilados pelos alunos do Colégio, cumpriram promessas, se deliciaram nas barraquinhas com os cardápios típicos, adquiriram produtos artesanais, se divertiram nos diversos shows musicais, folclóricos e diferentes atrações. Com certeza, o resultado foi gratificante para todos, e em especial para as mil crianças e adolescentes carentes que são amparados pelos programas assistenciais mantidos pela Irmandade do Divino Espírito Santo, para os quais foram destinados os R$ 77 mil arrecadados durante os festejos – a maior renda até hoje obtida nos 225 anos em que a Festa é realizada na cidade.

Calcula-se que mais de 40 mil pessoas participaram dos festejos

PALAVRA ESPECIAL

Figura 8: Capa da Edição Especial de *Palavra do Coração*, de junho de 1998.

Numa negociação entre passado e presente, o Coração de Jesus encaminhou suas festas para que fossem visibilizadas como acontecimentos sociais para Florianópolis. Ao mesmo tempo em que demonstra a ampla divulgação/cobertura que o evento teve em mídias locais, nacionais e internacionais, *Palavra do Coração* dá destaque também para as lembranças da infância que uma festa como esta foi capaz de proporcionar:

[37] Em seu jornal, a escola afirma que, pela sua organização, a Festa do Divino de 1998 foi a que mais arrecadou dinheiro para as obras de caridade, num total de 77 mil reais.

Cobertura total

Lembranças da infância

Cenas para a Europa

Figura 9: *Palavra do Coração*, junho de 1998.

Além disso, a escola deu destaque em sua narrativa à repercussão do evento nas mídias sociais locais, colocando em destaque no jornal as principais manchetes e títulos que puderam ser lidos na imprensa antes, durante e depois de seu acontecimento. Se, para ser considerado como acontecimento, como evento de destaque e com relevância, era necessário seu conhecimento por parte da cidade através da mídia impressa, o CCJ buscou reafirmar o lugar que destaque que a Divina festa do Divino ocupou na imprensa local, fazendo deste evento um ato público, conhecido pela cidade leitora, e, portanto, pode ser encarado/forjado como acontecimento da comunidade.

Estes três níveis da construção do acontecimento permitem compreender os investimentos e esforços para que os eventos nos quais a escola tanto investiu e organizou viessem a contribuir para o crescimento e divulgação da instituição, num tempo presente de variadas demandas, cuja preocupação da escola foi, justamente, definir seu lugar de destaque nesta coletividade, propagandeando para o futuro sua posição na sociedade, bem como seus horizontes de expectativas para um novo milênio repleto de mudanças: o tempo das adequações.

4. SEGUNDO ATO

4.1 NO INTERVALO DAS COMEMORAÇÕES: PROJETOS

Ao estudar as comemorações centenárias do Colégio Coração de Jesus é possível perceber as vontades de mudança para os serviços oferecidos pela instituição. Desta forma mudar tornou-se um dos principais verbos presentes nos escritos da escola.

Uma instituição centenária, e que trouxe sempre a ideia de tradição para suas comemorações, necessitava, na mesma medida, trazer a tona os ventos da mudança. Gerir uma escola de orientação católica em fins de milênio, numa virada de século onde o lugar das tradições estava também sendo questionado pelos meios sociais, faz da modificação um mote para comemorar. Assim é possível entender que uma das principais questões nas comemorações do Coração de Jesus foi inserir a ideia de tradição em meio às mudanças e renovações pretendidas.

O jogo entre a tradição e o moderno, entre o velho e o novo é o que se pode perceber nos escritos do colégio que, aludindo às tradições forjadas no seio da comunidade (católica, de classes médias e altas e com relações com o centro urbano de Florianópolis), fixou seu lugar naquele espaço. Ou seja, reafirmou sua forma de educar.

Porém era preciso abrir as portas para as modificações exigidas numa cidade que vivia o crescimento urbano e a construção de novos bairros para as classes médias e altas – público alvo do Colégio. Novas escolas particulares, com propostas laicas e de outras religiões, com novas visões sobre o ensino e os valores começam a aparecer na cidade e ganhar clientes. Florianópolis passou por transformações urbanas que redesenhavam a cidade, incorporando assim “a imagem de altos edifícios de apartamentos, enquanto as ruas foram tomadas por automóveis.” (LOHN, 2011, p. 166). Para Reinaldo Lonh

> As condições oferecidas pela cidade destacaram as novas classes médias no conjunto da população, especialmente após o crescimento de vagas universitárias e a instalação de sedes de empresas estatais, como a Eletrosul, subsidiária da Eletrobrás. (LOHN, 2011, p. 165)

Instaladas na cidade durante a década de 1970, estas instituições já estavam consolidadas em Florianópolis em fins do século XX. Elas foram, em certa medida, responsáveis por mudanças no cenário urbano da cidade, e mais de vinte anos depois, os bairros próximos já estavam repletos de moradores das classes médias e altas, composta por funcionários públicos e

professores universitários.

O Colégio precisava, portanto, abrir as portas para as novas ideias, tendo em vista que gerir uma escola católica no tempo presente configurava-se como um desafio a ser vencido pelo corpo diretivo da escola.

As comemorações centenárias vieram num tom de conciliação entre um passado de tradição e um futuro inovador. Ao mesmo tempo em que a instituição divulgava seu passado e forjava seu lugar de destaque na sociedade florianopolitana, usava destes mesmos espaços (como as páginas dos jornais, e mesmo as ruas da cidade) para propagandear os novos projetos para o futuro da escola, que se desenharam na mudança do século.

Escolas como o Colégio Autonomia, o Curso e Colégio Energia, o Colégio da Lagoa entre tantas outras, tomaram os recentes bairros destinados às classes médias e altas urbanas e passaram a fazer concorrência direta ao Coração de Jesus. Se durante boa parte do século XX o centro da cidade foi visto como lugar privilegiado para a gerência de uma escola, na virada do século outros bairros da cidade, como o Córrego Grande e o Itacorubi, próximos às universidades ganham destaque na paisagem urbana. Assim

> A população de Florianópolis participou de uma nova temporalidade urbana que afetou redes de sociabilidade e reorganizou espaços e lugares. Modos de vida aproximaram-se daqueles predominantes em qualquer grande cidade brasileira. (LOHN, 2011, p.171)

A cidade passou por processos de crescimento urbano contínuos. Nos inícios do século XX, quando da expulsão de populações pobres de parte do centro urbano para construir-se uma cidade pautada nos ideais higienistas e europeus, o Colégio ocupou posição de destaque neste desenho da cidade, pois se situava no centro deste perímetro, onde as elites moravam, trabalhavam e estudavam. Com o crescimento urbano ocorrido a partir de 1950, a cidade passa a expandir seu perímetro urbano. A construção do campus da Universidade Federal de Santa Catarina e mesmo o aterro da Baía Sul e a construção da Av. Beira-Mar Norte, entre 1960 e 1970 ocasionaram a possibilidade de trânsito entre o centro e estes outros bairros, até então interioranos e longínquos. Ainda de acordo com Lohn

> Obras de grande impacto urbano, como o aterro da Baía Sul e a construção da nova ponte que ligou a ilha de Santa Catarina ao continente, evidenciaram que as representações sobre o futuro da cidade haviam saído dos programas governamentais e das páginas dos jornais para moldar uma nova cultura urbana. (LOHN, 2011, p. 170)

Com as novas necessidades destes bairros, escolas começam suas atividades, para

atender uma vizinhança formada de classe média e alta, formada por funcionários federais mais graduados, como os da Universidade e mesmo de empresas que passam a ocupar estes locais e cujas famílias vindas do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul fixaram-se nos bairros novos que foram surgindo, mais longes do Centro da cidade.

Mais do que iniciar suas atividades em bairros estratégicos – que necessitavam novos serviços, como educação – estas escolas trazem propostas que se diferenciam do que estava sendo oferecido pelo Coração de Jesus.

No lugar da tradição, inovações nas formas de ensinar e aprender. Sistemas como o Grupo Educacional *Energia*[38] trazem a proposta de ensino voltado para o vestibular. Estas propostas vão de encontro ao que vinha sendo oferecido até então no Coração de Jesus, que priorizava a educação voltada para os valores católicos e uma forma bastante tradicional em ensinar e aprender, notadamente através do uso de livros didáticos de circulação nacional.

Gerenciar uma escola católica em fins de século significou, portanto, o questionamento das tradições fixas, afinal, este lugar das tradições está em crise num tempo presente, com múltiplas ofertas, jeitos de ser e valores. O plural toma o lugar do uniforme, e assim, o Colégio precisou adequar-se aos novos tempos, na tentativa de manter o Colégio em funcionamento e com o mesmo – ou mais – número de alunos.

Com o slogan *Coração de Jesus: um colégio cem anos na frente* a instituição mostra essas vontades de inovação. Estar cem anos à frente significa saber aderir às mudanças e às necessidades do tempo. Mais ainda, mostra estar à frente, com um olhar inovador, atendendo não só às demandas do presente e do futuro, como também mantendo laços com o passado, como é possível perceber na abertura do site da instituição:

[38] O Sistema de Ensino Energia, criado em Santa Catarina na década de 1990, passou a ganhar alunos em busca de um novo método de aprendizagem voltado especificamente à preparação para os vestibulares das Universidades públicas. Este tipo de ensino, cujo material didático eram apostilas feitas pela própria instituição, e as aulas ficaram conhecidas por serem descontraídas, atraíam um público jovem cada vez maior.

Figura 10 Capa do Site do Colégio Coração de Jesus em 1998

Algumas capturas do site do Coração de Jesus (coracao.g12.net e coracao.net) podem ser encontradas através da ferramenta *wayback machine* , cuja característica principal é o seu funcionamento como um arquivo da internet. A partir desta ferramenta foi possível verificar que o primeiro arquivo referente ao site da instituição datava de 1998, ano de suas comemorações. Pedro Eurico Rodrigues auxilia no entendimento desta ferramenta, que pode oferecer documentos até então pouco prováveis na escrita da História:

> Estas páginas muitas vezes não dispõem de arquivos, ou seja, a cada conteúdo novo que é colocado na página o antigo é apagado, mostrando a volatilidade da Internet. Para conseguir o acesso às páginas desse passado-presente, pode-se utilizar o site www.archive.org, que detém um acervo de sites que permaneceram na rede até hoje, incluindo aí sites que não existem mais. O site é norte-americano e tem como proposta arquivar vários objetos virtuais que já não têm mais uso ou versões antigas dos que ainda vem sendo usados.
> (RODRIGUES, 2012, p.38)

Mais ainda, pela abertura da página principal é possível perceber as preocupações e demandas que se anunciavam em 1998. Reafirmando sua presença nas gerações que por aqueles bancos escolares passaram durante esses cem anos, o CCJ buscou nesta ideia da transmissão de valores através das gerações produzir um elo entre o presente inovador, que antecipou o futuro por estar *cem anos na frente*, ao passado das gerações e da tradição em educar. Esta preocupação com o futuro já se anuncia pela construção de um site (não tão comum em fins da década de 1990), onde foram depositadas notícias, propagandas e um rol de escritos e imagens que auxiliaram o Coração de Jesus na comemoração de seu centenário.[39]

[39] Cabe aqui salientar que no ano de 1998 o Colégio Coração de Jesus produziu um CD-ROM com entrevistas com ex-alunas, imagens e outras tantas informações referentes à sua história. Este CD-ROM pode ser encontrado

Em uma adequação aos novos tempos o Colégio lança ao público, durante o seu centenário algumas das novas propostas educacionais. São projetos, horizontes de expectativas, que irrompem em meios às comemorações e parecem trazer os ventos da mudança. De acordo com Reinhart Koselleck

> Esperança e recordação, ou mais genericamente, expectativa e experiência – pois a expectativa abarca mais que a esperança, e a experiência é mais profunda que a recordação – são constitutivas, ao mesmo tempo, da história e de seu conhecimento, e certamente o fazem mostrando e produzindo a relação interna entre passado e futuro, hoje e amanhã. (KOSELLECK, 2006, p. 308)

Projetar, fazer planos e propagandeá-los foi atividade constante durante o ano de 1998 para o Colégio Coração de Jesus. Com os holofotes virados para si, e com um público atento às suas festas o CCJ pôde divulgar suas novas propostas, na intenção não só de novas matrículas, como também o reconhecimento da mudança. Mais ainda, a instituição colocou-se em lugar de destaque ao entender que por carregar consigo, com seus cem anos em prestação de serviços, uma fórmula de sucesso em como educar, seria responsável igualmente pelas modificações e modernizações nas formas de ensinar com igual sucesso. Por seu lugar de destaque na educação da cidade, o Coração de Jesus entendeu e propagandeou a ideia de que soube educar os florianopolitanos até então e saberia educá-los de novas formas, com a mesma qualidade de ensino até então.

Uma das novas propostas seria a mudança de sede, do centro da cidade para o bairro Santa Mônica, próximo à Universidade do Estado de Santa Catarina, local onde as freiras mantinham um grande espaço que inclusive incluía a casa de repouso para as religiosas idosas. Nesta nova sede, um espaço maior, com salas de informática, laboratórios, quadras de esporte. Tudo o que já havia na sede original, mas com uma nova roupagem, e mais adequado às necessidades das crianças e jovens da época.

---

na Biblioteca Universitária da Universidade do Estado de Santa Catarina, porém, não foi possível abrir o documento nos computadores disponíveis para a pesquisa.

Figura 11 Maquete da futura sede da escola presente na Agenda Escolar de 2001

Nas Agendas Escolares de 2000, distribuídas aos alunos e professores, a imagem da maquete da nova unidade trazia em sua legenda a chave para o entendimento de seus horizontes de expectativa – adequar-se ao furturo:

> O projeto futurista prevê a implantação de um moderno complexo educacional no bairro Jardim Santa Mônica, a oito quilômetros distante do atual prédio do CCJ, em terreno de 27 mil m²

Esta sede seria responsável por uma inovação bastante significativa nas formas de educar. O ensino integral, que abrigaria as crianças e adolescentes durante dois períodos, oferecendo refeições e uma carga horária maior de disciplinas parece ter sido o carro-chefe das transformações pelas quais o Colégio passaria. Ora, com pais e mães cada vez mais atribulados em suas vidas profissionais, uma escola que abrigasse seus filhos em período integral seria bastante significativo. Como "a escola do futuro não será mais a mesma" o colégio afirma que se antecipou com a construção do novo *Centro Educacional* (CORAÇÃO DE JESUS, Agenda Escolar, 2000). Nele, a nova unidade estaria dividida em blocos, contando com um centro cultural – que abrigaria o teatro e a biblioteca, um centro de Educação Infantil, um de Ensino Fundamental, Ensino Médio, Cursos Profissionalizantes e Educação Superior, um centro de esportes, trazendo ainda um restaurante com capacidade para 180 pessoas por turno e um estacionamento para 300 veículos (CORAÇÃO DE JESUS, Agenda Escolar, 2000). A preocupação com um restaurante e a segmentação por blocos atenta para a possibilidade de uma educação de ensino integral, ou mesmo da promoção de

atividades extracurriculares (divididas nos seguintes Centros de Desenvolvimento: de artes, desportivo, psicopedagógico e científico – tecnológico e cultural) para que o aluno pudesse permanecer por mais tempo dentro da escola. Situando esta proposta no início dos anos 2000 percebe-se que as demandas de um tempo presente acelerado e atribulado foram lidas e esperadas pela instituição, que tentou prever as necessidades de um futuro próximo. As atividades que comporiam (muitas já vinham sendo realizadas na unidade do centro) são listadas na Agenda Escolar 2000 e podem ser verificadas na imagem abaixo:

Figura 12 Listagem das Atividades oferecidas nos Centros de Desenvolvimento – Agenda Escolar 2000

As fotografias selecionadas para compor o rol de atividades oferecidas mostram alunos e alunas do CCJ em diversas atividades. Além disso, destaca-se as parcerias feitas pelo colégio com a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e com a University of Incarnate World (UIW) do Texas (USA). O Ensino Superior ofertado pelo Coração de Jesus – em parceria com a UNISUL – dedicou-se aos cursos de formação de professores, notadamente Pedagogia. O Colégio Coração de Jesus foi, durante boa parte de sua história, um importante formador de educadoras/normalistas. Esta preocupação manteve-se através do contínuo

oferecimento do curso de Pedagogia, no período noturno. Estas parcerias universitárias apontam para a gama educacional que a escola buscava atender – do jardim de infância ao Ensino Superior – além de certo intercâmbio e trocas culturais com uma universidade no exterior. Este contato com o exterior, feito por intermédio do Colégio, já se insinuava em 1998. No jornal *Palavra do Coração* de agosto de 1998 o CCJ noticia a ida de quinze alunos para os Estados Unidos. O grupo tinha como finalidade cursar um mês de inglês em San Antonio, no Texas. Esta troca foi o início do "programa de cooperação internacional" (PALAVRA DO CORAÇÃO, 1998, p.4) que se concretizaria alguns anos depois com a parceria com a Universidade do Texas, na nova sede a ser inaugurada.

Situada no bairro Santa Mônica, concorreria diretamente com as novas escolas que perceberam no crescimento urbano de Florianópolis a nova necessidade dos bairros, como mostra a distribuição das escolas no mapa abaixo:

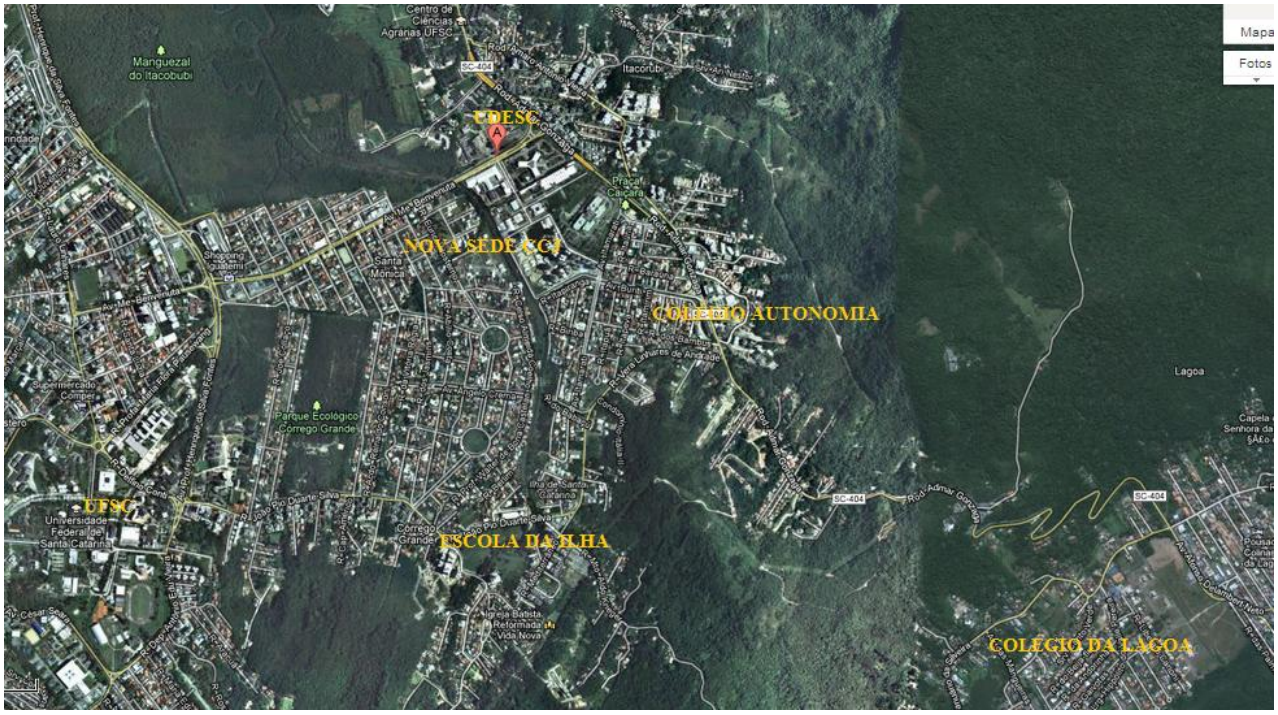

Figura 13 Mapa referente à distribuição das escolas nas proximidades das Universidades

As novas formas de educar nesta nova sede seriam também bastante relevantes para uma sociedade que requere cada vez mais serviços. Por isto o Coração de Jesus traria, para além da proposta do ensino integral, o ensino bilíngue para suas salas de aulas, e assim, seus alunos e alunas sairiam de lá formados com um diferencial que nenhuma das outras escolas concorrentes ofereciam até então: uma nova língua.

Essa sensibilidade para os novos temas e problemas da educação em fins de século

parece ter sido preocupação constante por parte do corpo diretivo da escola. Se a alusão às tradições não era suficiente para manter o número de alunos/as, a modificação nos padrões até então estabelecidos foi necessária.

Assim, é no jogo entre o tradicional e o novo que o Colégio abre suas portas para um novo milênio, entendendo seu tempo e aderindo as mudanças que se apresentam: a informática e a língua inglesa são os principais motes nos escritos da instituição, que usou das festas e do momento comemorativo para propagandear seus horizontes de expectativas.

Assim apresentam-se novos temas e problemas para a educação. Para além de propagandear estas mudanças, o Colégio promoveu o I Congresso de Educação, onde estes novos questionamentos foram discutidos em conferências, palestras e mesas redondas. Mais do que mudar, o Colégio precisava entender e debater essas mudanças, e o Congresso foi então narrado como a principal comemoração deste centenário. Um grande evento, sob responsabilidade da escola, que trouxe nomes como Rubem Alves[40], foi o palco das comemorações que entrelaçou passado, presente e futuro, dando a ler os projetos, horizontes de expectativas e vontades de mudanças para o novo milênio.

4.2 O I CONGRESSO DE EDUCAÇÃO

Repensar a educação foi para o Coração de Jesus a principal comemoração centenária. Com as novas necessidades que se anunciam com a chegada do novo milênio o congresso de educação promovido pelo Colégio mostrou-se como um marco nas atividades em torno do centenário.

Ocorrido em junho de 1998 o evento que dedicou-se a debater educação, anunciando seu *novo tempo* (PALAVRA DO CORAÇÃO, 1998, p.1) ganhou certo destaque na cidade por ter sido o evento a inaugurar o novo centro de eventos de Florianópolis[41].

Debatendo academicamente a educação, com professores não só das escolas e universidades locais, como também do Brasil, o Colégio durante uma semana discutiu e ouviu propostas que viessem inovar o sistema de ensino, consolidado até então. Numa mistura de medo – de perder espaço para os novos projetos e escolas – e festa – dos seus cem anos – os

[40] Rubem Alves é psicanalista, educador e teólogo brasileiro. Seus temas costumam tratar do processo de ensino e de construção do conhecimento, notadamente por meio da alegria e da leveza, como buscou salientar em seus escritos e palestras.

[41] O centro de eventos de Florianópolis – Centrosul – foi inaugurado em 1998 e sediou, em seu primeiro evento, o I Congresso de Educação no Colégio Coração de Jesus. Situado no aterro da Baía Sul, o Centrosul abriga conferências, palestras, congressos, formaturas e demais eventos em seu espaço.

novos tempos se anunciavam.

O texto que abre os anais do evento, encontrados na Biblioteca da Universidade do Estado de Santa Catarina, é assinado por Ir. Norma Feuser, diretora da escola à época. Em seu texto a aceleração do conhecimento aparece como principal dilema a ser debatido, pois, em suas palavras:

> Neste final de milênio, em que vivemos a aceleração vertiginosa do conhecimento (...) um Congresso de Educação promovido por uma instituição já secular, tem uma importante alternativa: propor uma reflexão sobre Educação – uma perspectiva humanística" (FEUSER, 1998, p. vii).

Essa aceleração, atrelada às "descobertas científicas que rompem com princípios sólidos" (FEUSER, 1998, p. vii) deve ser analisada e tomada como especificidade deste novo tempo. O que o Coração de Jesus estava vivendo em meios às comemorações centenárias pode ser entendido a partir da perspectiva de Pierre Nora, quando este debate as questões referentes à *aceleração da história*

> Aceleração da História. Para além da metáfora, é preciso ter a noção do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. (NORA, 1993, p.7)

O problema deste passado morto, reativado pelas festas, forjado pelas tradições inventadas que o Colégio promoveu, é percebido como medo da perda desse lugar consolidado em meio à aceleração do tempo: um tempo de descobertas científicas e do rompimento de princípios sólidos como afirma a diretora da escola.

Pensar esta educação seria, portanto, uma saída para encontrar soluções para os problemas dos novos tempos. Esta saída estaria na educação humanística, que é o que Feuser parece propor na abertura dos anais do congresso, pois entende que a "função da escola é formar a pessoa" e que "antes de profissionalizar é preciso humanizar.". Esta proposta de educar para a liberdade numa perspectiva humanitária coloca o homem no centro do processo educacional, entendendo ser esta a chave para a educação do terceiro milênio. Com esta centralidade do ser humano, atrelado aos valores católicos de fraternidade e solidariedade – próprios da vida em sociedade – nota-se o entendimento da escola para a educação dos novos tempos: aquela que não vira as costas para as mudanças, e que mesmo assim, adere às necessidades de seu tempo, numa perspectiva de educar para os valores, formando o cidadão.

Ao analisar o sumário e os textos contidos nos Anais do I Congresso Internacional de Educação do Colégio Coração de Jesus o uso de termos referentes às mudanças e ao Tempo Presente aparecem com bastante frequência, como é possível verificar na listagem abaixo:

PALAVRAS-CHAVE DOS ARTIGOS
Qualidade de **Hoje**
As **atuais** exigências
Tendências **Atuais**
Crise e **Mudança**
Educação do **Século XXI**
As aulas às portas do **século XXI**
Era de **Transição**
Transição do Paradigma
Metamorfoses no campo cultural e educacional
The adolescents at **the end of the century**
Proposta renovadora rumo ao **terceiro milênio**

Tabela 3 Palavras Chaves dos Artigos dos Anais do I Congresso de Educação.

Termos que estejam ligados à mudança são bastante presentes nos escritos por estas serem as principais preocupações com a chegada do novo milênio. Entendeu-se que era preciso discutir não só as necessidades de mudança, como também as formas de mudar, como anuncia Feuser:

> é preciso manter sintonia com a velocidade em que se situa a modernidade do homem e da ciência. Além disso, é vital que se busque permanentemente novas posturas pedagógicas.(FEUSER, 1998, p.3).

Desta forma, para que a escola sobrevivesse seria necessário – vital – adotar novas posturas em conciliação com a vida moderna do homem e da ciência. Por isso os termos que mais aparecem são relativos às tendências, ao novo. Mudar era preciso, mas era igualmente necessário discutir como mudar. Para Nicolau Sevcenko, o problema reside no ritmo das mudanças, pois "nunca teremos tempo para parar e refletir, nem mesmo para reconhecer o momento em que já for tarde demais." (SEVCENKO,2001, p.17). Esta sensação de estar no *loop da montanha russa*, como afirma o autor, e desta forma não ter o tempo para perceber a mudança parece ter acontecido com o Coração de Jesus.

As modificações se anunciam então nos temas dos textos presentes nesses anais. Informática, sustentabilidade, sexualidade, inclusão e acessibilidade parecem ser as principais preocupações para estes novos tempos da educação, como demonstra a tabela a seguir:

TEMAS	ARTIGOS
Educação Sexual	4
Sustentabilidade	6
Informática	7
Inclusão	7

Tabela 4 Temas dos artigos do I Congresso de Educação.

Dos setenta e um artigos apresentados no Congresso de Educação, vinte e quatro debruçaram-se sobre estas questões, colocando-as em foco durante o evento. A informática, os computadores e a educação que inclua essas novas tecnologias foram preocupação constante nos debates promovidos pelo congresso. Adequar-se aos novos tempos era também abrir as portas para as tecnologias que se apresentavam nesta virada de século, das quais jovens, crianças e adolescentes das classes médias e altas já se utilizavam em suas casas. Abrir esta possibilidade e saber educar para a tecnologia era, portanto, um dos desafios a serem vencidos pela instituição. Ainda em diálogo com Nicolau Sevcenko pode-se entender o uso cada vez mais alargado da informática em fins do século XX como uma Revolução Microeletrônica, como aborda o autor:

> Essa etapa representaria o atual período, assinalado por um novo surto democrático de transformações, a Revolução Microeletrônica. A escala de mudanças desencadeadas a partir desse momento é de uma tal magnitude que faz com que os dois momentos anteriores pareçam projeções em câmera lenta[42]. (SEVCENKO,2001, p.16)

Este caminho que apontava para um futuro informatizado pode ser visualizado nas notícias disponíveis no site da escola no ano de 2003. Como desdobramento de tais investimentos, vê-se que a crescente preocupação com o mundo informatizado atingiu o CCJ em seu cotidiano escolar. A reportagem relatava a nova forma de acesso às notas e médias finais, afirmando que com esta iniciativa o recorde de acessos ao site da escola foi alcançado, afinal, pais e professores passaram a ter um maior acesso às informações das notas e frequências dos alunos em sala de aula. De acordo com o escrito, este novo acesso foi recebido com entusiasmo pela comunidade escolar, como é possível perceber na imagem a seguir:

[42] Os dois momentos anteriores a que se refere Nicolau Sevcenko são as viradas para o século XIX e para o século XX. Para o autor, por mais que estas duas transições tenham trazido mudanças nada foi tão significativo ou acelerado quanto a transição do século XX para o século XXI.

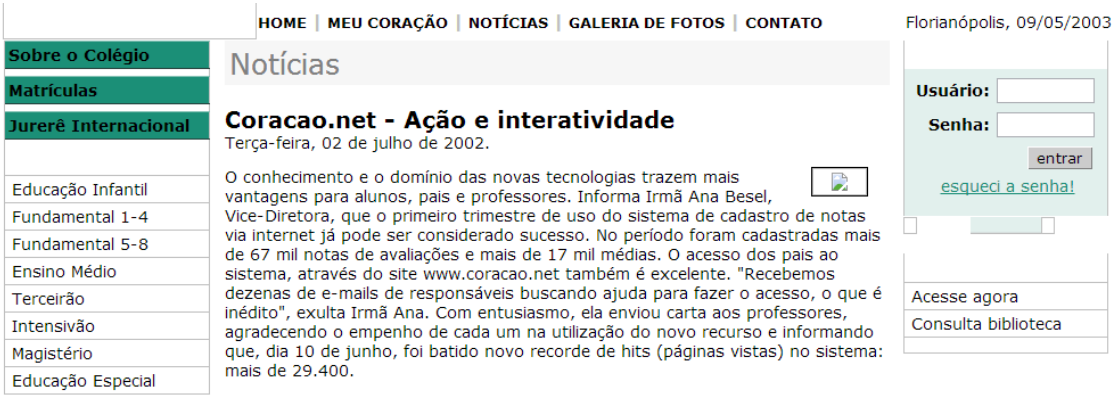

Figura 14 Notícia do site do Colégio, de 2003

Para além da disponibilização de notas e frequências, outra reportagem datada do mesmo ano afirma que a informática pode servir também como ferramenta pedagógica, que quando bem utilizada e aproveitada poderia enriquecer as disciplinas oferecidas na instituição.

Assim, a preocupação que se anunciava como um horizonte de expectativa em 1998 parece ter ganhado aspectos de experiência já em 2003, quando a escola passa a oferecer espaços de interatividade com a comunidade escolar em seu site, bem como passa a oferecer um maior contato dos alunos nas salas de informática durante o ano letivo.

As questões que envolvem a sustentabilidade também aparecem nos anais como uma preocupação constante. Com o crescimento urbano das principais cidades do país, a preocupação com o desenvolvimento sustentável é um dos desafios do futuro. Entendendo a criança e o jovem como os responsáveis pelo futuro que está por vir, a escola entende também que é educando para a sustentabilidade que se teria no futuro um desenvolvimento pautado nos valores sustentáveis, e não no desordenado. A reportagem de *Palavra do Coração*, que relata as atividades do congresso demonstra esta preocupação, como é possível notar a seguir:

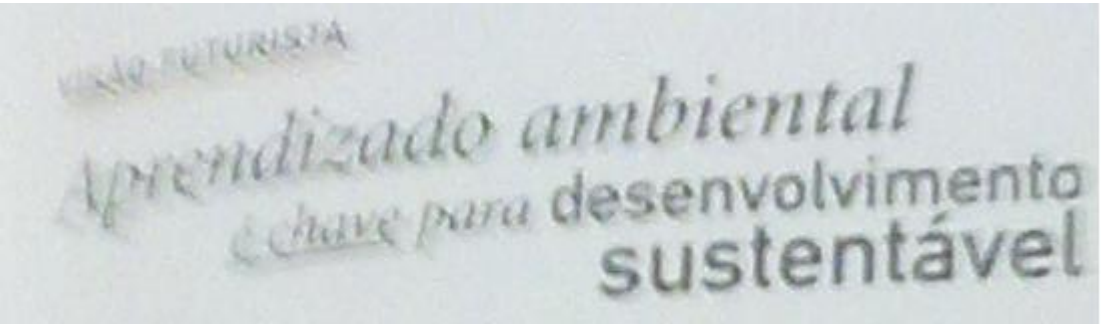

Figura 15 "Aprendizado ambiental é chave para desenvolvimento sustentável". Reportagem de Palavra do Coração

Assim como a questão da informática, o tópico da sustentabilidade se fez presente não

só nos horizontes de expectativa como também no espaço de experiência que o colégio vivenciou nos inícios dos anos 2000. Promovendo atividades que suscitaram os debates em torno da ecologia o Colégio buscou de forma dinâmica trabalhar tal questão, entendendo ser esta uma das chaves para um futuro próspero. A imagem a seguir mostra a preocupação em incentivar os alunos a pensarem na sustentabilidade e na ecologia a partir de uma gincana:

HOME | MEU CORAÇÃO | NOTÍCIAS | GALERIA DE FOTOS | CONTATO

Florianópolis, 05/11/2003

Sobre o Colégio
Matrículas
Jurerê Internacional
Educação Infantil
Fundamental 1-4
Fundamental 5-8
Ensino Médio
Terceirão
Educação Especial
Turno Integral
Banda

Notícias

1ª Gincana Ecológica
Quarta-feira, 05 de junho de 2002.

Um trabalho de estudo e proteção dos recursos naturais vai mobilizar os alunos, de 5 a 7 de junho, durante a Semana do Meio Ambiente. Trata-se da 1ª Gincana Ecológica, organizada pelo educador Joel Irineu Lohn, professor de Ciências e Coordenador do Centro de Ciências Fritz Müller, que inclui diversas atrações: concurso fotográfico com o tema "natureza preservada x natureza destruída"; caça ao tesouro (encontrar um espécime vegetal de grande valor histórico e ambiental na extensa área verde do Colégio); e desafio cultural, com questões sobre aspectos relacionados a Florianópolis. Simultaneamente ocorrerão oficinas sobre a importância da utilização racional dos recursos naturais e reciclagem de materiais. Haverá também exposição sobre a evolução histórico-ambiental de bairros e municípios, além da apresentação do teatro de fantoches.
Dia 8 de junho, 40 alunos do Laboratório de Iniciação Científica realizarão um dia de estudos em Balneário Camboriú, na estação ecológica Laranjeiras.

Usuário:
Senha:
entrar
esqueci a senha!
Acesse agora
Consulta biblioteca

Figura 16 Reportagem sobre da Primeira Gincana Ecológica, de 2003

O que as vontades que se anunciam em 1998 (e se mostram de forma mais palpável em 2003) mostram são os debates de principais temas que o Colégio julgou serem de destaque para a educação do novo milênio. Assim, informática e sustentabilidade ganham destaque nas atividades, nas agendas escolares e no site da escola, e desta forma, no cotidiano escolar.

Palavra do Coração traz em suas páginas não só o resumo do evento, mas os anúncios do que a escola estava preparando para o futuro. São anúncios de expectativas prósperas, nas quais esses novos temas requisitados pelo Tempo Presente serão contemplados. Os espaços de experiência e os horizontes de expectativas que se mostraram em meio às comemorações podem ser entendidos a partir da perspectiva de Koselleck:

> Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. (KOSELLECK, 2006, p.210)

O que os anais do congresso, *Palavra do Coração* e as notícias encontradas no site do Colégio nos mostram são vontades de mudança conforme as exigências do tempo. Discutir de maneira formal as novas necessidades no meio educacional proporcionou o debate e a

abertura do olhar para os novos temas e problemas relativos à educação. Entendendo que "de Florianópolis, o mundo contemplará a Educação do terceiro Milênio, através da janela do Coração de Jesus" (FEUSER, 1998, p.vii), a diretora da instituição apresenta-se como portadora das novidades educacionais que chegariam à educação naquele milênio que se abria. As mudanças vinham no tom de adequação aos novos modelos exigidos, ao novo mercado educacional que vinha se construindo na cidade, e às mais variadas ofertas para a educação. Adequar-se aos novos tempos significava sobreviver ao turbilhão de mudanças, à velocidade das transformações.

4.3 COMEMORAR PARA MODERNIZAR

Ao analisar as fontes impressas que contam versões das comemorações do centenário do Colégio Coração de Jesus foi possível perceber as vontades de divulgar a escola num novo milênio que se abre com o fim do século XX. Mais do que propagandear a escola, foi possível ver nos documentos a divulgação de modificações que seriam oferecidas naquele estabelecimento de ensino. Desta forma, além de construir-se como instituição tradicional de ensino na cidade de Florianópolis, o Coração de Jesus anuncia-se em seus momentos de exposição (e de comemoração) como o responsável por modernizações nas formas de ensinar.

Ativando as memórias – das ex-alunas, dos cronistas – e divulgando-as por meio dos jornais, o Colégio mostrou sua presença de um século na cidade de Florianópolis. Esta reafirmação de tradições mediada pelas memórias expostas nas páginas dos jornais dão o tom das festas: a espetacularização de histórias e memórias da escola, que contam versões de êxito em seus cem anos de prestação de serviços na cidade. Esta forma de comemorar pode ser entendida como uma negociação entre o tradicional e o moderno em meio às atividades do Colégio. Assim entende-se que

> Nesse sentido, a expectativa também pode ser o objeto de experiência. Mas nem as situações nem os encadeamentos de ações visadas pela expectativa podem também ser desde já objeto da experiência. O que distingue a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados, é o poder torná-los presentes, o estar saturada de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas. (KOSELLECK, 2006, p.312)

Ao mesmo tempo em que agrega valor positivo ao passado, a instituição divulga seus planos e horizontes de expectativa para um futuro próximo, repleto de possíveis modernizações e

modificações.

A tentativa de fixar seu lugar de destaque em meio à educação do Estado pode ser lida nos escritos produzidos em meios às comemorações. O Colégio, em suas narrativas, mostra uma vontade de construir-se e fixar este lugar de destaque na educação do estado, sempre contando seus feitos, seus pontos positivos e usando do passado para esta construção do presente.

Definir esta posição de destaque foi importante em meio às comemorações pois afirmou que, além de um passado cheio de predicados e ações de destaque quanto às formas de educar, tinha a capacidade e o conhecimento necessário para as modificações pretendidas e desejadas – no tempo dos computadores, das línguas estrangeiras, das sustentabilidades – para que estas fossem feitas sob a responsabilidade do Coração de Jesus, que tantas outras mudanças já tinha feito em seus cem anos de história. Por tudo isso o colégio entendeu estar *cem anos na frente*.

Ser responsável pela aderência a novos temas e problemas nas salas de aulas é um anúncio dos novos tempos que puderam ser lidos nos escritos da instituição. A comemoração pública, nas ruas da cidade, mostra-se como uma forma de diálogo entre o velho e o novo, entre o tradicional e o moderno. Assim, o Coração de Jesus anuncia os novos tempos, com novas formas de educar, incluindo em sua pauta temas como a sustentabilidade, a sexualidade, a informática: preocupações do tempo de mudanças que se apresentam na virada de século.

As mudanças que são apresentadas nos escritos do Coração de Jesus não dizem respeito apenas à inclusão de novos temas no sistema educacional. É, principalmente, uma definição de valores necessários para adequação de todas estas modificações. Assim, as propostas humanistas estão imersas no que o colégio está propondo para a educação no novo milênio.

Os horizontes de expectativa que se anunciam nas comemorações vem no tom de modificar a educação tida como tradicional ofertada na escola, mas mantendo os valores humanísticos, já propagados pela instituição. Portanto, assim como as festas, as mudanças propostas também se apresentam como um jogo, uma mediação entre o tradicional e o novo. Em meio às necessidades de um mercado, cada vez mais aberto, com múltiplas formas de educar, o Coração de Jesus se apresenta como uma possibilidade de mediação, de uma educação em prol dos valores cristãos e humanísticos, notadamente colocando em destaque seu lugar tido como consagrado.

Para além do ensino formal, das disciplinas e dos materiais didáticos, o diferencial que

a instituição acreditava ter era justamente a inclusão de tais valores em meio às novas abordagens do ensino.

Estes novos horizontes se anunciam também na ocupação do espaço urbano por parte do Colégio, que vai se modificando após as comemorações de 1998. Além da sede centenária do centro da cidade, o Coração de Jesus, juntamente com a Habitasul[43], abre as portas da nova sede da escola, em Jurerê Internacional, abrigando assim, uma nova elite econômica, em um dos bairros mais visados à época. Se nos inícios do século XX o centro da cidade – onde estava localizada a sede centenária – foi o espaço das elites, que o colégio abrigou em seus bancos escolares, no século XXI Jurerê Internacional é um dos bairros que se anunciam como promessa para esta elite, e que o Coração de Jesus vai também abrigar em sua nova sede. Este balneário era alvo de campanhas publicitárias, notadamente acerca da construção civil, como aborda Reinaldo Lohn a partir de suas pesquisas nos jornais locais:

> Em 1984, o anúncio de um grande empreendimento imobiliário no norte da ilha, que construiu um balneário para um mercado de alta renda, convidava: 'venha para Jurerê Internacional. E ganhe toda a Ilha de Santa Catarina como brinde'. (LOHN, 2011, p.176)

Desde a década de 1980 o referido bairro já anunciava seu público-alvo: as classes médias e altas da cidade. Desta forma, em inícios do século XX Jurerê Internacional já ganhava destaque como local turístico da ilha. E "enquanto isso, o desejo de construir a segunda casa na praia tomou conta dos segmentos de classe média e alta locais." (LOHN, 2011, p.177)

. A praia do Norte da Ilha ganhou adeptos destas classes, cujos filhos e filhas frequentavam o Colégio Coração de Jesus, fazendo assim a instituição ver ali um bom local para seus investimentos e projetos futuros. A empolgação com a nova sede pode ser lida na notícia sobre a abertura das matrículas para a nova sede:

[43] A Habitasul é uma empresa responsável por gerenciar o espaço da cidade conhecido por Jurerê Internacional. Em pesquisa entre alguns moradores da cidade, que buscava saber qual o melhor colégio particular da cidade, o Coração de Jesus foi eleito com maioria dos votos e por isso ocupou o espaço oferecido pela Habitasul.

Figura 17 Notícia da abertura das atividades da sede de Jurerê Inetrnacional

Atrelando a ideia de futuro ao bairro da nova sede e afirmando ser ele um local especial, que comportaria as mudanças educacionais observadas nos últimos tempos, o CCJ fez de Jurerê o seu novo investimento no futuro.

A vontade de expansão do Colégio se anuncia não só na nova sede de Jurerê, como também no projeto em construir a sede que ficaria localizada no bairro Santa Mônica. Além da proximidade com as duas principais Universidades do Estado (UDESC e UFSC), a localização permitiria uma concorrência direta com novas escolas que começam suas atividades em fins do século XX (como mostra o mapa da página 92). O alargamento na ocupação do espaço urbano é uma característica bem marcante nas propostas do Coração de Jesus. Esta conquista de novos territórios se dá por uma preocupação de mercado, entendendo que nestes bairros estariam seus prováveis alunos e alunas, e não mais apenas no centro da cidade. Com o crescimento urbano vivenciado por Florianópolis, o centro da cidade passa a competir com outros tantos bairros – como Santa Mônica e Jurerê Internacional. Assim, o Colégio entende isso como uma necessidade de adequar-se ao mercado educacional em expansão, com os projetos e a abertura de novas sedes.

Essa mediação entre o tradicional e o novo podem ser percebidas com mais ênfase nas formas de divulgar o Colégio em período de matrícula, na virada do século. De acordo com comunicação entre Ir. Norma Feuser, diretora da escola, e Aldo Granjeiro, datada de 1999, a melhor forma de divulgar a abertura das matrículas para o ano 2000 seria através de contato pessoal, feito por telefone. Deveriam ser abordados ex-alunos e ex-alunas, afirmando que o Coração de Jesus estava de portas abertas para seus filhos, netos, familiares e conhecidos.

Esta foi uma das formas de divulgação, a dita boca a boca, pela qual a instituição buscou divulgar-se, sempre atrelando o passado ao presente e consequentemente ao futuro. Este documento mostra a chave das comemorações centenárias: o elo entre passado e presente se mostra aqui. Vislumbrando o mercado educacional à época, seu objetivo em mostrar-se é referente à divulgação das propostas e modificações que o Colégio buscava alcanças. Assim, numa publicidade feita de forma pessoal – por meio de telefone – a escola buscou na intimidade com seus ex-alunos a arma para angariar novas matrículas.

Além das novas temáticas a serem abordadas, outros investimentos, notadamente na estrutura física da escola, podem ser percebidos, pois tais reformas/ampliações/construções foram divulgadas. A construção de uma ala nova, inaugurada em 1998/1999 abrigou novas salas de aula, além do novo laboratório de informática e do novo laboratório de ciências (química, física e biologia) e apontava a direção para uma escola moderna, informatizada, condizente com as necessidades do mundo que se abriu para o novo milênio.

Os horizontes de expectativa lidos nas páginas de jornal, nas agendas escolares, nas comunicações internas da escola e em seu site, mostram um futuro repleto de realizações e novidades, de modificações, de maior abrangência do público alvo. Porém, mesmo com bastante esperança no Colégio do futuro, seus planos não puderam ser concretizados. Em 2007 o Colégio Coração de Jesus foi vendido para a Rede Bom Jesus de Ensino – cuja mantenedora é a congregação Franciscana – e as expectativas da escola ficaram nos planos e projetos.

Desta forma é relevante perceber a trajetória do Colégio Coração de Jesus, desde os inícios das comemorações de 90 anos, em 1988 até sua venda em 2007. Esta trajetória aponta os investimentos, num primeiro momento nas memórias expostas por meio de crônicas, num espaço comprado no jornal *O Estado*, em publicidade que ativa o nível afetivo das memórias entre seus iguais, e ainda reunindo-as em dia de festa no interior da escola. Além disso, a escrita da história oficial para a trajetória do colégio em seus cem anos, de autoria de Maria Regina Boppré, dá o tom de narrativa oficial, construindo um lugar de destaque e mérito na educação catarinense.

Já as comemorações centenárias ampliam o público atingido pelas festas, tendo em vista que ganham as ruas da cidade, mostram-se não só para seus iguais, como para qualquer transeunte que avistasse o Colégio nas ruas, em festa. O Dia do Ex-Aluno e a Divina Festa do Divino foram exposições ao extremo da escola, congraçada por políticos, jornalistas, entre outros, que auxiliaram o Coração de Jesus em suas festas e na divulgação das mesmas.

Por fim, o Congresso de Educação organizado e promovido pelo colégio tem como público alvo um público diferente: o acadêmico. Com este congresso a instituição se mostra preocupada em discutir academicamente os desafios para a educação em novos tempos, anunciando assim a abrangência de novos temas a serem incluídos na pauta do colégio: é a mistura das antigas práticas pedagógicas que priorizam uma educação voltada à construção dos valores cristãos humanísticos, com novas abordagens, num tempo presente que se abre para o novo milênio. De acordo com Koselleck "romper o horizonte de expectativa cria, pois, uma experiência nova." (KOSELLECK, 2006, p.313). O Coração de Jesus transformou suas expectativas, tão divulgadas, numa experiência frustrante ao que se esperava da instituição. Ainda para o autor

> Quem acredita poder deduzir suas expectativas apenas da experiência, está errado. Quando as coisas acontecem diferentemente do que se espera, recebe-se uma lição. (KOSELLECK, 2006,p.312)

Analisando as ações da gerência da escola a partir dos seus projetos lidos nos escritos aqui analisados é possível entender que o Coração de Jesus, mesmo que tenha dedicado-se a esta atividade, não compreendeu as novas demandas do tempo presente. Suas modificações vieram num tom de reforma do que já estava posto na escola, mas não revolucionou seu sistema de ensino. Atrelada a isto, a construção da nova sede de Jurerê Internacional parece ter sido um erro estratégico. Ao investir nesta sede, deixou-se de lado o projeto inicial, da sede do bairro Santa Mônica. Como foi possível analisar, a região onde este situa-se abriga um grande número de escolas particulares que lá instalaram-se prevendo o público-alvo e consequentemente as prováveis matrículas. Já Jurerê Internacional, por ser um bairro praiano, cuja movimentação acontece com mais frequência nos meses do verão, era à época um destino de férias, não caracterizando-se como um foco de prováveis alunos. Entende-se assim que vários foram os fatores que levaram o CCJ a não concretização de seus horizontes de expectativas. Os investimentos foram reformistas, não revolucionários, tendo em vista que não quebraram as representações de uma escola religiosa e católica. Além disso, escândalos envolveram a venda da escola fazendo assim a instituição perder certa credibilidade frente à opinião pública. Os demais Colégios souberam entender o novo tempo que se anunciava, diferente do Coração de Jesus, que por vários fatores, teve que ser vendido poucos anos após a comemoração de seus cem anos.

Mesmo com a concretização parcial de tais expectativas, a venda da instituição impediu que tais projetos fossem efetivamente postos em prática, pois, novos tempos,

diferentes do até então previstos, estavam por vir para o prédio situado ao alto da colina, no centro da cidade de Florianópolis.

5. NO FECHAR DAS CORTINAS

O Colégio Coração de Jesus preparou minuciosamente suas comemorações. Pelas fontes produzidas pela instituição pode-se perceber as intenções da escola com as festas. Nelas imagens da escola são construídas, notadamente evidenciando a tradição em educar catarinenses, construindo-se como um dos pilares educacionais do Estado. Mas mais do que simplesmente fixar estas bases, a busca em reverenciar a história da escola, as memórias das ex-alunas ou o trânsito em determinados setores na sociedade, a escola buscou reafirmar seu lugar diante de seu público alvo a fim de modernizar a educação. Com os horizontes de expectativa alargados pelo Colégio, foi necessário o investimento no passado para que os projetos futuros tivessem seu lugar e seu êxito.

No primeiro capítulo foi possível notar o investimento no passado nas comemorações referentes aos noventa anos da escola. Investindo nas memórias das ex-alunas como forma de propagandear suas festas, e consequentemente divulgar suas atividades, o Colégio apareceu nos jornais locais como uma instituição local, bem quista pelos meios sociais, que louvaram o passado da escola, parabenizado seus feitos presentes em meios aos festejos dos noventa anos. Além disso, a edição e divulgação do livro de Maria Regina Boppré veio auxiliar na construção da versão oficial para a História da escola, que em seus escritos privilegiou a escola feminina, o Ensino Normal e o relato da festa dos noventa anos.

O entreatos deste trabalho debruçou-se nas comemorações centenárias que ganharam as ruas e os jornais locais. A partir de duas crônicas – dos irmãos Sérgio e Paulo da Costa Ramos – foi possível perceber traços biográficos, que uniram suas histórias pessoais de vida à história do Colégio. Além disso, o investimento em publicidades e em colunas sociais demonstra o investimento para que aquelas festas – do Centenário e do Divino Espírito Santo – fossem tidas como acontecimentos pela cidade que leu e vivenciou as festas do CCJ. Com os anúncios do passado e as perspectivas de um futuro próximo o Coração de Jesus celebrou seu centenário exibindo-se para a cidade que o festejou nas páginas dos jornais, ou mesmo nas suas festas que tomaram o espaço público do centro da cidade.

Entrelaçam-se assim História, Educação e Tempo Presente nos atos comemorativos do Colégio Coração de Jesus. Em fins do século XX a necessidade de modernização bate à porta do Colégio e este se vê em meio a um amplo mercado de ensino, com variadas ofertas e variadas formas de educar no ensino particular de Florianópolis. Novas escolas, com outras

propostas educacionais começam a se instalar na cidade, com uma nova gama de possibilidades para o ensino privado, apresentando ao Colégio uma necessidade de adequação a um mercado em expansão na cidade. Com seu padrão elitista e considerado tradicional houve necessidade de modificações e modernizações quanto à educação oferecida na instituição, haja vista que em fins do século XX o lugar das tradições e estabilidades encontra-se em crise. Com a perda desses lugares na sociedade as comemorações do Colégio foram um meio de redefinir seu lugar na cidade, na educação local, trazendo à tona o domínio deste mercado em tempos passados. Mais ainda, foi preciso reafirmar tradições, ou mesmo inventá-las, garantir sua voz autorizada, para garantir aderência às modernizações. Esta necessidade de adequação aos novos tempos, viabilizada pelo viés da reafirmação das tradições fica bastante evidente nas estratégias para as futuras matrículas, pensadas no ano de 1999, como evidencia o documento enviado pelo assessor de imprensa à Irmã Norma Feuser. Nele, alguns planos para divulgação das matrículas do Colégio são traçados, com base no público que as comemorações supostamente conseguiram atingir. Neste plano a principal divulgação da abertura das matrículas se dá a partir da formação de uma equipe de apoio que entraria em contato – telefônico ou pessoal – com ex-alunos. Segundo Aldo Granjeiro, "este trabalho seria impactante". Neste contato deveriam ser divulgados os diversos avanços do Colégio, avisando que o CCJ estava com matrículas abertas para seus netos, sobrinhos e conhecidos.

Gerir uma escola católica no Tempo Presente torna-se um problema e, portanto, modernizar torna-se o principal foco da escola. Assim, o Colégio encontrou-se entre o tradicional e o moderno e estes andam juntos no processo comemorativo. O Congresso de Educação aparece nas fontes como a principal comemoração, ou o principal ato desse decênio comemorativo. Com ele a escola reafirma o seu papel na educação catarinense, e mais ainda, mostra-se responsável por discutir academicamente propostas educacionais. Com Ir. Norma Feuser como conselheira estadual de educação no período e a promoção deste congresso o CCJ mostra-se disposto à (re)pensar a educação, aderindo-se novos temas, como Informática e Sustentabilidade, temas chaves para o século XXI. Pelos anais do congresso algumas vontades de modernização são mostradas. Centenários reafirmam tradições e auxiliaram a escola a manter seu lugar de destaque, mais ainda constroem e forjam laços identitários, movimentando uma parcela delimitada da cidade de Florianópolis. Esse lugar na educação da cidade, construído e forjado no seio das comemorações deu aval para modernizar a educação num momento de grande oferta educacional. Assim, a instituição católica buscou modernizar-se em uma adequação às demandas do Tempo Presente.

O show terminou, as luzes do palco se apagaram. Ao fechar suas portas centenárias em 2007 o Coração de Jesus mostrou que o espaço de experiência não corresponde ao horizonte de expectativa construído em meios às empolgantes comemorações. O futuro repleto de realizações, novas sedes, novas abordagens não pôde ser contemplado. As mudanças promovidas durante o curto espaço de tempo entre o centenário e a venda da escola não foram suficientes para que os projetos fossem concretizados. O Tempo Presente não é mesmo o lugar das tradições fixas. É um tempo de revoluções que o Coração de Jesus não soube diagnosticar.

DOCUMENTOS PESQUISADOS

Jornais Locais
Pesquisados na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina e em Acervo Pessoal da autora.

O Estado. **Informe Especial.** 11 de junho de 1988. Disponível em acervo pessoal da autora (doação da profª Tânia Regina de Oliveira Ramos) e na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

O Estado. **Publicidade.** Junho de 1988

Zury Machado. Jornal *O Estado*. **Nota em coluna social.** 12 de junho de 1988

O Estado. **Capa: divino, uma festa no centro. Reportagem.** P. 9, maio de 1998

A Notícia. **Passeata Reúne ex-alunos do CCJ.** AN Capital, Geral, p.4, 27 de junho de 1998

A Notícia. **Foto de Caio Cezar. Capa.** 27 de junho de 1998

RAMOS, Paulo da Costa. **100 anos**. In: *O Estado*, caderno opinião, p. 02. 26 de junho de 1998

RAMOS, Sérgio da Costa. **Divina Tradição.** In: Jornal *Diário Catarinense*, dia 8 do mês de maio de 1998, p. 63.

Moacir Pereira. **Nota em coluna**. *O Estado*, 26 de junho de 1998

Moacir Benvenutti. **Nota em coluna social**. *A Notícia*, 26 de junho de 1998

Diário Catarinense. **Ex-alunos do CCJ comemoram.** Geral, debate, p. 26, 27 de junho de 1998

Urbano. *O Estado*. **Nota em coluna social**. 26 de junho de 1998

Miro. *O Estado*. **Nota em Coluna Social.** 26 de junho de 1998

Juliana Wosgraus. *Diário Catarinense*. **Nota em coluna social.** 26 de junho de 1998

Ricardinho Machado. *A Notícia*. **Nota em coluna social.** 26 de junho de 1998

Urbano. *O Estado*. **Nota em coluna social.** 24 de junho de 1998

Moacir Pereira. *O Estado*. **Nota em coluna.** 24 de junho de 1998

Cesar Valente. *O Estado*. **Crônica "As meninas do Coração de Jesus"** 24 de junho de 1998

Raul Sartori. *A Notícia*. **Nota em coluna.** 23 de junho de 1998

Moacir Pereira. *O Estado*. **Nota em coluna.** 21 de junho de 1998

Urbano. *O Estado*. **Convocação Geral.** 13 e 14 de junho de 1998

Diário Catarinense, *O Estado* e *A Notícia*. **Publicidade: Você está convidado para o maior reencontro da cidade.** 21 de junho de 1998

O Estado, Reportagem: **Tradicional educandário comemora o centenário com missa. Festividade**

vai reunir ex-alunos. 20 e 21 de junho de 1998
Moacir Benvenutti. *A Notícia*. **Encarte de coluna social com fotos da festa.** 6 de julho de 1998

Palavra do Coração

- Palavra do Coração. Fevereiro de 1998. Ano 1, nº 7
Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

- Palavra do Coração. Junho de 1998. Ano 1, nº 11
Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

- Palavra do Coração. Julho de 1998. Ano 1, nº 12
Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

- Palavra do Coração. Agosto de 1998. Ano 2, nº 13
Acervo Pessoal

- Palavra do Coração. Edição Especial Festa do Centenário. Agosto de 1998.
Acervo Pessoal

- Palavra do Coração. Edição Especial Festa do Divino. Junho de 1998.
Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

Livros

BOPPRE, Maria Regina; COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS (FLORIANÓPOLIS, SC). **O Colegio Coração de Jesus na educação catarinense:** (1898-1988) .Florianópolis: Lunardelli: Colégio Coração de Jesus, 1989

COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS (FLORIANÓPOLIS, SC). CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1., 1998 Florianópolis, SC; COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS (FLORIANÓPOLIS, SC). **Anais ...** Florianópolis: COPYFLO, 1998.

Agendas Escolares (Acrevo Pessoal da Autora)

Agenda Escolar, ano 2000
Agenda Escolar, ano 2001

Arquivos do site do Colégio Coração de Jesus através de web.archive.org (Acesso em 3 de fevereiro de 2013)

http://web.archive.org/web/20030509071527/http://www.coracao.net/noticias/noticia.phtml?id=89

http://web.archive.org/web/20031105174135/http://www.coracao.net/noticias/noticia/60

http://web.archive.org/web/20030401095706/http://www.coracao.net/atividades/informatica.phtml

http://web.archive.org/web/20040107201342/http://www.coracao.net/noticias/noticia/450

http://web.archive.org/web/20030906030625/http://www.coracao.net/jurereinternacional/

http://web.archive.org/web/19980425065100/http://coracao.g12.br/

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago. **Entre saias de pregas e calças compridas:** a co-educação no Colégio Coração de Jesus (1971-1978). 2010. 102 p. : TCC (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Centro de Ciências Humanas e da Educação, Curso de História, Florianópolis, 2010. Disponível em : <http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/00000000000F/00000FB8.pdf>.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de Albuquerque. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de Teoria da História; Bauru, SP: Edusc, 2007.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. Fronteiras internas: urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20. In: BRANCHER, Ana. **História de Santa Catarina: Estudos Contemporâneos.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

ARTIÉRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Revista de Estudos Históricos. V.11 n. 21. 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BIANCHEZZI, Clarice. **Entre documentos e narrativas, marcas de identidade: a organização dos dois primeiros centros de desenvolvimento infantil e as religiosas da Fraternidade Esperança.** Florianópolis, SC, 2009. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação

_____. Novos rumos dentro da Igreja: a comunidade de religiosas Fraternidade Esperança. In: SOUZA, Rogério Luiz de. OTTO, Clarícia (orgs). **Faces do Catolicismo.** Florianópolis, Insular, 2008

_____. **Religiosas dissidentes:** memórias de tensões na Igreja Católica de Florianópolis (1968 – 1978). Universidade do Estado de Santa Catarina, 2005.

BOPPRÉ, Maria Regina. **O Colégio Coração de Jesus na Educação Catarinense**. Florianópolis: Colégio Coração de Jesus: Lunardelli, 1989

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis, RJ:Vozes,2008

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs). **História em Cousas Miúdas:** capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

_____. **Defesa e Ilustração da Noção de Representação.** In: *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011

_____. **A historia cultural: entre praticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Portugal. Difel, 1989.

CHAUVEAU, Agnès. TÉTART, Phillippe (orgs). **Questões para a história do presente.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CHEREM, Rosangela Miranda. Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina. In: BRANCHER, Ana. AREND, Sílvia Maria Fávero (orgs). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS. Publicidade veiculada nos meios televisivos no ano de 1998. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Dnug_KQZ5eM, com acesso em 14 de fevereiro de 2012.

CUNHA, Maria Teresa Santos. LEAL, Elisabeth Juchem Machado. **A educação da mulher:** uma visão do cotidiano de um colégio religioso feminino. Relatório de Pesquisa. UFSC. 1991.

_____. Mensageiro de Sociabilidades: estudo sobre um jornal escolar infantil (Florianópolis, 1946 – 1952). In: MORGA, Antônio Emilio. (org) **História, cidade e sociabilidade.** Itajaí: Casa Aberta Editora, 2011.

_____. Diários Pessoais: Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. DE LUCA, Tania Regina (orgs). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

DALLABRIDA, Norberto. **Fabricação Escolar das Elites:** o Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 5ª edição: Curitiba, Ed. Positivo, 2010. O verbete *comemorar*.

FERRARO, Jaqueline. **Florianópolis re-contada sob os olhos de Sérgio da Costa Ramos**. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

GONÇALVES, Janice. **Sombrios umbrais a transpor:** arquivos e historiografia em Santa Catarina no século xx. 2006. 2 v. : Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de Si, Escrita da História.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade .** 6. ed. . Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: Time, History and the Writimg of History: the Order of Time. In: KVHAA *Konferenser* Stockholm 1996. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#*

HEINZ, Flávio Madureira (org). **Por uma outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

JORNAL *O ESTADO*. **Informe Especial.** Florianópolis, 11 de junho de 1988.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2006.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Espaço urbano brasileiro: entre a ditadura e a democracia – o caso de Florianópolis, SC** (1964-1990) Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 24, nº 47, p. 162-181, janeiro-junho de 2011.

MARTINI, Estela Maris Sartori. **Mulheres destinadas ao êxito**: Trajetórias Escolares e Profissionais de Ex- Alunas do Curso Científico do Colégio Coração de Jesus de Florianópolis (1949/1960). Dissertação. Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa

MEDEIROS, Ricardo. **No tempo da sessão das moças.** Florianópolis: Insular, 2009.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Sobre coisas de outros tempos: rastros biográficos nas crônicas de Cecília Meireles na 'Página de Educação'. In: **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 14, n. 30 p. 81-99, Jan/Abr 2010. Disponível em: http//fae.ufpel.edu.br/asphe

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do eu:** educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis : Mulheres 2000.

MUDROVIC, Maria Inês. Por que Clio retornou a mnemosine? In: AZEVEDO, Cecília et al. (orgs). **Cultura política, memória e historiografia.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História,** São Paulo, n.10, dez. 1993.

PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: SCHMITT, Jean-Claude. LEVI, Giovanni. **História dos Jovens 2.** Companhia das Letras, São Paulo, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2007, vol.27, n.53

RAMOS, Francisco Régis Lopes. As utilidades do passado na biografia dos objetos. In: **Futuro do Pretérito. Escrita da História e História do Museu.** Fortaleza: Instituto Frei Tito Alencar/ Expressão Gráfica Editora, 2010.

RICOEUR, Paul, **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Ed. da UNICAMP 2007.

RODRIGUES, Pedro Eurico. **Do on-line para off-line:** sociabilidades e cultura escrita proporcinadas pela internet no Brasil do século XXI (2001-2010). Universidade do Estado de Santa Catarina, 2012.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. **Tempo Presente: notas sobre a mudança de uma cultura.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 2005.

SCHMIDT, B.. Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos.. **Revista Estudos Históricos**, América do Norte, 10, jul. 1997. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040/1179. Acesso em: 7 Mar. 2012.

SILVA, Helenice Rodrigues. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (orgs). **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

SOUZA, Rogério Luiz de. OTTO, Clarícia (orgs). **Faces do Catolicismo.** Florianópolis, Insular, 2008.